

Maria Liduina de Oliveira e Silva • Fabrício Gobetti Leonardi •  
Raiane Patrícia Severino Assumpção • Letícia Martins dos Santos Quintas  
• Mariana da Rocha Gatto • Stephany Santana de Moraes •  
Thaynara Leandro dos Reis • Thayna Cristine da Silva Sousa • (Org.)



# **EDUCAÇÃO POPULAR E UNIVERSIDADE:**

VIVÊNCIAS A PARTIR DA EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO

UNIFESP







# EDUCAÇÃO POPULAR E UNIVERSIDADE:

**VIVÊNCIAS A PARTIR DA EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO**

Maria Liduina de Oliveira e Silva

Fabrcio Gobetti Leonardi

Raiane Patrícia Severino Assumpção

Letícia Martins dos Santos Quintas

Mariana da Rocha Gatto

Stephany Santana de Moraes

Thaynara Leandro dos Reis

Thayna Cristine da Silva Sousa

(Org.)



# EDUCAÇÃO POPULAR E UNIVERSIDADE:

VIVÊNCIAS A PARTIR DA EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO

**Projeto gráfico e diagramação:** Suelen Carlyne Polese de Magalhães

**Arte da capa:** Suelen Carlyne Polese de Magalhães

**Imagem da capa:** [Freepik.com](https://www.freepik.com)

**Revisão:** Rosimeire da Silva Dias Veronezzi

Todas as imagens e textos deste livro são de autoria e responsabilidade dos autores.

E24

Educação Popular e Universidade: vivências a partir da extensão, pesquisa e ensino / Organização de Maria Liduina de Oliveira e Silva *et al.* -- 1ª ed. -- Santos : Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2022. -- 127 p.

ISBN: 978-65-00-46930-1 (on line)

ISBN: 978-65-00-47125-0 (versão impressa)

1. Educação popular. 2. Universidade. 3. Pesquisa. 4. Extensão.  
5. Ensino. I. Silva, Maria Liduina de Oliveira (org.) II. Título.

CDD 370.1931







# AGRADECIMENTOS

Como nos coloca Paulo Freire, no livro “Pedagogia do Oprimido”, escrito em 1968 quando encontrava-se exilado no Chile, “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.” É com essas palavras que gostaríamos de abrir este livro, pois foi nessa busca esperançosa que muitos encontros se deram desde que o PET Educação Popular “criando e recriando a realidade social” surgiu. Gostaríamos de agradecer imensamente aqueles que se aproximaram e puderam partilhar a perspectiva de educação popular freiriana por meio de vivências e ações concretas na realidade desde 2010.

Este livro é um apanhado histórico, mas atual. É uma reunião de relatos, textos, reflexões, processos, partilhas, que versam sobre nosso sonho de construir uma educação libertadora, um mundo de liberdade. Ainda há muito que ser construído e o caminho é árduo, não temos dúvida. A verdadeira práxis revolucionária não se nutre de seres apenas caminhantes, mas de seres que se envolvem com o caminhar, que são capazes de mudar, mudando a si mesmos também. Somos indivíduos sociais e pintamos o quadro da vida em múltiplas linguagens. É por isso que este livro também carrega diferentes apostas acadêmico-estético-políticas. Por meio de fotografias, poesias, relatos, ensaios e reflexões teóricas, olhares que abordaram com muito carinho e rigor o universo do PET Educação Popular.

Nessa jornada, tivemos diversas frentes de trabalho. Frentes que contribuíram demais com as temáticas às quais se propuseram aprofundar. A elas agradecemos também, já que contribuíram com o

adensamento de nossa história, e marcaram cada período do grupo. Também destacamos o trabalho das atuais frentes de luta e trabalho que compõem o PET Educação Popular e que tiveram importantes contribuições nos últimos anos, sendo elas: Frente Cultura da Palavra no Morro da Penha; Frente Cultura e Resistência Indígena; e a Frente Cultura da Palavra e Saúde Mental - das quais agradecemos não apenas pela colaboração, mas também pela sua resistência frente aos desafios enfrentados durante a pandemia da Covid-19.

Agradecemos também o curso de Serviço Social da Unifesp, o Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais da Unifesp, MEC e FNDE que tornaram possível os meios para produção e construção deste projeto e a permanência do PET nos espaços em que ocupa, espaços esses que sempre receberam o Programa de braços abertos, trocando e ajudando a construir essa rede de aprendizado mútuo, tão importante para os círculos de cultura e da educação popular.

Organizadoras/es

Ao patrono do PET Educação Popular, o mestre Paulo Freire, que se tornou Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de São Paulo.

## EDUCAÇÃO POPULAR

*Aprender que o aprender  
Não está somente no ler e escrever  
Mas que existem outras formas de saber  
A do viver, a do sentir, de quem chora de quem ri  
Da dona Maria ao seu João  
Que contam histórias com muita emoção  
Do pescador ao catador de latinha  
Que vive na rua aprendendo com a vida  
Do samba de roda ao boi de mamão  
Que cantam cultura através da canção  
Do grafite no muro a pipa no ar  
Que pintam pro mundo educação popular*

Eliton Clayton Rufino Seara

# **EDUCAÇÃO POPULAR E UNIVERSIDADE:**

**VIVÊNCIAS A PARTIR DA EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO**

Santos, 2022

# SUMÁRIO

**AGRADECIMENTOS, 11**

**APRESENTAÇÃO, 19**

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET EDUCAÇÃO POPULAR:**

criando e recriando a realidade social guiado no esperar Freiriano!, 19  
Maria Liduina de Oliveira e Silva, Fabricio Gobetti Leonardi e Raiane Patrícia Severino Assumpção

**POESIA: "Se Tudo Isso Existe", 44**

Fabricio Gobetti Leonardi

**PREFÁCIO, 46**

A Educação Popular: sobre a vida e seus encontros, 46

Mauro Luis Iasi

**PARTE I: EDUCAÇÃO POPULAR: FUNDAMENTOS PARA A VIDA SOCIAL, 50**

**Capítulo 1:** Os "anos sessenta-setenta" e os começos do que veio a ser a educação popular, 51

Carlos Rodrigues Brandão

**Capítulo 2:** PAULO FREIRE E A UNIVERSIDADE PÚBLICA SOCIALMENTE REFERENCIADA: caminhos pela indissociabilidade extensão, pesquisa e ensino, 89

Maria Liduina de Oliveira e Silva, Fabricio Gobetti Leonardi, Raiane Patrícia Severino Assumpção e Thais Lasevicius

**Capítulo 3:** A contribuição da Educação Popular na construção da Universidade Pública Democrática e Popular, 105

Francisca Rodrigues Pini e Juliana Fracaro da Silva

**Capítulo 4:** PET EDUCAÇÃO POPULAR - UNIFESP: Práticas extensionistas que reeducam, 115

Patrícia Martins Goulart

**Capítulo 5:** MERGULHOS NO PET EDUCAÇÃO POPULAR: horizontalidade e movimentação entre psicologia e educação popular, 125

Camilla Padoim

**Capítulo 6:** MANOEL E NOÇÕES DE LETRAMENTO, 136

Júlia Menezes Alonso

**PARTE II: VIVÊNCIAS DAS FRENTES DE TRABALHO DO PET EDUCAÇÃO POPULAR: da teoria à práxis que transformam, 144**

**POESIA: "Animal Irracional", 146**

Leandro Fome

**Capítulo 7:** FRENTE CULTURA DA PALAVRA E SAÚDE MENTAL: Paulo Freire e Saúde Mental na rede de saúde do município de Santos/SP, 148

Fabricio Gobetti Leonardi, Letícia Martins dos Santos Quintas, Mariana da Rocha Gatto, Beatriz Ferreira Pontes e Thaynara Leandro dos Reis

**POESIA: "Efeitos Colaterais", 158**

Edison de Castro

**Capítulo 8: FRENTE CULTURA DA PALAVRA MORRO DA PENHA, 159**

Beatriz de Lima e Silva, Gisela Santos da Silva, Graziela Massi e Isadora Rovani Vieira

**POESIA: "Jurua, Jurua", 169**

Leila Hatai e Fabrício Gobetti Leonardi

**Capítulo 9: FRENTE CULTURA E RESISTÊNCIA INDÍGENA: a**

produção de conhecimentos acadêmicos a partir do encontro com a cosmovisão Guarani vivenciada na Tekoá Paranapuã, 171

Raiane Patrícia Severino Assumpção, Thayna Cristine da Silva Sousa, Marina Massote, Stephany Santana de Moraes, Luma Carolina Rocha Lemos, Patrícia Scherer Guerra, Leila Miyoko Hatai, Bruna Freire de Carvalho, Wera Mirim Ronildo Amandios, Karai Mirim Gilson Samuel dos Santos e Para Poty Eliana Macena

**PARTE III: TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES: narrativas dos participantes do PET EDUCAÇÃO POPULAR, 183**

**Narrativa 1: NÓS SAÍMOS DO PET, MAS O PET NÃO SAI DA GENTE!**

Relato de experiência em Educação Popular, 185

Aline Lúcia de Rocco Gomes e Valéria Aparecida de Oliveira Silva

**Narrativa 2: À primeira vista, 194**

Raiany Neves Silva

**Narrativa 3: Minha Trajetória, 199**

Maria Clara dos Santos Oliveira

**Narrativa 4: O cuidado se faz no encontro, 202**

Beatriz Ferreira Pontes

**Narrativa 5: O vínculo, 205**

Letícia Martins dos Santos Quintas

**Narrativa 6: Educação popular é para mudar o mundo, 207**

Héric Moura Rodrigues

**Narrativa 7: Aprender de cada encontro, 209**

Jady Vilanova Aldá

**Narrativa 8: Problematizar refletir e cuidar, 211**

Cesar Henrique de Souza Inoue

**Narrativa 9: Vivências e aprendizados a partir da troca, 212**

Maíra Gabriel

**Narrativa 10, 213**

Marina Mara Stracini

**Narrativa 11: Minha vivência espetacular na UNIFESP BS, 215**

Thais Ishimoto Tanabe da Silva

**SOBRE OS(AS) AUTORES(AS), 216**

HISTÓRICO DOS PARTICIPANTES DO PET EDUCAÇÃO POPULAR:  
CRIANDO E RECRIANDO A EDUCAÇÃO POPULAR (2010-2022), 225

**GALERIA DE FOTOS, 230**







# APRESENTAÇÃO

## **PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET EDUCAÇÃO POPULAR: criando e recriando a realidade social guiado no esperar Freiriano!**

Maria Liduina de Oliveira e Silva  
Fabricio Gobetti Leonardi  
Raiane Patrícia Severino Assumpção

*Suplicamos expressamente:  
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural.  
Pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada,  
de arbitrariedade consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural  
Nada deve parecer impossível de mudar.  
BRECHT, Bertolt. Nada é impossível de mudar.  
In: Antologia poética.  
Rio de Janeiro: Elo, 1982.*

A criação e implantação Programa de Educação Tutorial (PET), à época chamados de Programa Especial de Treinamento, foi em 1979, pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que tinha como presidente Cláudio de Moura Castro. Vale lembrar que este foi um período marcado pelo final da ditadura civil e militar, que se implantou no Brasil, a partir de 1964 e pela transição do governo Ernesto Geisel para o governo de João Figueiredo. Apesar da promessa de abertura política, que passa a ser negociada a partir de 1974, este período é ainda de um regime truculento, repressivo e já consolidado no que diz respeito à condução das políticas econômicas e sociais no país.

A política de ensino superior na ditadura promoveu nos fins de 1968 e 69 a reforma universitária, que tinha como objetivos modernizar a universidade, em face dos desdobramentos do processo de industrialização, do crescimento dos espaços urbanos e das necessidades e interesses mais gerais do capitalismo no Brasil. A constituição de quadros qualificados para o mercado de trabalho e o “nascimento” lideranças forjadas na elite e comprometidas com suas pautas, eram imprescindíveis à continuidade do processo de “coesão” social interna, almejada pelo projeto de desenvolvimento em curso. No panorama internacional de “Guerra Fria”, a subserviência, especialmente aos EUA, impõe possibilidades de acordos e cooperações em várias áreas, entre elas da educação.

Nesse período, a construção dos princípios e diretrizes da reforma universitária e das políticas educacionais em geral eram fortemente influenciadas por essa “ajuda” externa, com acordos de cooperação técnica e financiamento junto à USAID (United States Agency for International Development), e apoio de outras agências como, a fundação Ford, Rockefeller, Banco Mundial, etc.

Para Cláudio de Moura Castro<sup>1</sup>, recém convidado a presidente da CAPES em 1979, “quanto mais moderna a sociedade, mais a qualidade

1 <https://petagronomia.ufc.br/wp-content/uploads/2020/11/o-pet-visto-por-seu-criador.pdf>. Acesso: 31/03/2022.

de suas lideranças depende da qualidade de suas escolas”. Nesse sentido, suas ações priorizaram a constituição de políticas que pudessem filtrar, separar e promover essas “grandes individualidades”, capazes de levar a cabo esse imenso desafio colocado pelo projeto desenvolvimentista da ditadura civil-militar. Separar o “joio do trigo”. Conforme seguem suas palavras:

Em qualquer sociedade, alguns estão em posições mais próximas do topo. Como quer que os chamemos, são os que mandam, os que criam moda, os que mudam os rumos da ciência, da sociedade, da política e da economia. Nas tribos, os caciques são escolhidos pela sua competência com a borduna. Os pajés pelo seu conhecimento de farmacologia e psicoterapia. Na Somália, são chefes que têm mais Kalashnikovs e gosto de usá-los. Em sociedades modernas, os critérios mudaram. Agora conta a capacidade intelectual, a liderança pelo poder das idéias e a capacidade de implementação. Portanto, quanto mais moderna a sociedade, mais a qualidade de suas lideranças depende da qualidade de suas escolas. Para os mais bem dotados – e não apenas para os mais ricos – devem ser reservadas as melhores escolas, os melhores professores e recursos diferenciados. (CASTRO, 2000)

E mais:

A história não é feita por comitês, por votação, por assembleias, mas por líderes. Grandes homens mudaram a história, construíram impérios econômicos e revolucionaram a ciência (...). Quando uma grande empresa está por afundar, não se nomeiam comitês mas um grande nome para salvá-las. CASTRO, 2000)

Para Castro, conforme relato apresentado, é muito importante proceder à formação de “verdadeiros líderes”, valorizar e promover as “pessoas dotadas”, capazes de resolver os problemas coletivos. A figura individual adquire status conforme sua capacidade, desenvoltura e aptidão nos meios acadêmicos. Assim, o Programa Especial de Treinamento materializa esta concepção de formação pautada na “meritocracia”. Influenciado pelos *honor schools* americanos, o programa buscou, em sua fase inicial, formar jovens mestres e doutores (antes dos 30 anos) a partir da cessão de uma bolsa e uma contratualidade que permitissem que o/a

“jovem talento”, selecionado por critérios de desempenho, pudesse se dedicar integralmente à formação acadêmica, incluindo a formação na língua estrangeira, que passava a ser também uma obrigatoriedade. Ser petiano(a) adquire *status* de diferenciação e privilégio, inclusive com incentivos aos seus membros que passaram a receber pontos extra em processos seletivos de Programas de Pós-Graduação, simplesmente pelo fato de serem petianos(as) egressos(as).

Embora o programa tivesse um alinhamento e um papel na política de educação e no projeto de desenvolvimento em curso no período, o foco e a motivação da formação é estritamente individual e individualizante. A competitividade é a força motriz. Forja-se no seio das universidades, já historicamente compostas majoritariamente e tradicionalmente pela classe dominante, um grupo de pessoas com destaque, a partir de critérios meritocráticos, financiadas com o propósito de permanecerem e se consolidarem como a elite acadêmica e o celeiro de lideranças do país. Nada mais endógeno e ensimesmado.

Com a derrocada da ditadura civil-militar, a trajetória do PET passa por algumas mudanças significativas. Entre 1986 e 1989, a CAPES triplicou o número de grupos, aumentou em 60% a quantidade de Instituições de Ensino Superior (IES) com a presença de grupos PET e estabeleceu a responsabilização das mesmas na gestão do PET. Já entre 1990 e 1992, há um aumento desordenado em que a quantidade de grupos salta de 77 para 237. E entre 1993 e 1994, há uma fase de consolidação com melhorias significativas na gestão do programa (MELO FILHO, 2019).

Em 1995, com o novo cenário político que marca a eleição de Fernando Henrique Cardoso e seu projeto neoliberal, iniciou-se um período de tentativas sucessivas de fechamento do Programa Especial de Treinamento. Todavia, a força organizativa dos Programas e dos(as) petianos(as) pelo país provocou um movimento de mobilização que impediu que ele fosse fechado.

## Segundo Da Rosa (2020),

A partir de 1995, a prioridade do Ministério da Educação e Cultura, dirigido então pelo Prof. Paulo Renato, passou a ser o fortalecimento das iniciativas educacionais privadas, o que demandava a subtração de recursos do setor público. Para justificar a extinção do PET, foram feitas avaliações externas do programa. Porém, a avaliação feita pela equipe da Profª. Elizabeth Balbachevsky, e divulgada em abril de 1999, revelou que o PET cumpria e superava seus objetivos e se encontrava num patamar superior a outros programas destinados à graduação e subvencionados pelo setor público (p.12).

Nesse período havia a nítida tentativa de desidratação da forma PET como política institucional: falta de suporte político, administrativo, o pagamento de bolsas com enormes atrasos (chegando a 2 anos).

No ano de 1999, a gestão do Programa passa da CAPES para a SESu (Secretaria de Ensino Superior) do Ministério da Educação, mas os problemas continuam. Vale ler a Carta de Araraquara e ver como se desenvolvem os processos de mobilização em defesa do Programa e da educação pública, a despeito dos pressupostos e propósitos de origem do PET.

Esse binômio “mobilização contra a extinção” versus “tentativas de desidratação” foi a tônica até o governo Luiz Inácio Lula da Silva, que teve uma postura mais institucional com o Programa. Em 2005 é publicado o Manual de Orientações Básicas, com a criação da comissão de Acompanhamento e Avaliação. O Programa de Educação Tutorial, em substituição ao Programa Especial de Treinamento, é oficialmente instituído pela Lei 11.180/2005 e regulamentado pela Portaria nº 976/2010 (alterada e republicada em 2013). A partir de 2005 o programa se expande, numericamente e territorialmente, abrangendo todo o país. Neste mesmo período, em 2005, no conjunto da comunidade petiana surge o movimento denominado de MOBILIZA PET, com o objetivo de promover a articulação de petianos(as) em estado permanente de mobilização, resistência e defesa da educação com base nas relações tutoriais, ação interdisciplinar e produção de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, dentre outros desafios.

A partir de 2010, há uma fusão com o “Programa Conexão de Saberes” e novas alterações, por portaria específica, no funcionamento do programa. Neste período, o programa passou a contar com 842 grupos, em 121 instituições de ensino superior federais, estaduais, municipais, públicas e privadas, com 9.348 estudantes e a aplicação de R\$ 6.730.560,00 em custeio, R\$ 44.870.400,00 em bolsas para tutores e R\$ 18.696.000,00 em bolsas de discentes (MELO FILHO, 2019).

Evidencia-se, assim, que a trajetória do PET é marcada por um histórico de contradições (alinhamento com o projeto elitista e meritocrático de universidade versus o protagonismo e ampliação do acesso ao desenvolvimento científico e tecnológico), os tensionamentos (a institucionalização e a “desidratação” do programa como política), as resistências (a mobilização da comunidade petiana e a ampliação de grupos do programa) e os desafios (garantir o programa de forma institucional: com apoio político, administrativo e financeiro; garantir a efetivação da proposta petiana no cotidiano das universidades). De um lado, passou e passa por muitas crises, com tentativas de extinção e cortes de recursos. Por outro, cresceu e revela indicadores de qualidade na melhoria dos cursos de graduação, qualificação das atividades acadêmicas, publicação de artigos científicos, realização de eventos, promoção da cidadania e experimentação de atividades inovadoras e interdisciplinares de formação acadêmica.

## **O PET Educação Popular**

O Programa de Educação Tutorial de Educação Popular: criando e recriando a realidade social – doravante chamado de PET Educação Popular –, criado em dezembro de 2010<sup>2</sup>, atualmente é formado por duas docentes, um técnico em educação e 16 estudantes petianos(as) (como bolsas e voluntários) da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista (UNIFESP – BS).

---

2 Vide em Assumpção RPS, Leonardi FG. Educação popular na universidade: uma construção a partir das contradições reflexões e vivências a partir do PET educação popular da UNIFESP Baixada Santista. Revista e-Curriculum. 2016;14(2):437-62. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/27448/20349>.





Entre março de 2020 até março de 2022, excepcional e atipicamente, se manteve de forma remota acompanhando as deliberações da política de graduação da Unifesp e do governo federal. Isso ocorreu, por conta da crise sanitária, decorrente da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que alterou substancialmente a realidade brasileira e mundial.

As atividades seguiram acontecendo de forma remota por diferentes plataformas digitais, ainda que com limites e sofrendo alguns prejuízos por não serem presencialmente. De modo geral, as atividades acadêmicas se mantiveram, por meio da plataforma digital do google meet, zoom, classroom e outras. Foi mantido o compromisso com os sujeitos e com as comunidades envolvidas no trabalho realizado.



Cabe destacar também que a Unifesp e o PET Educação Popular estão vivendo a transição do ensino remoto para o ensino presencial com segurança e processual. Retornar à presencialidade está sendo um imenso desafio. Problemas existem e existirão, por outro lado o (re)encontro presencial com estudantes, técnicos e docentes traz a esperança da humanização no processo formativo e da convivência na comunidade acadêmica.

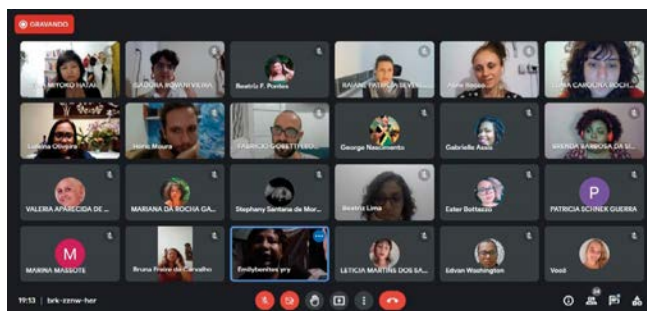
Desde sua formação, o PET Educação Popular busca construir um espaço educacional interdisciplinar em que se vivenciem, pela educação popular, processos de ensino/aprendizagem e de construção do conhecimento, por meio da formação em ensino, pesquisa e extensão, de forma comprometida com a transformação da realidade social, na perspectiva da emancipação humana dos sujeitos.



A educação popular, fundamentada no referencial teórico-metodológico de Paulo Freire, é feita com o povo, com os(as) oprimidos(as). Esta concepção assume um compromisso com o processo emancipatório das pessoas e, portanto, um projeto de sociedade libertadora. A Educação Popular caracteriza-se como um movimento pedagógico e político, que defende uma sociedade justa e democrática em que a classe oprimida e explorada toma consciência de sua condição de opressão e das raízes dos problemas que a afetam.

Nessa trajetória do PET Educação Popular, de 12 anos, é importante destacar, conforme aponta Assumpção & Leonardi (2016), uma

práxis (ação-reflexão-ação) efetiva, havendo um alinhamento entre concepções teóricas e intencionalidades políticas. O desenvolvimento das ações do grupo tem a intencionalidade política da educação, a interdisciplinaridade e a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão sendo efetivada pelas experiências de formação vividas.



As ações do PET Educação Popular sempre foram orientadas por temáticas emergentes da realidade local e por espaços em que foi possível realizar articulações, tendo como forma de organização a atuação por frentes de ação. Ao longo da existência do PET várias frentes foram criadas para dar conta das demandas e questões apresentadas pelo cotidiano concreto vivido.

*FRENTE EDUCAÇÃO POPULAR E JUVENTUDE:* atividades formativas lúdicas nos espaços públicos e na Universidade para abordar a temática juventude e os direitos humanos numa perspectiva de classe, gênero e etnia. Atuou com os jovens do Programa “Guardião Cidadão” da Prefeitura de Santos.



*FRENTE CORPO, CULTURA E COMUNICAÇÃO*: responsável pela divulgação dos trabalhos construídos pelo grupo através de diversas mídias, como blogs, folhetins e redes sociais. Além disso, realizou rodas de conversas, teatro, fórum, oficinas e exposições abordando a questão do corpo socialmente construído e a diversidade de gênero.



*FRENTE EDUCAÇÃO PRISIONAL E GÊNERO*: atuação com as mulheres em situação de cárcere da cidade de Santos, assim como com os(as) que trabalham nos presídios (foco na ideologia que permeia as relações). No ano de 2010 realizou sistematização das redações do Concurso “Escrevendo a Liberdade”, realizado com presidiários de diversas localidades, tendo também participado da construção do seminário “Encarceramento em massa: símbolo do Estado Penal”, do Tribunal Popular: O Estado no banco dos réus.



*FRENTE JUVENTUDE, IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO:* atividades formativas em educação popular com jovens de escolas municipais da cidade de Santos. Em 2011, com a EMEF Cidade de Santos (9º ano) e EMEF Leonardo Nunes (8ª série). A frente se dividiu em dois grupos para trabalhar com uma turma de cada escola, tendo a segunda escola a peculiaridade de atuar com uma sala de jovens matriculados no EJA (Ensino de Jovens e Adultos).



*FRENTE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE:* apoio aos usuários e estímulo à sua participação política nas políticas sociais – atuação na SECASA (Seção Casa de Apoio e Solidariedade ao Paciente com Aids), em Santos.

*FRENTE EDUCAÇÃO POPULAR E O DIREITO À CIDADE:* formação com movimentos sociais de moradia e comunidade em ocupação – atuação na Vila Sapo.



*FRENTE EDUCAÇÃO POPULAR E O DIREITO À EDUCAÇÃO:* efetivação do cursinho popular Cardume na UNIFESP – atuação via aula de redação e participação no comitê gestor.



*FRENTE EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS:* intervenções nos espaços públicos e na universidade para provocar reflexões sobre corpo e cultura.



*FRENTE CONCRETUDE:* Por meio de rodas de conversas, promove diálogos com adolescentes secundaristas, abordando temas referentes às suas subjetividades e a realidade em geral na constituição da sua identidade e definição de suas trajetórias educativas.



Desde 2015 as ações do PET Educação Popular estão organizadas em 3 Frentes de Trabalho em diversas realidades da Baixada Santista, a saber:

### **1) Frente “Cultura e Resistência Indígena”**

Atuação junto aos indígenas das aldeias Tekoá Paranapuã (São Vicente) e da Tekoá Mirim (Praia Grande)/SP, das etnias Guaraní Mbyá e Tupi Guaraní. Busca, por meios de processos educativos, contribuir com a luta e resistência pelo direito à cultura e, particularmente, na luta em defesa da terra indígena (território), bem como, com ações afirmativas do acesso à universidade pública. Destaca-se também que, a partir da práxis (ação-reflexão-ação) vivenciada com os sujeitos, é estabelecido trocas, diálogos, produção e valorização de conhecimentos, de forma comprometida com a comunidade indígena que atuamos.



**As ações realizadas e o estabelecimento de vínculos são essenciais para este contínuo processo:**

1. Mobilização e articulação em defesa da luta pelo território: Tekoá Paranapuã.
2. Acompanhamento do processo de Mediação. Contribuição do PET na mediação entre a comunidade da aldeia Tekoá Paranapuã (São Vicente) e o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.
3. Contribuição com a construção do PUT – Plano de Uso Tradicional – na perspectiva indígena: Com foco na produção de dados socioculturais da população da Tekoa Paranapuã e análises a partir do etnodesenvolvimento e a cosmologia Guarani.
4. Organização e promoção do Curso de extensão: Língua e Cultura Guarani: Nhanhe Mbo'e Mokoin Ayvu ministrado pelo Tupã Miriam Mariano, cujo objetivo é a reprodução da língua e cultura Guarani, realizado em encontros virtuais.
5. Apoio ao artesanato e às vendas de artesanatos. Os artesanatos são confeccionados por artesão e artesãs indígenas. A venda de artesanatos é uma das principais formas de renda da população indígena da Tekoa Paranapuã. Com a chegada da pandemia tornou-se necessário o remanejamento dessa atividade, para que fosse feita com o máximo de segurança possível. Desta forma, alguns participantes da Frente se juntaram a alguns apoiadores da Tekoá para viabilizar as vendas de forma virtual.
6. Articulação e apoio a realização das oficinas de fotografia, que são ministradas pelo fotógrafo Ailton Martins com a comunidade indígena de Paranapuã e Tekoá Mirim. Tem como objetivo a autonomia das lideranças indígenas para produzir suas próprias fotos para divulgação e venda dos artesanatos.
7. Realização de *Photovoice*, que é uma espécie de “metodologia” adotada para discussão do cotidiano. Tem como base a fotografia que significa dar voz às imagens, às fotografias. Foi



realizada uma formação sobre as questões que envolvem o isolamento imposto pela pandemia, e depois a comunidade indígena trouxe fotos e imagens que retratavam o cotidiano deles. A partir das imagens, foram realizadas discussões sobre a escolha das imagens, com narrativa detalhada. Feito isso, depois, foi escolhido em conjunto um trecho da narrativa que melhor demonstrava o que a comunidade queria expressar com a imagem, para a legenda e também atribua-se o título da imagem. Nesse sentido, a experiência foi significativa e expressava estratégias de enfrentamento à Covid-19 pela população indígena da aldeia de Tekoá Paranapuã.

8. Realização de Curso preparatório com indígenas Guarani Mbya e Tupi Guarani para avaliação do ENCCEJA (Exame Nacional Para Certificação de Jovens e Adultos). Foi realizada uma formação para os jovens e adultos da aldeia que desejavam fazer a avaliação ENCCEJA para obtenção do certificado tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio.
9. Participação nas reuniões mensais do conselho gestor do Parque Xixová Japuí.
10. Participação e acompanhamento da proposta pedagógica do curso de Licenciatura intercultural indígena (120h) para os professores indígenas do estado de São Paulo.
11. Produção conjunta de material audiovisual para divulgação da cultura indígena.
12. Colaboração na organização política regional para a garantia de direitos sociais (educação, saúde, assistência social).

## **2) Frente “Cultura da Palavra - Morro da Penha/Santos”**

Sua atuação é com o processo de alfabetização e letramento de jovens e adultos que não tiveram o direito de alfabetização na idade escolar. Outrossim, compreende-se que essa Frente constitui-se em um espaço rico de estudo e formação, que complementa conteúdos

curriculares, também de suma importância, voltados para formação crítica e comprometida com a superação das mazelas da sociedade. A Frente Cultura da Palavra surgiu em 2017 por iniciativa de algumas PETianas, estudantes de Psicologia e Serviço Social da UNIFESP/BS, que tinham o desejo de se aprofundar na temática da alfabetização e letramento para jovens e adultos em uma perspectiva crítica. A frente passou por diversas reestruturações desde a sua criação. Inicialmente, a “Frente de Alfabetização” trabalhava com pessoas interessadas em voltar a estudar, as quais eram encaminhadas de serviços públicos locais como o CRAS e o CREAS, e em meados de outubro de 2017, a partir do diálogo com uma das estudantes encaminhadas por esses serviços citados, mais conhecida como “Lurdinha”, passamos a construir uma frente de trabalho para atuar diretamente em seu território: o Morro da Penha. Ao passo que o diálogo e o desejo de atuar no território se dava com a educanda citada, outra articulação era tecida por outro caminho que se deu pelo contato de petianas, estudantes da graduação, com as Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) da Unidade de Saúde da Família (USF) do Morro da Penha, por meio do Eixo Trabalho em Saúde (módulo interdisciplinar do Campus Baixada Santista da UNIFESP).

Em parceria com as Agentes Comunitárias de Saúde a proposta ganhou corpo, estrutura e formato, visto que a proposta de trabalho a ser realizado convergia com algumas de suas principais demandas, relacionadas às dificuldades da promoção de saúde com pessoas não alfabetizadas. Com isso, o grupo se formou a partir de uma organização coletiva e de diálogos entre o PET, a Coordenação da USF, as ACS e as municipais que elas identificavam como possíveis participantes. Desde o fim de outubro de 2017 até atualmente, o grupo segue se modificando e criando outros percursos e formas de fazer (principalmente devido ao contexto de pandemia de Covid-19), mantendo ainda o objetivo inicial: facilitar aproximações ao letramento, à convivência, à saúde, aos processos de estudos e alfabetização.

A organização de conteúdo a serem trabalhados se dá de forma horizontal, onde os participantes do grupo também são agentes

criadores de seus próprios interesses e necessidades de leitura e escrita. Sempre pensado de maneira dinâmica e com linguagem acessível à realidade desses. Sendo essa, uma premissa da metodologia freiriana de educação não bancária. Relacionado mais diretamente à dimensão da pesquisa e do ensino, há como objetivo a aproximação com a prática (que é o processo de agir, refletir para depois agir novamente) e com a produção de conteúdos intelectuais que possuem como centralidade as experiências vividas a partir de sistematizações e registro de memórias e percursos das vivências.



**As ações realizadas e o estabelecimento de vínculos são essenciais para este contínuo processo:**

1. Elaboração de um projeto direcionado às Agentes Comunitárias de Saúde, entendendo sobretudo, a necessidade de um grupo de apoio à essas profissionais da saúde que atuam dia a dia no enfrentamento e combate à pandemia dentro do próprio território. Durante o contexto da pandemia, a proposta de desenvolver o projeto visava oferecer um espaço de compartilhamento de informações pertinentes aos cuidados em momento pandêmico, para promoção de saúde e bem estar dessas profissionais diante dos agravos físicos, psicológicos e sociais que foram acarretados pela pandemia da Covid-19. A proposta foi apresentada e dialogada com as Agentes, e posteriormente o projeto formal foi elaborado e escrito pelas integrantes da Frente para apresentação e possível implementação do mesmo, de maneira remota, a partir de materiais de referência como o Boletim de Monitoramento das ACS em tempos de Covid-19, produzido pela Fiocruz. No entanto, a UBS não estava preparada para atender às demandas do projeto devido a questões de infraestrutura, acesso à tecnologia para os encontros síncronos, e a sobrecarga de trabalho das Agentes e demais profissionais da unidade de saúde, dado o contexto do caótico em que estavam passando.
2. Realização de um grupo de estudos sobre Educação Popular, tendo como obra de leitura e análise o livro Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire, 1983). Pensando não só na relevância de sua metodologia como principal guia do PET Educação Popular: 'Criando e Recriando a realidade social', presente em todas as dinâmicas e atividades realizadas nas respectivas Frentes, mas também na entrada de novas integrantes à Frente Cultura da Palavra e a importância desse referencial teórico para atividades subjacentes à pandemia. Os encontros foram realizados semanalmente às quartas-feiras, das 17h30 às 19h, com a divisão de um capítulo a ser lido por encontro.

3. Foi feito também um documento compartilhado de sistematização e registro da leitura e discussões, com o objetivo também de ser usado como referência na elaboração de artigos, relatórios e projetos que tenham como base a educação freiriana.
4. Continuidade, via remota, das atividades de letramento e alfabetização de jovens e adultos.
5. Sistematização da experiência de ensino para adultos, buscando a autonomia dos sujeitos, através da escrita e leitura crítica da realidade.

### **3) Frente “Cultura da Palavra e Saúde Mental”**

A Frente “Cultura da Palavra” na saúde mental foi elaborada em junho de 2017, a partir de demanda que emergiu da observação de uma petiana estagiária no serviço e do diálogo entre a unidade do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Bom Retiro e os integrantes do PET. Essa proposta se insere nos marcos da luta antimanicomial, em consonância com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), na dimensão do cuidado no território, a partir da rede de serviços e da relação com a comunidade e com as famílias. Tem como objetivo desenvolver atuação com processos de letramento e alfabetização, na particularidade da saúde mental, com jovens e adultos usuários de 4 CAPS: CAPS Zona Noroeste; CAPS Centro; CAPS Praia e CAPS Vila, na perspectiva da promoção do direito à educação e para contribuir pela busca da cidadania e da autonomia dos usuários. Tendo por base o letramento desenvolve um trabalho educativo e pedagógico que articula as dimensões da saúde mental e da educação popular a fim de promover inclusão social e a autonomia e desestigmatizar os sujeitos com sofrimento psíquico.



**As ações realizadas e o estabelecimento de vínculos são essenciais para este contínuo processo:**

1. Realização de Oficinas Pedagógicas semanais buscando processos educativos/formativos, estímulo à leitura e reforçamento da escrita, que em momentos se intercala com alfabetização e letramento. O letramento pretende utilizar a função social da escrita e leitura no contexto social em que se insere, por meio de práticas sociais que usam a escrita, bem como a tecnologia em contextos específicos e para objetivos específicos.
2. Realização de apoio, auxílio individual e/ou coletivo nas oficinas, com o objetivo de integrar o grupo como um todo, sem deixar de se atentar às dificuldades individuais.
3. Realização de atividades que envolvem diversos jogos, que trabalham com a contagem e o manejo de dinheiro, atividades de matemática e geografia.
4. Em outros momentos há compartilhamentos de experiências na confecção de artesanatos entre elas e petianas.
5. Realização de Rodas de Conversa (Círculos de Cultura) sobre temas que surgem dos próprios usuários, extraindo da experiência e do cotidiano do grupo o substrato para a alfabetização. O diálogo é pilar em todas as atividades,

ocorre em diversos momentos, sobretudo, no formato de rodas de conversa. As temáticas favorecem reflexões sobre as relações étnico-racial, gênero, diversidade sexual, preconceitos, homofobia, feminicídio, sistema carcerário, entre outras, que foram emergindo no diálogo.

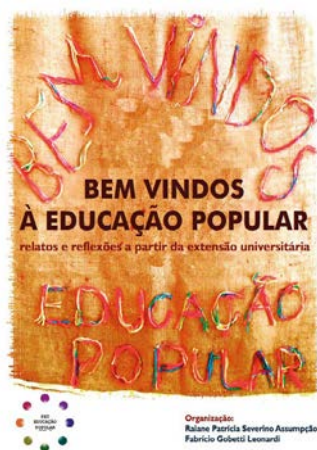
6. Além das rodas de conversas, nas oficinas são utilizados recursos como pintura, poesia, música, entre outros, que visam alcançar os objetivos das atividades, resultando em produtos materiais como, por exemplo, uma brochura/livro coletiva que reuniu diversas confecções, exposição de trabalhos manuais e educativos.
7. As trocas de experiências são de forma horizontal entre educandos(as) e educadores(as). Tem como norte a promoção de ações que contribuem para a dinâmica cotidiana dos educandos, e que essas ações fazem sentido para que eles(as) compreendam sua própria condição de saúde e que as mesmas possam potencializar seu entendimento, visão de mundo, com a realidade individual e coletiva. Nesse processo, identifica-se um crescimento, participação e confiança entre os sujeitos envolvidos e, nesse sentido, o diálogo na perspectiva freireana tem contribuído com a educação libertadora, com a emancipação desses sujeitos.
8. Realização de Programas na Rádio Silva da Unifesp/BS.
9. Citação no Portfólio de práticas inspiradoras em Saúde Mental da Fiocruz (<https://portfoliodepraticas.epsjv.fiocruz.br>).

São experiências que efetivam a práxis, baseada nos princípios da educação popular enquanto marco referencial de educação superior, durante os 12 anos de existência do PET.

A ideia da elaboração do e-book surge justamente no momento em que o PET Educação Popular comemora seus 12 anos (2022) de existência, sob inspiração do centenário honorário do educador Paulo Freire, em 2021. Busca estabelecer que a trajetória do PET Educação Popular está fundamentada nos ideais freirianos, trazendo em suas

páginas a memória, o trabalho e a educação daqueles que contribuíram para a construção desse Programa; trazendo fragmentos de vivências ao longo desses 12 anos, e expondo como a educação popular transformou e transforma a forma de sentir-se e enxergar o mundo.

Neste sentido, este livro tem o intuito de registrar vivências e produções, composta e compartilhada com muitas pessoas. Foi escrito por várias mãos que constituíram a trajetória do PET Educação Popular nas diversidades humanas (relações de sexo/gênero), étnico-raciais (negros, indígenas, imigrantes, nordestinos, pobres em geral) e de classes sociais. Combate-se assim, nas ações concretas, as desigualdades sociais, de sexo/gênero, étnico-racial etc, o patriarcado, machismo, LGBTQIA+fobia, o racismo e o capitalismo, a falta de democracia, de liberdade, que outrora iluminaram a modernidade do Capital.



O livro está estruturado em 3 partes. A Parte I intitulada “Educação Popular: fundamentos para a vida social”, respaldado no pensamento freiriano traz subsídios para interpretarmos a universidade, a educação e a sociedade nos tempos atuais. A Parte II denominada “Vivências das Frentes de Trabalho do PET Educação Popular: da teoria a práxis que transformam”, com base nos fundamentos da educação



popular registra traços da vivência e a experiência de atuação das 3 Frentes de Trabalho atuais do PET: Cultura da Palavra Saúde Mental; Cultura da palavra Morro da Penha e Cultura e resistência indígena. A Parte III “Trajetórias e Transformações: narrativas dos(as) participantes do PET Educação Popular”, que é composta de algumas narrativas sobre as trajetórias transformadoras de petianos(as) e egressos(as) no sentido da contribuição do PET na formação deles(as).

Ao final registra-se uma lista de todos(as) os(as) participantes do PET Educação Popular desde 2010 até o presente momento, abril de 2022.

Manifesta-se também uma galeria de fotos históricas que ganham destaque na trajetória do PET, com ações politizadas imbuídas de protestos e resistências na defesa de direitos e igualdade.

Dentro desse prisma, o espírito coletivo e de comunidade é fortemente representado, evidenciando-se a violência contra os(as) da classe subalternizada, mas também as práticas progressistas e as resistências feitas pelos movimentos sociais e pessoas moradoras da periferia, em particular a população jovem e negra. Assim, este livro reivindica uma atenção especial para com o trabalho em educação popular, para um esperar por um mundo entre iguais e melhor.

Por fim,

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

(Paulo Freire).



## Referências

ASSUMPÇÃO, RPS & LEONARDI, FG. Educação popular na universidade: uma construção a partir das contradições reflexões e vivências a partir do PET educação popular da UNIFESP, Baixada Santista. *Revista e-Curriculum*. 2016 [cited 2019 Sept 13];14(2):437-62. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/27448/20349>. Acesso em: 31 de março de 2022

CASTRO, Cláudio de M. O PET visto por seu criador. [S.l.]: PET-EPS UFSC, 2001. Palestra proferida no I Brainstorm, evento organizado pelo PET-EPS da UFSC. Disponível em: <https://petagronomia.ufc.br/wp-content/uploads/2020/11/0-pet-visto-por-seu-criador.pdf>. Acesso em: 31 março 2022.

DA ROSA, João Aristeu. Por que o PET continua relevante para a educação superior do Brasil. *Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial, Três Lagoas/MS*, v. 2, n. 2, p. 9-33, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1997.

Portaria MEC n° 976, de 27 de julho de 2010». Ministério da Educação (Brasil). 27 de julho de 2010. Acesso em: 20 março 2022.

Portaria MEC n° 343, de 24 de abril de 2013. Ministério da Educação (Brasil). 24 de abril de 2013. Acesso em: 25 de março 2022.

Apresentação - PET. [portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br). Acesso em: 24 março 2022.

PET - Ministério da Educação. Acesso em: 24 março 2022.

Relatório Anual do PET Educação Popular (2021).

MELO FILHO, José Fernandes. Programa De Educação Tutorial: trajetória, desafios e articulações. *Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial*, TRÊS LAGOAS/MS, v. 1, n. 1, p. 33-56, 2019.

# POESIA

## **Se tudo isso existe**

Às vezes, um belisco para saber se isso tudo existe.

Descendo os rios impassíveis, eu talvez não tenha me sentido guiado  
por rebocadores,

mas sei que

antes já trabalhavam os pais, e antes os pais dos pais,

zunindo

no lombo, bruto, sonhos por não realizar,

cavando, parafusando, massando a vida.

Canoas sem deriva.

Os cofres nos bancos são caixas de lágrimas e suores.

Os cofres estão seguros? Nós não.

A insanidade na razão daqueles que dizem não ser loucos. O mundo dos  
sonhos em vida. Sofrimento, amarras, contenção no leito, se necessá-  
rio. Uma chuva de agrotóxicos criando esquizofrenia. Na mesa está o  
veneno escorrendo no suco de um filé do pé.

Às vezes um belisco pra saber se isso realmente existe. Se acontece mesmo.

Se dói ou é conversa fiada. Neurotransmissores desejanter, mercadoria máquina.

O equivalente universal, \$, se equivalendo, todo o tempo, como a fome,

O mercúrio se agarrou ao peixe salivando às crianças em cocares e cânticos da última floresta,

Restos de lixo mascarados de um saco preto de morte. O dedo da família nuclear da guerra.

Às vezes, outros chacoalham as mãos frementes nos ombros, para provar que realmente estamos aqui.

Um caixa de mercado, um gambé, o fisco, um amor.

É sempre bom quando vem do amor, essa palavra que vem soando brega, cafona-distante, porque dele é que surgem as forças para perceber e fazer ranger o cilindro mestre, forcejando a sapata de freios e o condutor à reboque.

É vida que sonha ser sonhada viva, por dentro da dor do belisco. O pão amanhecido sendo mastigado nas bocas todas em deleite, sem fome. Macaxeira. Um beijo.

Do fundo do íntimo gritar música, restos do pão e delícias.

Melhor não acender o candeeiro na imensidão escura deste sonho que se sonha longe. Ali é possível perder-se.

Sem abdicar do amor e da esperança, avançar não dormindo.

Fabrizio Gobetti Leonardi

# PREFÁCIO

## **A EDUCAÇÃO POPULAR: sobre a vida e seus encontros**

Mauro Luis Iasi

A educação popular, como toda ferramenta, depende da intenção e da habilidade de quem a usa. Ela não pode ser compreendida como apenas o uso de determinados recursos didáticos ou definida por aqueles a quem pretende atender. Desta maneira, não compreendemos educação popular simplesmente como o ato educativo que se realiza com setores populares por meio de didáticas e dinâmicas participativas. Dito isto, estes dois elementos - a forma didática e um ato educativo voltado às camadas populares - são essenciais para definir o campo da Educação Popular.

Quando nos defrontamos com os relatos das vivências presentes neste livro podemos ter um breve vislumbre daquilo que consideramos fundamental: o encontro. Melhor seria dizer no plural - encontros-, uma vez que a educação popular é constituída de muitos encontros. Na sua origem no Brasil, na educação de base cristã no Movimento de Educação de Base, temos, inicialmente, o encontro da intenção de uma Igreja conservadora com os trabalhadores do campo através de jovens dispostos ao trabalho de evangelização. Todos saíram transformados deste encontro, trabalhadores, jovens e a própria Igreja.

Em uma outra vertente, o trabalho de formação política de anarquistas, socialistas e comunistas, na intenção de organizar os

trabalhadores e buscar transformações profundas em nossa sociedade. Um encontro que dotou de carne, sangue e sonhos teorias revolucionárias.

No encontro destas duas vertentes é que constitui-se aquilo que chamamos de educação popular, forma e conteúdo de uma educação compromissada com a emancipação humana. No seu fundamento o ato educativo que assim se define busca um encontro decisivo: os trabalhadores e trabalhadoras, as camadas populares e o conjunto dos explorados, com o conhecimento necessário para transformar o mundo. Tal intenção de encontro pode nos levar a muitos desencontros. Ora pela ênfase no conteúdo a ser trabalhado, como se ele por si mesmo fosse capaz de emancipar, ora pelo culto da forma, como se a mediação de técnicas didáticas e recursos participativos pudessem prescindir do conteúdo a ser socializado.

O desafio da educação popular é a difícil mediação da teoria e da vivência daqueles que dela precisam para compreender o mundo e a sociedade em que vivem. Nesta busca não nos parece correto dois desencontros possíveis: adulterar o conteúdo e descaracterizá-lo em sua complexidade para que possa ser assimilado pelo senso comum, e, de outro lado, a desconsideração do senso comum e de seu funcionamento. Mais uma vez aqui se trata da arte do encontro. Nosso desafio é encontrar um meio didático de socializar um conhecimento em sua plena complexidade de maneira que seja compreendido.

Este deveria ser o fundamento de todo ato educativo e não apenas da educação popular, mas em uma sociedade fundada na divisão social do trabalho, na separação entre o fazer manual e intelectual, a educação retirou-se para um lugar que a separa da vida e do fazer da vida. Transformou-se no privilégio de poucos e no exercício de segregação de amplas massas, para quem se destina o treinamento do fazer ou a expropriação como centro de uma vida roubada daquilo que é humano. O campo do saber, em uma sociedade de classes, torna-se um atrincheira em defesa da constante separação entre o trabalho intelectual e manual, uma forma permanente de sua reprodução.

Como ferramenta, a educação se põe à serviço da ordem de classes, no monopólio do conhecimento e na reprodução de uma ordem de dominação e exploração que fundamenta a concentração privada da riqueza socialmente produzida. Esta educação comprometida com a ordem capitalista, pode eventualmente assumir a forma “moderna” e “inovadora”, buscando a eficiência de sua missão segregadora e excludente.

Como toda trincheira, a educação é disputada no campo de batalha. Como dizia Brecht em um poema, um tanque de guerra ou um avião são poderosos instrumentos de destruição, mas tem um problema, precisa de um ser humano para movê-los. As instituições da ordem e suas contradições se apresentam, também, no campo educacional, primeiro despojando o trabalho acadêmico de todo verniz de uma atividade destinada a elite e aos privilégios de sócios da ordem, impregnando-o da racionalidade instrumental do reino das mercadorias e do valor, mercantilizando e industrializando a produção e a socialização dos saberes. Mas, isto não pode ser feito sem transformar professores em assalariados e cada vez mais submetê-los às condições da classe trabalhadora.

Aqui se dá um novo encontro, que este livro testemunha. A Universidade encontra os trabalhadores e trabalhadoras, encontra mulheres e jovens, negros e negras, aquele vive e trabalha na rua, aquele que tem fome, aquele que tem raiva, mas também aquele que cata e dança, mesmo com fome e raiva. A vida, em sua matéria feita de arestas e dor, aquela substância primária antes de ser palavras e conceitos, antes de ser abstraída em teorias e saberes, antes de ser capturada pela ideologia de uma ordem desumana que a disfarça de palavras e sentidos: meritocracia, livre concorrência, ética do trabalho, ética da prosperidade, salvação da alma, destino ou qualquer outra que sirva como um manto que encobre as determinações de uma ordem que produz miséria e sofrimento enquanto acumula riqueza nas mãos de poucos.



Este encontro do povo e da universidade não seria possível sem que professoras e professores que vieram da classe trabalhadora, por origem ou opção política, abrissem caminho nesta perigosa trincheira que é a Universidade. Companheiros e companheiras que seguiram firmes apesar das sedutoras armadilhas de um mundo acadêmico que foi criado para separá-los em uma espécie de casta e não produzir encontros.

Este é um livro de encontros. Encontros de gerações, como no belo texto de Carlos Rodrigues Brandão, encontros entre dimensões normalmente fragmentadas no mundo universitário, do ensino, da pesquisa e da extensão, encontro entre a psicologia e a educação, entre o trabalho e a saúde mental, entre cultura e educação, encontro com os povos originários, encontro da universidade com a educação popular. Se pudéssemos sintetizar este belo trabalho, poderíamos dizer que se trata de um encontro com nós mesmos, antes cindidos em seres fragmentados e separados de si mesmos.

Não é à toa que este livro trata de vivências. O encontro da teoria com a vida vivifica ambas na medida em que preenche de substância as palavras e aponta sentido à existência.

No entanto, como todo livro, este livro é incompleto. Falta um encontro, tão fundamental como todos aqueles já aqui descritos. Mas, eis que agora seus olhos percorrem estas letras, as palavras, as frases, os artigos e relatos e mais uma vez se dá o milagre da multiplicação dos encontros até que encontremos o caminho de nossa emancipação. Nos encontramos lá.

Boa leitura.

# PARTE I

## EDUCAÇÃO POPULAR: FUNDAMENTOS PARA A VIDA SOCIAL

# CAPÍTULO 1: OS “ANOS SESSENTA-SETENTA” E OS COMEÇOS DO QUE VEIO A SER A EDUCAÇÃO POPULAR

Carlos Rodrigues Brandão

Creio que uns cinco anos atrás, na quase conclusão da pesquisa e sua tese de doutorado, defendida em San José da Costa Rica, Oscar Jara, amigo desde muitos anos atrás, escreveu uma carta longa. E o foco dela era uma estranha pergunta: “onde e quando por uma primeira vez, o nós nos acostumamos a chamar de “educação popular” (de “vocação freireana”) apareceu escrita pela primeira vez.

Devo confessar que em um primeiro momento não considerei algo muito relevante a estranha pergunta de Oscar. Mas um pedido de amigo não se nega. E então resolvi consultar alguns livros, a começar pelos de Paulo Freire. Nos dele, a partir de *Pedagogia do Oprimido* (não comecei pelo *Educação como prática da liberdade*) nada encontrei. Confirmei a suspeita de que entre os vários adjetivos qualificadores que Paulo Freire dava à educação, a palavra “popular” esteve sempre ausente.

Recorri a Osmar Fávero, educador e amigo desde 1963. Ele lembrou que havia uma instituição da Paraíba que desde 1960 em seus estatutos empregou a expressão “educação pública”, a *CEPLAR – Campanha de educação popular paraibana*. Mas, daí em diante, um grande silêncio.

Recorri à memória de pessoas amigas do Brasil e da América Latina. Algumas pistas difusas. Mas, certezas, nenhuma. Até quando o

próprio Oscar Jara reescreveu dizendo que finalmente havia encontrado uma pista confiável.

Embora questões de nomenclatura me pareçam em geral pouco relevantes, o artigo que se segue aborda essa questão. E começa com momentos em que palavras a respeito do que nos interessa aqui aparecem não em algum escrito pedagógico e/ou acadêmico, mas no cantório de um artista cordelista do Nordeste.

Defendo (sem nenhum grande empenho) que não apenas a expressão “educação popular”, foi recriada por uma pequena comunidade de então jovens estudantes e jovens educadoras e educadores da América Latina, ao longo dos anos 70, justamente quando Paulo Freire, de quem “tudo começou a acontecer”, estava no exílio, entre o Chile, a Suíça e a África.

Essa é a reescrita de um documento anterior, mais longo e com partes que agora julgo desnecessárias. Em documentos impressos e gravados de Osmar Fávero há dados e ideias bastantes mais completos do que os escritos aqui. E recomendo também a quem queira “ir mais a fundo” a leitura de livros de Oscar Jara, Alfonso Torres Carrillo e Marco Raul Mejía, que está na bibliografia.

### ***Uma semana para ninguém esquecer***

Devo começar este tópico lembrando algo por demais sabido e por demais esquecido. Durante os primeiros “anos sessenta”, o que aproximava, unia e fazia convergirem mulheres e homens desde as mais diferentes áreas do saber e do agir estiveram depois envolvidas com a “educação popular”, era a “cultura popular”. A expressão “educação popular”, depois tornada tão relevante e corriqueira, quase não era empregada entre nós, a começar por Paulo Freire, entre uma “educação libertadora” e uma “pedagogia do oprimido”.

Ora, já que estamos em busca de possíveis respostas nem sempre fáceis de serem perguntadas, sugiro que comecemos com poesia.

Entre outras razões porque, como logo se verá abaixo, uma das maneiras de praticar cultura popular era justamente por meio da poesia. E tanto uma erudita poesia militante, quanto a poesia popular, como a dos cordéis do Nordeste do Brasil.

Assim, alguns fragmentos de uma “poesia de cordel” nos enunciarão aqui, o que aconteceu em algum ano entre 1982 e 1984. Paulo Freire havia regressado com a família ao Brasil, e vivia em São Paulo, repartindo a sua vida entre a presença ativa junto a movimentos populares, e as atividades que viveu em duas universidades, a Universidade Católica de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas, onde nos reencontramos e compartilamos anos de partilha de perguntas e respostas.

Ora, foi então que cidade de Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte, no centro do semiárido, no Nordeste do Brasil, anunciava uma Semana de Arte e Filosofia.

*De 1 a 8 de maio  
Mossoró tem alegria  
de receber todo o povo  
que pensa em democracia,  
que é quando a terra se irmana  
pra promover a Semana  
de Arte e Filosofia.*

Duas estrofes abaixo pela primeira vez no longo “programa”, todo ele em “cordel” pela primeira vez a palavra “popular” vai aparecer escrita. Mas ainda não associada à palavra que deverá nos acompanhar aqui: “educação”. Popular aparecerá com a inicial maiúscula anunciando um “movimento” que, como tantos outros, dedica-se à “Cultura

Popular”. Este dado é bastante importante, porquanto ele se repetirá em outros documentos, alguns deles bastante anteriores, vindos do começo dos anos sessenta.

*Sobre a Arte da Semana  
é o MECA que vai voltar:  
Movimento de Extensão  
da Cultura Popular,  
que é pra poder resistir  
a quem quer nos invadir  
pra nossa arte matar.*

Devo antecipar aqui um fato já bastante conhecido, mas cuja memória neste exercício de quase “arqueologia da educação popular” é relevante. Paulo Freire, após abandonar uma recém-iniciada carreira como advogado, após haver sido professor com foco em “gramática da língua portuguesa”, e após haver trabalhado por anos no SESI, em Pernambuco, ingressou através de concurso público na então Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco. Ele vinculou-se a um Serviço de Extensão Cultural - SEC.

Será ali e, através do SEC, que ele e a sua primeira equipe de educadores irão realizar em Angicos – não muito longe de Mossoró, no mesmo Rio Grande do Norte – a primeira experiência de alfabetização com o uso do “Método Paulo Freire de Alfabetização”. É desde o Nordeste do Brasil que emergem e se difundem os primeiros movimentos de cultura popular. E é no Recife que Paulo e sua “equipe nordestina” realizarão o *Primeiro Encontro Nacional de Movimentos de Cultura Popular*, em janeiro de 1963.

O programa da “semana” em Mossoró prossegue anunciando em versos, cada acontecimento no dia a dia, entre palestras, mesas

redondas, oficinas, cursos e espetáculos públicos nas praças. E será apenas na página 4 que pela primeira vez “educação popular” irá aparecer. Relembro, estamos no começo dos anos 80, e em 1982 extingue-se o período dos governos militares no Brasil. E noto que o tema da *Semana de Filosofia* era justamente: “*Filosofia e Educação popular*”.

*Sábado 02/5 - manhã*

*Neste horário vamos ter  
um painel para mostrar  
todas as experiências  
de Educação Popular  
antes de sessenta e quatro  
quando o Brasil foi teatro  
de cenas do libertar.*

Na tarde deste mesmo sábado o programa anuncia um breve curso que eu ministrei sobre “O sistema Paulo Freire de Alfabetização”

*Então, na parte da tarde  
professor Carlos Brandão  
no sistema Paulo Freire  
de alfabetização  
vai dar um curso e mostrar  
como alfabetizar  
visando a libertação.*

A sexta-feira, dia 8 de maio, seria o do momento mais aguardado da Semana. Paulo Freire estaria presente e ele foi anunciado assim.

*E como na sexta-feira  
Ninguém tem mais paciência  
Então pensamos em ter  
Uma atração de potência  
E resolvemos botar  
Paulo Freire pra contar  
Sua vida e experiência.*

Sua fala foi versejantemente anunciada desta maneira, depois de duas estrofes em que com festa, “forró” e alegria era anunciado o “encerramento da Semana”.

*À noite, de oito às nove  
tem Paulo Freire de novo,  
num debate em tema aberto  
do tipo mesmo que eu louvo  
pois sei que ele vai falar  
num jeito de libertar  
a consciência do povo.*

...

*Agora é encerramento  
sem choro e sem traje preto  
nosso final é feliz.  
Pra bagunçar o coreto*



*vai ter um forró dos nossos  
desenferrujando os ossos  
balançando o esqueleto.*

O final da semana não foi tão feliz o quanto se esperava. Coube a mim anunciar, diante de cerca de mil participantes, que por causa de uma crise de labirintite Paulo Freire não poderia viajar e estar presente. Até onde me lembro, foi a única vez em minha longa vida em que fui apupado após dizer algo em público.

### ***A Cultura Popular e a presença da primeira equipe de Paulo Freire***

Em Mossoró, estávamos já nos anos 80, e a expressão *educação popular* (ora escrita com iniciais maiúsculas, ora minúsculas) já era escrita e pronunciada nos mais diversos cenários culturais com bastante frequência desde a década anterior. E, pouco a pouco, entre os anos pioneiros e o período pós-ditadura militar, a expressão *educação popular* afastou-se das duas palavras que a antecederam por mais de uma década, que a abrigaram, e das quais ela derivou em linha direta: *cultura popular*.

Conhecemos bastante bem datas e documentos em que uma proposta de ação política através da *cultura popular*, surgiu no Brasil. No entanto quando, em que ano, onde e em qual documento *educação popular* apareceu enunciada pela primeira vez era um quase segredo. E também perguntas como: Quais outras palavras e expressões duais ela encontrou em seu caminho? Com quais ela se confrontou? Com quais outras expressões ao longo do tempo ela conviveu, como: *educação permanente* (UNESCO), *educação de base* (MEB), *educação de adultos* (depois “*de jovens e de adultos*”), *educação do campo* (recente), *pedagogia social* (idem)? Com quais ela é convergente, de quais ela é diferente? E de quais ela é divergente? Com quais ela, ao longo dos anos, partilhou um

mesmo horizonte de imaginários delineados através de palavras como: “conscientização”, “politização”, “libertação”, “transformação”, “revolução”, “emancipação?” Um horizonte a ser atingido através de um confronto ou mesmo uma luta de classes, que em termos freirianos pensa *a educação como cultura, e a cultura como política*.

Ora, se estamos em busca do acontecer de duas palavras pronunciadas juntas – *educação popular* – e se procuramos momentos, falas ou documentos em que ela começa a aparecer entre nós, talvez o melhor seja começar por procurar onde ela não está. Ou seja, percorrer um caminho em que, durante longos passos e largos trechos ela é dita através de outras palavras e expressões.

Osmar Fávero reuniu em um livro histórico os primitivos escritos da primeira equipe de trabalho de Paulo Freire, naquilo que mais tarde veio a ser chamado de... “educação popular”. O título do livro, publicado no Rio de Janeiro em 1982, já é bastante indicador: *Cultura Popular educação popular – memória dos anos 60*. Notemos que as duas expressões aparecem juntas no título do livro, sem um “e” entre elas que as separe e as aproxime. No entanto, poderia causar espanto o fato de que no “sumário” que lista os documentos vindos quase todos dos anos 60 e, em maioria, anteriores a 1964 – o ano da eclosão da ditadura militar no Brasil e do exílio de Paulo Freire ao lado de um sem número de outros militantes das “causas populares” – em nenhum dos títulos de documentos e artigos de então o nome “educação popular” estará presente.

O livro-documento é dividido em seis partes, e todos os oito documentos da parte: “ideias geradoras” mencionam a “cultura popular”. Exemplos: *AP/Cultura Popular; A questão da Cultura Popular; CPC da UNE/ Manifesto de 1962; CPC de Belo Horizonte – O que é Cultura Popular*.

Um dos conjuntos do livro envolve os primeiros artigos publicados em conjunto pela equipe pioneira de Paulo Freire.

Os documentos originais estão na parte “Sistema Paulo Freire” e são os seguintes os seus títulos: *Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo*, escrito por Paulo Freire; *Fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire de Educação*, escrito por Jarbas Maciel; *Educação de adultos e unificação da cultura*, escrito por Jomard Muniz de Brito; *Conscientização e alfabetização: uma visão prática do Sistema Paulo Freire*, escrito por Aurenice Cardoso. Neste último artigo, o “Método Paulo Freire de Alfabetização” é descrito em detalhes.

Chamo de passagem a atenção de quem me leia a uma dupla vinculação de Paulo Freire. Algo, de resto, bastante comum entre “militantes da cultura popular” nos anos 60. Ele estava profissionalmente vinculado a uma instituição governamental, a Universidade do Recife, e trabalhava no seu *Serviço de Extensão Cultural*, um embrião do que veio a ser depois a “extensão universitária”. Mas ele se reconhecia como um integrante e militante dos *Movimentos de Cultura Popular*. No presente artigo ele reconhece que

“Foram as nossas mais recentes experiências de, há dois anos no Movimento de Cultura Popular do Recife, que nos levaram ao amadurecimento de posições e convicções que vínhamos tendo e alimentando, quando, jovens ainda, iniciamos os nossos contatos com proletários e subproletários, como educador”.

Mais tarde, e meses antes do golpe militar no Brasil, Paulo Freire e sua primeira equipe foram convidados pelo *Ministério da Educação* para gestarem uma grande “campanha de alfabetização” em todo o Brasil.

O documento escrito por Paulo Freire é o mais denso e filosófico dentre os quatro da equipe pioneira. Ele se baseia em autores como Karl Jaspers e Gabriel Marcel, pensadores que uma leitura marxista chamaria de “idealistas”. Pensadores entre Marx e Gramsci irão aparecer de *Pedagogia do oprimido* em diante, sem que Paulo abandone o hábito de transitar com liberdade entre pensadores das mais diversas

tendências. No presente artigo a palavra educação associa-se à situação de “trânsito” de um modelo de sociedade para outro, e vem escrita pela primeira vez no seguinte parágrafo.

A educação, por isso, no trânsito em que vivemos, se faz uma tarefa altamente importante. A sua instrumentalidade decorrerá sobretudo da capacidade que tenhamos de nos integrar como o trânsito mesmo. Dependerá de distinguirmos lucidamente – no trânsito – o que esteja nele, mas não seja dele, do que, estando nele, seja realmente dele.

Páginas adiante pela primeira vez a palavra “educação” aparecerá acompanhada de um qualificador. Vejamos como.

De sua posição inicial de intransitivação da consciência, característica da imersão em que estava, (o povo) passou, na emersão que fez, para um novo estágio – o da transitivação ingênua. Da transitivação ingênua, não involuindo para o estágio anterior, ou se promoverá para a transitivação crítica ou se distorcerá para a fanática.

Parece-nos que esse é hoje, no trânsito brasileiro, um dos mais fortes desafios a cientistas sociais, a homens públicos, a religiosos, a educadores.

A inserção a que nos referimos resultará na promoção da transitivação ingênua para a crítica.

Daí a necessidade de uma educação altamente criticizadora. De métodos educativos ativos.

Por isso mesmo, a educação de que precisamos, em face dos aspectos aqui apontados e de outros implícitos nas várias contradições que caracterizam o trânsito brasileiro, há de ser a que liberte pela conscientização. Nunca a que ainda mantemos em antinomia com o novo clima cultural – a que domestica e acomoda. A que comunica e não a que faz comunicados.

A “IIª Parte” do depoimento de Paulo Freire é toda dedicada a propor e pensar o modelo de educação estabelecido no *Sistema Paulo Freire de Educação*. Um sistema totalizante que, sem falar ainda em uma “educação popular”, propõe em uma de suas fases a criação de uma “universidade popular”. A proposta de tal Sistema é apresentada no artigo de Jarbas Maciel.

Dentre todos os movimentos de cultura popular entre 1960 e 1966, apenas um incorporava a expressão “educação popular” em seu título. Ele vinha associado à “campanha de alfabetização” a que se dedicavam educadores populares da Paraíba, a que já fiz referência. E é apenas para de passagem nomeá-la que pela primeira vez as palavras associadas que estamos buscando aparecem em um documento público de Paulo Freire. A “campanha” da Paraíba era então assessorada pela equipe de Paulo Freire.

Por outro lado, antes mesmo desta fase, preparamos um grupo de jovens que compõem a Campanha de Educação Popular de João Pessoa, Paraíba, que, aplicando naquela cidade o método, conseguiram os mesmos resultados.

Ora, no segundo artigo dos quatro escritos pela equipe, Jarbas Maciel apresenta o *Sistema Paulo Freire de Educação*. Devo relembrar aqui o fato de que, ainda sem utilizar a expressão “educação popular”, a equipe do SEC propõe como uma das etapas essenciais do “Sistema” a criação de uma “universidade popular”. No parágrafo a seguir a educação irá aparecer junto a qualificadores correntes na época, e ainda sem o teor de radicalidade de escritos posteriores.

A alfabetização deveria ser – e é – um elo de uma cadeia extensa de etapas, não mais de um método para alfabetizar, mas de um sistema de educação integral e fundamental. Vimos surgir, assim, ao lado do Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos, o Sistema Paulo Freire de Educação, cujas sucessivas etapas – com exceção da atual etapa de alfabetização de adultos – começam já agora a ser formuladas e, algumas delas, aplicadas experimentalmente, desembocando com toda a tranquilidade numa autêntica e coerente Universidade Popular.

Trago aqui um momento em geral tornado opaco pela maioria dos estudiosos dos primeiros tempos da educação popular no Brasil. Ele nos vem a partir do depoimento de Jarbas Maciel, ao apresentar pela primeira vez o *Sistema Paulo Freire de Educação*. Uma leitura de diferentes autores dialéticos e revolucionários, entre Marx, Lenin (citado por Jarbas Maciel em uma nota de rodapé no presente artigo),

Gramsci e marxistas latino-americanos e brasileiros, destinada a estabelecer os fundamentos de uma ação emancipadora, foi tardia em Paulo Freire e sua primeira equipe. De outra parte, uma aproximação posterior sobretudo as leituras de Marx e Gramsci – também muito usual entre nós, “militantes cristãos de esquerda” – não significou uma adesão a uma ação política segundo as propostas e o estilo de militantes e dos movimentos revolucionários comunistas.

Assim, de uma forma surpreendente, Jarbas Maciel – acredito que com a aprovação de Paulo Freire – faz uma confissão de fé até mais explícita do que a que aqui e ali acompanhava os documentos do *Movimento de Educação de Base*, uma instituição confessional, católica e resultante de um acordo entre o Governo Federal e a *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*. Vejamos o que escreve Jarbas Maciel, o mais confessadamente cristão da equipe.

Dado que a democratização depende, como todo fenômeno cultural, da comunicação, e que esta, por sua vez, admite graus, é válido perguntar se aquela também admite graus.

A democratização da cultura, de fato admite graus.

O grau máximo de democratização é o Cristianismo. Daí o seu caráter essencialmente revolucionário. Deve partir daí a verdadeira práxis cristã.

O homem, diante da natureza, que ele conhece, está inserido na posição de sujeito. Mas, como vimos, está diante também de outros homens – isto é, de outros tantos sujeitos – com os quais está em relação, com os quais se intercomunica e, acrescentemos agora, com os quais deve, para isso, amar. É este o significado antropológico do “amai-vos uns aos outros”, do Cristo.

Bem mais adiante retomo este tema através de uma longa passagem de Paulo Freire em uma entrevista. Tal como em outros diferentes documentos dos anos 60, é através da cultura e é em nome de uma transformação democratizadora da cultura, por meio de um trabalho de teor político emancipador, realizado como *Cultura Popular* (com iniciais em maiúsculas), que deveria haver lugar para uma ação pedagógica

integral, ativa, conscientizadora, emancipadora, mais adiante qualificada como *libertadora* e, mais tarde ainda, como *popular*. É como e através da cultura que a educação atua. Será, portanto, por meio de uma “nova cultura” e em seu nome que uma “outra educação” deverá ser realizada.

A relação entre educação e cultura popular salta clara, também à luz desta análise.

O homem, “fazendo” cultura, comunica e transmite conhecimento de geração a geração. Radica aí, precisamente, o caráter ideológico fundamental de todo processo educativo.

Podemos definir, então, educação em termos de nossas análises anteriores: a instrumentalização do homem, pela democratização da cultura.

...

O homem, instrumentalizado pela educação, está apto a continuar a educar-se a si mesmo e por si mesmo, no contato com a cultura e com os outros homens, aprendendo a conduzir-se a si mesmo, a ser sujeito de si mesmo, a desalienar-se enfim.

Ao buscar um nome para uma “nova educação”, Jomard Muniz de Brito coloca entre aspas uma “educação de massas”, e explica em uma nota de rodapé que toma a expressão “no sentido que Karl Mannheim atribui, no seu livro *Diagnóstico de nosso tempo*. Noto que na mesma direção de Paulo Freire e de outros educadores militantes dos movimentos de cultura popular, em seu artigo estará presente uma oposição-convergente entre saberes do povo e saberes eruditos, acadêmicos ou não. Isto em anos em que, relembro, tanto Paulo quanto os seus companheiros educadores não eram ainda leitores de Antônio Gramsci. Jomard chega a afirmar que uma educação dirigida a camponeses e a proletários pouco teria o que ensinar e apenas poderia dialogar com aqueles que aprendem com suas vidas na “escola do mundo”.

Este pode ser o momento de lembrarmos que em alguns documentos dos primeiros cinco anos da década de sessenta, a *cultura popular* ora é escrita com iniciais minúsculas, traduzindo como

*cultura popular* aquela que é tradicionalmente própria do “povo”, das “massas”, dos “oprimidos”, ora é escrita com iniciais maiúsculas, traduzindo como *Cultura Popular* a nova cultura contra-hegemônica gerada pelo diálogo entre os saberes próprios do povo e os saberes trazidos a ele através de uma educação colocada a serviço do povo e aberta a “saber e atuar, intervir e participar: educação de adultos em sentido de criação, ‘educação cultural’”.

*Conscientização e alfabetização – uma visão prática do sistema Paulo Freire*, de Aurenice Cardoso, encerra a coletânea da primeira equipe do SEC da *Universidade do Recife*. O que está sendo proposto em seu depoimento é um novo “sistema de educação”. Ele leva o nome de seu autor principal, e tal como nos outros três artigos fundadores não existe nele a expressão “educação popular”, embora em todos os quatro sejam evidentes os fundamentos do que mais tarde veio a nominar esta teoria-e-prática de educação. Em uma passagem de seu artigo sobre o “método de alfabetização”, Aurenice Cardoso defende que aquilo que a equipe do SEC está propondo é, afinal, algo pedagógica e culturalmente situado além dos apenas “métodos ativos” então difundidos por todo o mundo, e chegados à América Latina sobretudo através de educadores europeus e norte-americanos.

Entendemos, conseqüentemente, que para um sistema ser classificado orgânico, deva, além da organicidade interna, travar relações com a contextura histórico-cultural.

Esta relação dialética permite que o sistema, na medida em que se enriquece com as modificações processadas no próprio contexto, se renove.

Investigações desta natureza levam o Prof. Paulo Freire a elaborar não só um método ativo, mas um sistema de educação de adultos, que leva os analfabetos não só a se alfabetizar, mas a ganhar consciência de sua responsabilidade social e política. O sistema proporciona ao homem muito mais do que o simples alfabetizar, pois através da discussão de problemas locais, regionais e nacionais, torna-o crítico e o leva posteriormente a se conscientizar e a se politizar.



## ***O Movimento de Educação de Base e o básico em sua educação***

Até aqui realizei uma pesquisa sumária entre os quatro artigos “fundadores” de Paulo Freire e de sua primeira equipe de educadores no Nordeste do Brasil.

Talvez dentre todos os dos anos 60, o movimento de cultura popular e de alfabetização e de educação de adultos mais difundido no Brasil, mais presente junto a comunidades populares – sobretudo do mundo rural – e mais persistentemente durador tenha sido o *Movimento de Educação de Base*. Sendo desde a sua origem um movimento confessionalmente católico, o *MEB* acompanha – com dificuldades diante de seu conselho diretor, constituído de bispos – desde o seu início uma vocação popular e francamente emancipatória. Sobre o *MEB* investiram repressivamente, a partir de 1964, tanto os agentes de controle do governo militar quanto os da própria igreja católica.

A equipe de Paulo Freire estabelece um “sistema de educação” e, mais tarde, uma “pedagogia”, com um primeiro nome que consagra o seu idealizador; “do oprimido”. Pedagogia contestadora a que depois seguirá uma sucessão de outras que a complementam e atualizam: “da esperança”, “da autonomia”, “da indignação”. Em uma direção próxima, o *MEB* surge com a proposta de uma educação... “de base”. Logo em um dos seus primeiros documentos, a tradicional ideia do que seja “de base”, como o essencial para a materialidade de uma vida humana razoavelmente adequada e digna (moradia, saúde, alimentação, educação, transporte, comunicação, previdência, etc.), é estendida a uma dimensão não apenas materialmente social, mas socialmente política. E é nesta direção que sem ainda adjetivar-se como “popular” uma *educação de base* se assume como também “integral”.

Comumente, se entende por educação de base aquela que proporciona os conhecimentos mínimos para se levar uma vida humana. Apesar de correta, esta definição não explicita suficientemente o que há de radical na educação de base. Básica é a educação que forma o homem na sua eminente dignidade de pessoa. Daí decorre, como condição primeira, o direito de viver humanamente.

...

Se a educação de base pretende dar os conhecimentos mínimos para se viver humanamente, ela não se afirma somente como a educação inicial, mas parte do fundamento último, portanto, princípio primeiro daquilo que torna a própria vida, humana, ou seja, parte do que é mais radical: a própria exigência da pessoa humana de se humanizar.

...

Finalmente, poderíamos definir a educação de base integrada como o processo que visa à formação do que primeiro no homem, enquanto princípio de um todo tomado em sua globalidade.

E logo após esta definição de uma educação de base “radical”, o tópico seguinte no texto de estudo de Raul Landin vem com este título: “conscientização”. E no tópico final, aquele que une “educação e conscientização”, podemos encontrar algo em que a presença de Paulo Freire é bastante visível.

Ora, a educação de base é aquela que visa formar a pessoa humana, princípio e fundamento da própria educação, decorre, pois, como consequência da valorização da pessoa, o dever de exigir um mundo humano.

Ao lado de um trabalho de alfabetização e de educação de adultos, sobretudo através de escolas radiofônicas, o *Movimento de Educação de Base* gera programas de intercâmbio direto com comunidades e com movimentos camponeses. É então criado desde 1962 um setor de *Animação Popular* (expressão e experiência trazidas do Senegal através do movimento *Peuple et Culture*) e são realizadas algumas experiências de trocas de saberes e de valores e criações culturais em encontros diretos com comunidades e lideranças populares.

Entendia-se então que o “*processo de animação popular*”, como uma forma de mobilização comunitária para além das propostas originárias da *Organização das Nações Unidas* (“*Desenvolvimento e Organização de Comunidades*” – *DOC*) deveria partir da própria comunidade, cabendo aos educadores do *MEB* apenas o apoio e a assessoria no

acontecer das atividades locais. Trago este registro porquanto é nesta iniciativa do *MEB* que em um dos seus primeiros momentos a palavra “popular” surge explicitamente associada a alguma forma de ação originada de movimentos de cultura popular.

Animação Popular é um processo de estruturação de comunidades, progressivamente assumido por seus próprios membros, a partir de seus elementos de liderança. A comunidade organiza-se como consequência da descoberta de seus valores, recursos e suas necessidades, em busca da superação de seus problemas e no sentido da formação de seus membros como sujeitos.

A Animação Popular é uma tarefa da comunidade. Faz-se através da transformação de um conjunto de indivíduos, que vivem juntos, em uma interação de pessoas que pensam, planejam e agem em comum, buscando atender a todos como membros da comunidade.

### ***Da Cultura Popular à Educação Popular***

Deixemos o *Movimento de Educação de Base* por agora. E antes de deixarmos também o livro organizado por Osmar Fávero e que nos acompanhou até aqui, quero trazer uma passagem do *Relatório da Comissão de Alfabetização*, parte do extenso documento *Resoluções do I/II Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular*, celebrado no Recife, em Pernambuco, em setembro de 1963. E o trago até aqui para que se note como na ausência ainda das palavras “educação popular”, a alfabetização é associada diretamente à *Cultura Popular*, como um dos seus eixos de ação, tal como teatro, a literatura, a música e outras vocações culturais.

Dentro desse contexto, a alfabetização é, legitimamente, uma forma de cultura popular. O trabalho de alfabetização deve, portanto, pautar-se de uma interação cada vez maior com o povo; deve procurar uma identificação tão completa quanto possível com a comunidade onde atua, deve procurar um diálogo crítico que não se fará somente entre o alfabetizador e o alfabetizando, mas principalmente entre este último, propiciando um processo de desenvolvimento cultural dinâmico. Esse trabalho não deverá ser eventual, mas obedecer a uma linha

sistemática, a partir de uma perspectiva global de educação, visando uma transformação radical da estrutura vigente.

Pouco antes de surgir “educação popular” como uma assinatura coletiva do que realizam os participantes de movimentos de cultura popular mais próximos a atividades pedagógicas, tal como o *Movimento de Educação de Base*, a palavra “popular” é bastante polifônica. E tudo indica que segue sendo. “Popular” pode traduzir aquilo que, por oposição ou distanciamento do que é “erudito”, é algo criado e vivido por atores e autores das “camadas populares de uma sociedade”. E “camadas populares” depressa vai ser ideológica e politicamente associado a “explorado”, “marginalizado”, “oprimido”, “subalterno”, “o povo” e, mais adiante, a “classe popular” e seus afins: “proletariado”, “operariado”, “campesinato”.

Assim é que serão ora separadas, ora opostas uma “música popular brasileira – MPB” versus uma “música erudita”. É também com este sentido que se difundem expressões como “saber popular”, “arte popular”, “teatro popular” (muito comum e variado no Nordeste do Brasil), “poesia popular” (como a do cordel nordestino que nos acompanhou aqui). E, vimos já, em plano mais amplo e abrangente: “cultura popular” ou, no plural: “culturas populares”. Cultura ou culturas a que se irão associar como um projeto de ação política através da cultura, a “Cultura Popular” dos *MCPs* e dos *CPCs* dos anos 60.

Notemos que enquanto “cultura popular”, como as diferentes dimensões e variações de culturas próprias do povo tende a ser uma expressão que migra das ciências sociais para ações políticas de vocação popular e emancipatória, não foi usual nos anos sessenta a expressão “educação popular”, significando a esfera ou dimensão propriamente pedagógica dentre as práticas de reprodução e transmissão de saberes levada aos “setores populares” por educadores – professores ou não – vinculados a algum movimento ou centro de cultura popular.

Ainda em uma dimensão próxima, “popular” pode significar o que se cria, preserva, difunde, partilha e transforma em diferentes

esferas e por ação de diversos estratos sociais no domínio da sociedade civil, por oposição ao que é criado e controlado diretamente por um poder de estado, ou pelo setor empresarial de uma sociedade. Este é o sentido em que entre cientistas sociais um “ritual popular” separa-se de um “rito de igreja”, ou de uma “cerimônia cívica” em uma mesma festa tradicional de uma cidade. Esta foi também a gramática com que se considerava viável e culturalmente válida uma “medicina popular”, por oposição a uma “medicina oficial” ou “acadêmica”. No entanto, muito embora fossem reconhecidos e até mesmo estudados com interesse crescente modalidades peculiares de um “saber popular” não se associava de maneira consistente e ativa esses “saberes” a alternativas sistemáticas de formas de “endoeducação” ou de “etnoeducação”. Não foi fácil entre nós o reconhecer em meio a camponeses e operários aquilo que desde fins do século XIX antropólogos facilmente identificavam entre povos, sociedades e nações indígenas.

Não me recordo do uso da expressão “educação popular” para qualificar processos e sistemas autógenos de reprodução de saberes patrimoniais entre pessoas, círculos e comunidades camponesas até onde levávamos as nossas experiências de alfabetização e de educação de adultos, com uma nova e crescentemente radical vocação emancipatória e contra-hegemônica.

Retomando expressões que inclusive no campo da educação e da pedagogia foram empregadas por educadores inovadores em diferentes contextos da história e da geografia da América Latina nas primeiras décadas do século XX, uma “educação popular” podia ser atribuída a processos socioculturais de uma democratização universalizante da educação e da escola, que gratuitas, laicas e efetivamente democráticas deveriam ser ofertadas “a todas as camadas (ou classes) da sociedade”.

Uma longa passagem de um escrito de Marco Raul Mejia merece ser trazida a este depoimento. Vejamos.

Es posible reconocer una visión eurocéntrica de la educación popular asociada a la modernidad, y es el esfuerzo de la reforma

protestante de dotar a cada lugar con un espacio de culto y en él una escuela para aprender a leer como posibilidad de relacionarse directamente con Dios, fundamento del pensamiento protestante y para algunos pensadores, de la subjetividad moderna. Ésta se realiza a través de la lectura del libro sagrado, la Biblia, por cada uno de los fieles. Este ideal transformado se convirtió en la escuela de la Revolución Francesa, plan Condorcet, abril de 1792, del cual surge la escuela única, laica, gratuita y obligatoria que da forma a la educación pública para hombres, no para mujeres.

Esta educación se convertía en el fundamento de la igualdad y la democracia. Esa inclusión y la institucionalización de la escuela va a ser el denominado “proyecto de educación popular de la ilustración” (Cáceres, 1964), el cual se riega por América como ideal y acompaña a muchos de los padres fundadores de las nacientes repúblicas. Por ello, Sarmiento (Argentina) plantea que la civilización les llega por el Río de la Plata, y la barbarie desde la Pampa.

De igual manera, Simón Rodríguez da forma a una propuesta diferente que en carta de 1804 dirigida al Concejo de Caracas llama de educación popular, y que luego insistirá que debemos darle forma a una educación que nos haga americanos y no europeos, y anticipándose en muchos años a las concepciones de la poscolonialidad, afirma: “La sabiduría de la Europa y la prosperidad de los Estados Unidos son dos enemigos de la libertad de pensar en América Latina”. Ese antecedente no es único, tiene continuidad con Artigas, Jaramillo, R., La modernidad postergada, (Bogotá, Gerardo Rivas, 1998. 5)

Martí y muy diversos exponentes que la investigación futura potenciará. En un seminario reciente en La Habana, mencionaban en esta perspectiva histórica a Caballero, Mea, Maceo y otros, en el contexto cubano.

A lo largo del siglo XX, ese rastro de la educación popular toma múltiples formas por diferentes caminos: las universidades populares, las luchas de los grupos originarios, los proyectos de grupos cristianos antes de Freire, y por múltiples caminos posteriores a él.

Marco Raul antecede suas reflexões com esta breve passagem de Simón Rodríguez.

Estas ideas eran (y serán para siempre) emprender una educación popular para dar ser a las repúblicas imaginarias que ruedan en los libros y en los congresos. Simón Rodríguez.

E, assim como outros campos de atuação de projetos da *Cultura Popular*, uma *educação popular* deveria ser um trabalho pedagógico colocado a serviço do povo através da cultura. Isto é, colocado a serviço de algo mais do que apenas a regulação de sujeitos do povo, de forma eficiente, competente, produtiva e consumista, no mundo sob a hegemonia do poder e das gramáticas sociais do capital. Deveria ser algo colocado a serviço de uma contrarregulação realizada como sistemas e processos de uma emancipação popular, e popularmente estendida a toda a sociedade, através da ruptura com a cultura hegemônica do capital e com a sociedade que ele cria e que o reproduz.

Ora, tal como vimos acontecer com a “educação libertadora” em Paulo Freire e com a “educação de base” no *MEB*, a junção das duas palavras, para intencionalmente qualificarem uma “educação popular” teria que aguardar o final dos anos 60 e a chegada dos densos e difíceis “anos 70”.

### **Alguns dados para serem lidos de passagem**

Dos vários documentos reunidos em *Cultura popular educação popular – memória dos anos 60*, e divididos entre os textos pioneiros – os que vão de 61 a 66 – e os textos posteriores, que vão de 67 até o começo dos anos 70, podemos levantar aqui uma pequena estatística de improviso. Ela será útil apenas para atribuir proporções ao que descrevi até esta página.

Entre os documentos anteriores a 1966, apenas dois trazem juntas as palavras “educação” e “popular”. O primeiro deles as reúne em uma expressão então solitária, porque elas compõem o nome da própria instituição: *CAMPANHA de Educação Popular [da Paraíba]*. [*Livro de leituras e exercícios*] s.l (1963) n.p., il.

O outro aparece indicado com uma interrogação na data: “ARY, Zaíra, *Uma experiência de educação popular: Centro de Cultura D. Olegária*”. Si, *Escola de Serviço social de Pernambuco*, 963? 55 pp.

Em outra direção, a então consagrada expressão “cultura popular” aparecerá titulando ou subtitulando vinte documentos. E eles seriam mais, se somados a expressões também usuais como: “cultura do povo”, “arte popular revolucionária”, e outros.

“Educação Popular” irá titular alguns documentos, inclusive livros de autoria e livros de coletânea de artigos, apenas entre o final dos anos 60 e os anos 70. Alguns dos livros de então recebem várias edições ao longo dos anos, o que jamais aconteceu com os documentos pioneiros, à exceção dos livros de Paulo Freire.

Vejamos alguns exemplos, tomando apenas o caso do Brasil, e sendo quase todos livros relacionados na bibliografia do livro de Osmar Fávero.

---

*Educação Popular e educação de adultos – contribuição à história da educação no Brasil*, de Vanilda Pereira Paiva, 1973.

*As atividades em educação popular*, de Aída Bezerra, 1978.

*Os movimentos de educação popular no Brasil*, de Lúcio Kreutz, 1979.

*A cultura do povo, a prática de classe – poema didático sobre a cultura do povo e a educação popular*, de Carlos Rodrigues Brandão, 1980.

*Política e educação popular – experiências de alfabetização no Brasil com o método Paulo Freire*, de Maria Silvia Manfredi. 1981.

*Política e educação popular*, Celso de Rui Beigiegel, 1982.

*Educar para transformar: educação popular – Igreja Católica – política no Movimento de Educação de Base*, de Luiz Eduardo W. Wanderley. 1982.



---

Fora da bibliografia do livro coordenado por Osmar Fávero, devem ser lembrados aqui dois livros-coletânea de forte repercussão nos anos setenta.

---

*A questão política da educação popular*, organizado por Carlos Rodrigues Brandão e editado em 1980. Este livro teve oito edições.

*Perspectivas e dilemas da educação popular*, coordenado por Vanilda Paiva, em 1984.

---

### ***Quando a educação enfim se assina... “popular”***

Em 1964 Paulo Freire partiu para o exílio. Entre a sua estada na Bolívia, no Chile e nos Estados Unidos da América ele escreveu à mão o seu livro mais conhecido: *Pedagogia do oprimido*. Antes de sua publicação, primeiro em Espanhol e em Inglês e em outras línguas, e somente anos mais tarde, em Português, ele publicou *Educação como prática da liberdade*. Tanto nestes dois livros de suma importância quanto nos livros que escreverá já quando estava em Genebra e no *Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas*, atuando sobretudo na África e junto a ex-colônias de Portugal, Paulo Freire utilizou a expressão “cultura popular”, e falou e escreveu empregando os qualificadores de sua proposta de uma educação: “libertadora” (em geral escrita “liberadora” em Espanhol), “emancipadora”, “problematizadora” e “humanizadora”. Mas não ainda “educação popular”. “Educação popular”, já então emergente e difundida em toda a América Latina entre finais dos anos 60 e começo dos 70, ela era uma expressão levada a ele, e que Paulo Freire em muito raras ocasiões incorporou ao seu vocabulário. Acredito que por causa de uma anterior conotação “público-iluminista” (mesmo em Simón Rodriguez, sempre lembrado por Marco Raul

Mejía) como o “professor de Simón Bolívar e um dos educadores mais críticos e renovadores de seu tempo.

Sabemos que após qualificar a sua proposta de educação como “libertadora” e depois dedicar ao seu acontecer as páginas de seus livros, o que Paulo Freire criou é uma nova pedagogia. E não será de pequena importância observarmos com atenção como ele a preserva, requalificando-a de livro para livro. *Pedagogia do oprimido, Pedagogia da Esperança, Pedagogia da Autonomia, Pedagogia da Indignação* e mais outras.

No longo capítulo de Paulo Freire no livro que eu coordenei: *A questão política da educação popular*, em suas quatro longas e detalhadas cartas aos “animadores de círculos de cultura de São Tomé e Príncipe”, publicada originalmente em 1974, ao descrever com uma exaustiva riqueza de detalhes como deveriam ser realizados os “círculos de cultura” em seus trabalhos conscientizadores, alfabetizadores e pós-alfabetizadores, através da ação de seus “animadores”, Paulo não utiliza nem as palavras: *pedagogia do oprimido* e nem *educação popular*.

Assim, devo lembrar eu antes que surgisse e se difundisse a expressão: “educação popular” encontramos entre nós, no Brasil e ao longo da América Latina, as seguintes modalidades de vocações da educação.

---

*Educação de Adultos* (mais tarde *Educação de Jovens e de Adultos*).

*Educação Permanente*, que tal como a anterior era patrocinada diretamente pela *UNESCO*.

*Educação de Base* – a variante pedagógica do *Movimento de Educação de Base* e que de forma crescente reconhecia uma filiação “freireana”.

*Educação Libertadora (Educação como prática da liberdade)* de vocação freireana, e criada por Paulo Freire em oposição ao que ele denominava Educação Bancária.

---

Estamos na segunda metade dos anos 60. Os governos militares impõem ao Brasil um sistema ditatorial sem precedentes, e a educação foi uma das áreas mais vigiadas. Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Ernani Maria Fiori, Francisco Wefford, Marcos Arruda e um grande número de outros militantes de causas populares dentro e fora do âmbito da cultura e da educação popular foram presos e/ou exilados. Uma parte significativa dos que ficaram aliaram-se a movimentos revolucionários e “clandestinos”, alguns deles abertos a alguma modalidade de “luta armada” contra a ditadura instaurada. Entre eles deve ser lembrada aqui a *Ação Popular*, derivada da *Ação Católica*, e que se tornará a fração mais ativamente política e resistente de militantes cristãos. E, depois, uma agremiação revolucionária marxista (Ver: *Da FUC ao PCdoB*, escrito por Aldo Arantes).

Outros militantes que permaneceram no Brasil vincularam-se a novos movimentos sociais de vocação popular, entre sindicatos nascentes sobre as cinzas dos que foram desarticulados pelo regime militar, e associações que pretendem levar adiante, ao longo dos novos e duros tempos de controle militar, as propostas originais dos Movimentos de Cultura Popular.

Em 1966 uma facção de prelados conservadores controla o Conselho Diretor do *Movimento de Educação de Base*. Os educadores da “Equipe Nacional” foram sumariamente demitidos e durante anos o *MEB* perdeu as suas características originais, recuperando-as em alguma medida apenas após a “abertura política” processada no Brasil, com o trânsito da ditadura militar para uma democracia relativa, na aurora dos anos 80. Justamente o ano do retorno de Paulo Freire e de vários outros educadores-militantes exilados.

Logo adiante falarei sobre o *ISAL*. Se agora o antecipo aqui é para trazer dele a sua revista *Cristianismo y Sociedad*. Chamo a atenção para o fato de que já em 1972, em seu número 29/30, ano X, *Cristianismo y Sociedad* publica na sessão: *Documentos*, uma entrevista longa com Paulo Freire (então no exílio e sendo entrevistado na Europa), *Paulo Freire – educación para un despertar de la consciencia*. E também uma convocatória para o *Primer Encuentro Latino-americano de Cristianos por el Socialismo*. A mesma revista se antecipará, e antes de qualquer edição em livro, publicará como artigos sequentes o que vieram a ser depois os capítulos do *Pedagogia do Oprimido*.

Em sua longa entrevista à revista *Risk*, depois traduzida e incorporada a *Cristianismo y Sociedad*, Paulo Freire falava de uma “educação para a liberdade” (pg. 76) e de uma “educação libertadora”. De passagem, transcrevo aqui duas passagens breves de sua entrevista. E o faço como um recorte em nosso percurso, inclusive porque, sendo entrevistado em um contexto cristão, Paulo associa – pela primeira vez de forma pública, acredito – uma *educação libertadora* a uma *teologia da libertação*.

Vejamos.

É por isso que eu falava de arqueologia do conhecimento. Ao invés de transferir o conhecimento atual é necessário convidar a consciência a assumir uma atitude ativa sem a qual é impossível criar conhecimento. Mas isto não está acontecendo na escola primária... e na universidade acontece o mesmo, o que implica uma mitologia da realidade, porque somente uma educação libertadora (em Espanhol no original a palavra é “liberadora” – CRB) desmistoliza a realidade enquanto a educação domesticadora mitologiza a realidade, não? .

Eu creio que minha atitude não pode ser a atitude de um homem vazio esperando ser preenchido pela palavra de Deus. Eu creio que se queremos escutar esta palavra é necessário para mim que eu esteja inserido no processo de libertação do homem. Por isto eu creio que a teologia deveria estar comprometida com a educação libertadora, e uma educação libertadora com a teologia.

Não devemos esquecer que refugiado nos EUA, Rubem Alves (eu, tal como ele, naqueles anos ainda não conhecia Paulo Freire pessoalmente) escreveu, defendeu e publicou em Inglês a sua tese de doutorado. No original, ela tinha este título: *Por uma teologia da libertação*. O livro foi publicado antes do *Pedagogia do Oprimido*. Por sugestão (ou pressão) dos editores, saiu com o título: *Por uma teologia da esperança humana*. E somente em 2020 uma editora de Juiz de Fora republicou a tese de Rubem com o seu título original. Lembro isto porquanto Rubem Alves é talvez o primeiro teólogo que em seu primeiro livro incorpora duas citações do então pouco conhecido: *Educação como prática da liberdade*. Penso que mesmo depois que os dois se tornaram companheiros de trabalho na Faculdade de Educação da UNICAMP, Paulo nunca ficou sabendo disto.

Ora, antes de haver o *CEAAL*, um outro movimento que trabalhava também com o que veio a ser a *educação popular* precisa ser lembrado aqui. Fruto de uma aliança ecumênica entre cristãos católicos e protestantes, em vários países da América Latina criaram-se unidades do *ISAL – Iglesia e sociedade en América Latina*. No Brasil, a instituição representante de *ISAL* foi, durante longos anos, o *CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação*.

Em 1969, o CEDI deu início a um pequeno projeto de difusão da *educação popular* (já então com este nome estabelecido entre nós no Brasil) tendo como fundamento as ideias e propostas culturais, políticas e também pedagógicas de Paulo Freire, em países não submetidos a regimes ditatoriais, e com coletivos vinculados ao que veio a ser a *Teologia da Libertação*. Bem mais do que os *Movimentos de Cultura Popular* no Brasil dos anos 60 são esses movimentos sociais de vocação popular – entre grupos de igreja, da universidade, de movimentos populares ou de outras pequenas associações de educadores – militantes laicos e extra-academia – que agora em praticamente toda a América Latina dos anos 70 irão cunhar e tornar predominante entre nós o ideário e as práticas pedagógicas de teor político diretamente derivadas das ideias originais de Paulo Freire. E também serão os teus militantes, ao lado de outras e

outros de diferentes movimentos sociais, que irão consagrar e difundir a junção dessas duas palavras: *educação popular*.

Uma equipe de educadores populares brasileiros, da qual eu, então um estudante de psicologia da PUC do Rio de Janeiro, me vinculo no começo de 1969, assumiu a tarefa de realizar encontros em diferentes países da América Latina com o propósito de reunir educadores militantes ao redor da *educação popular*, assim como do então bem pouco conhecido “método de alfabetização do professor Paulo Freire”.

Durante os anos entre 1969 e 1972 realizamos viagens em duplas ou em pequenas equipes de três pessoas. A primeira delas resultou em um pequeno “Encuentro” em Buenos Aires, em um gelado julho de 1969. Como resultado de tais encontros que iam de diálogos ao redor da então nascente “educação popular” até pequenas aulas didáticas sobre “como trabalhar com o Método Paulo Freire de Alfabetização”, nós, os “da equipe do CEDI no Brasil”, assumimos a “tarefa política” de produzir pequenos documentos de estudo. Aqui e ali eles eram mimeografados precariamente e compartilhados entre educadores populares de Buenos Aires a comunidades andinas do Peru e do Equador. As primeiras versões correram o continente mimeografados e produzidos por um grupo com este nome: “Liberación”, de Lima, no Peru.

Entre 1970 e 1971, surgiu a ideia de que fossem transformados em um livro os documentos escritos originalmente por mim, e depois severamente revisitados e revistos por uma equipe constituída por Beatriz Bebianco Costa (feroz leitora e revisora), Jether Pereira Ramalho e Elter Dias Maciel. Assim foi feito ao longo do ano de 1972. Em uma reunião de *ISAL* em Montevideú, resolvemos que o livro seria publicado na Argentina pela Editora Tierra Nueva. Constatou-se então que seria temerário um livro com um tal teor “subversivo” sair com o meu nome, em anos de ditadura no Brasil. De comum acordo, Júlio Barreiro, um membro de nossa equipe, advogado militante, professor da *Universidad de la República* e também teólogo uruguaio, cedeu o seu nome para a edição do livro. Ele acabou sendo publicado pela *Editora Siglo XXI* da

Argentina em 1974, com um nome em que finalmente a expressão “educação popular” aparece escrita com todas as letras: *Educación Popular y proceso de concientización*. Noto que a “presentación” escrita por Júlio Barreiro é de setembro de 1973. Apenas em 1980, já em tempos de “abertura política no Brasil” o livro foi publicado pela *Editora VOZES*, no Brasil. E eu apareço como seu tradutor do Espanhol.

No entanto, de modo algum os nossos escritos do final dos anos 60 e o livro depois publicado instauram uma “educação popular”. Eles apenas incorporam uma expressão já então consagrada e amplamente difundida não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina e em várias outras latitudes do Mundo.

Assim é que o “editorial” que abre *Cristianismo y Sociedad*, de 1972 escreve isto nos seus dois primeiros parágrafos.

Educação domesticadora ou Educação para a liberdade? Que lugar ocupa a educação em nossas atuais sociedades, que estão vivendo profundos processos de transformação de todas as suas estruturas? É um instrumento de dominação; de educação e perpetuação do sistema, - de controle social, em resumo -, ou a educação está chamada a ser um dos meios mais poderosos, não somente para a mobilização popular, como para a criação de novas sociedades?

Tais são os problemas que tentamos abordar através desta entrega de CRISTIANISMO Y SOCIEDAD. E o fazemos com o convencimento de que nos processos pré-revolucionários e revolucionários que vivem os nossos povos latino-americanos, entre as muitas formas possíveis de mobilização popular que estão sendo utilizadas em razão dos mesmos processos, um dos instrumentos mais poderosos para impulsioná-los será dado por uma autêntica EDUCAÇÃO POPULAR.

Observemos de passagem que ao longo dos anos 60, 70 e 80 serão movimentos laicos não-marxistas, ou movimentos de orientação cristã-ecumênica os que tratarão de difundir a *educação popular*. Depois entidades inclusive da UNESCO, como o CREFAL, no México, onde estudei em 1966, irão patrocinar encontros declaradamente de “*educación popular*”. E irão publicar pelo menos dois livros-coletâneas sobre

ela e a “investigación-acción-participativa”, naqueles tempos também nascente e diretamente associada à *educação popular*. Será quando o nome de Orlando Fals-Borda aparecerá várias vezes associado ao de Paulo Freire.

Herdeira em linha direta da *cultura popular*, a *educação popular* será a assinatura das práticas de pedagogias emancipatórias de vocação popular a partir da segunda metade dos anos 60. Os *movimentos de cultura popular* desaparecem com a ditadura militar no Brasil, e abrem espaço ao surgimento de movimentos que, à diferença dos *MCPs*, terão a sua origem entre atores das classes populares. Ou serão movimentos de acadêmicos, professores e outros profissionais, entre artistas, advogados, médicos etc., diretamente ligados a causas e ações populares. Através deles uma “educação popular” será até o presente momento o termo empregado para qualificar diferentes alternativas de ações pedagógicas de vocação política emancipatória.

Chamo a atenção que até anos recentes (desconheço pesquisas mais recentes) as publicações brasileiras em que mais aparecem artigos com a expressão “educação popular” são as de pedagogia e, logo a seguir, as de serviço social e as de medicina.

Outros qualificadores anteriores e posteriores serão ora empregados para diferenciar de forma específica uma modalidade de educação popular, como “educação de base”, “educação do campo”, “educação popular ambiental”, ora empregadas para estender as esferas mais abrangentes e finalistas o “popular” da educação, como em “educação humanista” e “educação libertadora”. Creio que de forma semelhante, a “pedagogia do oprimido” trará um significado mais concretamente radical à sua antecedente “pedagogia crítica” (em geral escrita no plural).

Uma pesquisa mais cuidadosa poderá contradizer ou confirmar a suposição de que a expressão “educação libertadora” permanecerá como a assinatura de Paulo Freire, associada à sua “pedagogia do oprimido” e às outras que a sucederão. Em toda a América Latina tornou-se comum o uso de expressões como: “educação popular



freireana”, “educação popular de vocação freireana”. Paulo Freire, claro, nunca as empregou.

Se por um momento eu me atrevesse a escrever ao estilo de Eduardo Galeano, poderia poetizar estas linhas lembrando que:

“o horizonte é a educação libertadora, o caminho é a educação popular e os passos que damos são com a pedagogia do oprimido”.

Mas será o próprio Paulo Freire quem vai associar algumas palavras-geradoras em uma das passagens essenciais do *Pedagogia do Oprimido*.

A pedagogia do OPRIMIDO, como pedagogia HUMANISTA E LIBERTADORA, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na PRÁXIS, com sua transformação; o segundo em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente LIBERTAÇÃO.

Há um dado (ou uma suspeita) que me parece importante nesta breve arqueologia em busca da inscrição de um nome (“coisa” de linguista, bem mais do que de antropólogo). No livro *Primeiras palavras em Paulo Freire*, Ivo Dickmann e Ivânio Dickmann registram nas páginas 68, 70 e 72 passagens importantes e nem sempre lembradas de Paulo Freire. A indicação então é de que elas foram extraídas da seguinte obra: *Que fazer, teoria e prática em Educação Popular*. No entanto este livro, artigo ou entrevista, justamente não consta da bibliografia ao final do livro. E nem há qualquer sugestão sobre se seria uma obra menos conhecida de Paulo Freire, ou se algum livro ou artigo com passagens suas. Se for um escrito original de Paulo Freire será o único em que estará escrita como título: “educação popular”.

Importante não esquecer que dois educadores que trabalharam diretamente com Paulo Freire, um em Genebra e na África, e o outro no Brasil, após o seu retorno do exílio, em alguns escritos substituíram a expressão “educação popular” por “educação da práxis”. Assim, em Marcos Arruda a proposta apresentada no terceiro livro de sua

essencial trilogia, aparece como uma “*Educação para uma economia do amor – educação da práxis e economia solidária*”. O primeiro capítulo de seu livro é *Educação da Práxis – caminho da autonomia e da solidariedade*. A expressão “educação popular” é inteiramente substituída por “educação da práxis”, e os seus fundamentos primeiros – mas nem todos, e nem as suas propostas finais – estão baseados em leituras de Marx e de Gramsci. De igual maneira, “educador da práxis” substitui “educador popular”. Moacir Gadotti publica também um livro com este nome *Educação da Práxis*. Ambos são amigos meus desde muitos anos atrás (Marcos desde 1962!) e nunca lhes perguntem os motivos pedagógicos e/ou políticos de tais escolhas. Lembro que a palavra “práxis” aparece em vários momentos de Paulo Freire.

Ora, em 1979, dez anos após a publicação de *Pedagogia do oprimido*, a revista *Educação e sociedade*, do Centro de Estudos de Educação e Sociedade da Universidade Estadual de Campinas (O CEDES, que Paulo Freire, Moacir Gadotti, Maurício Tratemberg e eu fundamos), publicou um número com este título: *Pedagogia do oprimido – educação do colonizador*. Os seus artigos estão dedicados a um diálogo com Paulo Freire, e será a expressão “educação popular” que aparecerá como um termo-chave ao longo da publicação.

Isto ocorreu inclusive em meu artigo na revista, quando eu parti de uma trilogia em que um termo é oposto aos outros dois que se complementam: *educação do sistema x educação popular + educação de classe*.

Por consequência, o lugar da prática pedagógica popular, como trabalho simbólico de educadores-intelectuais a serviço de trabalhadores-subalternos, fica um pouco atrás da prática política de classe e ao lado de sua educação, ou seja, do ponto de vista de sua prática. Para não acabar sendo apenas uma forma mais “avançada” de educação do sistema, a educação popular deve ser um modo de participação de intelectuais-educadores na educação de classe.

Desde os “anos 70” em diante, a expressão “Pedagogia do Oprimido” estará praticamente sempre vinculada em linha direta a Paulo

Freire. E mesmo evitada por ele, ela tenderá a tornar-se a dupla palavra geradora de ideias, propostas e práticas originadas em linha direta em Paulo Freire. Assim, um ano após a publicação do número 3 de *Educação e Sociedade*, o mesmo CEDES editou o seu *Cadernos do CEDES ano 1, nº 1*, 1980 com três artigos: *educação popular: desafios metodológicos*, de Maria Silvia Manfredi, Leila Maria da Silva Blass e Sônia P. Barros; *A educação popular numa estratégia de educação permanente*, de Alberto Melo, e *Da educação fundamental ao fundamental na educação*, de Carlos Rodrigues Brandão.

Nas décadas dos anos 70, 80 e 90, entre o exílio de Paulo Freire, as suas essenciais experiências junto a nações africanas recém-libertadas de Portugal, o seu retorno ao Brasil e o seu trabalho em universidades e através do *Instituto Paulo Freire*, a educação popular irá conhecer um longo e fértil período de vertiginosa e oscilante expansão e consolidação. É também após a sua “reconceptualização” e a sua abertura a novos dilemas (a questão ambiental, etc.) e a novos atores (mulheres, negros, indígenas, minorias, etc.). Como os fatos e dados de todos estes anos e dessas décadas são bem conhecidos, quero apenas fazer referência ao que me parece mais significativo

Os movimentos de cultura popular, a educação *popular*, o teatro do oprimido, a *investigação-ação participativa*, a *teologia da libertação*, a *política da libertação* e outras teorias e propostas de vocação *emancipadora*, configuraram ideias e fundamento de práticas emancipadoras em boa medida originadas aqui na América Latina, e que se espalharam pelo mundo. Assim, por uma primeira em seu conjunto e em seu fluxo interativo, elas representaram um aporte convergente de imaginários, ideias e ações que inverteram relações seculares. Para lembrar uma feliz expressão de Paulo Freire, elas “Sulearam o mundo”, sacudiram o FBI e a CIA, o Vaticano e a Academia. E fizeram mais, elas convocaram europeus e norte-americanos a virem até aqui para dialogarem em pé de igualdade conosco.

Enquanto grandes e conhecidos cientistas sociais e filósofos da Europa trabalhavam para “desconstruir” inclusive a educação vigente, nós tratávamos de reinventar o que pudesse participar da construção de “um outro Mundo possível”, inclusive através da educação. Em um mundo então cansado de si-mesmo, o Fórum Social Mundial somente poderia surgir e durante alguns anos florescer na América Latina.

Em poucos anos, o fluxo de criações insurgentes latino-americanas povoaram e seguem povoando e renovando cenários de ação pedagógica através da cultura e de ação cultural, em favor de políticas de emancipação popular. Basta vermos a relevância e a perene atualidade dos livros e de outros escritos e entrevistas de Paulo Freire. E também a perenidade de uma pluri-variedade de ações, pesquisas e escritos ao redor do que começou a ser pensado e vivido aqui no Brasil em 1960. Falo de todo um fértil contingente de obras escritas nos mais diferentes estilos latino-americanos, ao lado de relatos de experiências, de inovações efetivas no campo da educação, de todo um novo imaginário político a partir dos movimentos populares. Imaginários de não apenas a contestação teórica (ao estilo Pierre Bourdieu), mas de oferta de alternativas de construção solidária do conhecimento (ao estilo Paulo Freire e Orlando Fals Borda).

E todo este “acontecer de primavera” ocorreu ao mesmo tempo em que alguns dos países mais ativos e férteis em todo esse processo estiveram sob regimes ditatoriais (Brasil, Argentina, Uruguai e Chile). E também em tempos em boa parte de nossas universidades públicas permaneceram parcialmente alheias à *educação popular* e à *investigação ação participativa*, com raras e corajosas exceções entre vários estudantes e alguns docentes, reunidos sobretudo em pequenos grupos de pesquisa-estudo-ação quase sempre de faculdades de educação.

Instituições internacionais, entre a *ONU* e a *UNESCO* acabaram por reconhecer na *educação popular* um aporte efetivo de grande e fértil alcance em direção à realização de metas e propósitos que sempre estiveram passos e horizontes adiante de suas próprias

propostas, como no caso da *educação permanente*. Assim, lembro que em 1982, ainda nos anos finais da ditadura militar no Chile, educadora Marcela Gajardo ousou reunir pessoas vindas de vários recantos da América Latina em um grande e marcante *Taller sobre la Teoría y la Práctica de la Educación Popular*, sob o patrocínio (e, no caso, a proteção) de *FLACSO*, do *PIIE* e do *IDRC*, juntamente com a própria *Fundação Ford*. Em 1985 o próprio *CREFAL*, com o patrocínio direto da *UNESCO* publicou os documentos e debates do “Encuentro en Punta de Tralca” em uma coletânea editada pelo *CREFAL*, e que marcaria época.

Muitos anos mais tarde, em um dos livros mais completos e atuais sobre a *educação popular*, Alfonso Torres Carrillo, da Colômbia, relaciona na bibliografia ao final de *Educación popular – trayectoria y actualidad*, cinquenta e um livros, artigos e outros documentos com o nome “educação popular”.

Relembro que no mesmo ano em que o *Governo Federal do Brasil* constituiu o professor Paulo Freire como “patrono da educação brasileira”, a *Secretaría-geral da Presidência da República*, através de sua *Secretaria Nacional de Articulação Social* e de seu *Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã* estabelecem o *Marco Regulatório da Educação Popular para as políticas públicas*.

De então em diante nada parece indicar que as inovações introduzidas desde os *movimentos de cultura popular* no Brasil tenham chegado a um ponto de esgotamento. Ao contrário, em um mundo em que as ditaduras militares têm sido substituídas na América Latina e em todo o Planeta por sistemas de colonização e hegemonia impostas pelo difuso poder do capitalismo, diversas teorias e práticas que associam o adjetivo “popular” a outras palavras parecem ser tão atuais e estar tão presentes quanto nos anos 60.

### **Livros e escritos lidos, consultados e indicados**

BEZERRA, Aída - *Educación popular y proceso de concientización*, 1974, Editora Siglo XXI, Buenos Aires.

### **As atividades em educação popular**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - Suplemento *CEI* n. 22 de outubro de 1978.

### **“Eva viu a luta” – algumas anotações sobre a Pedagogia do Oprimido e a Educação do Colonizador,**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - *Educação e Sociedade*, n° 3, maio 1979.

O que é o Método Paulo Freire

CALDART, Roseli et all (orgs) - 1983, Editora Brasiliense, São Paulo

### **Dicionário de Educação do Campo**

COSTA, Beatriz Bebiano - 2012, Editora Expressão Popular, FIOCRUZ

### **Para entender uma prática em educação popular**

FAVERO, Osmar (org) - 1981, Editora VOZES e NOVA, Petrópolis

### **MEB/Animação Popular in: Cultura Popular e Educação Popular – memória dos anos sessenta**

FREIRE, Paulo - 1985, Edições GRAAL, Rio de Janeiro

### **Pedagogia do Oprimido**

2002, 37ª edição, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro. FREIRE, Paulo

### **Pedagogia do Oprimido – o manuscrito**

FREIRE, Paulo - 2018, Instituto Paulo Freire, UNINOVE, São Paulo

### **Quatro cartas aos animadores de círculos de cultura de São Tomé e Príncipe In: A questão política da educação popular**

FURTER, Pierre - 1982, Editora Brasiliense, São Paulo

### **Alfabetização e cultura popular na politização do Nordeste brasileiro.**

GAJARDO, Marcela (org) - Estudos Universitários, número 4, 1964

### **Teoría y Práctica de la Educación Popular**

HERNANDEZ, Isabel - 1984, CREFAL, serie: Retablos de Papel, Pátzcuaro

### **Saber popular y educación em América Latina**

JARA, Oscar

### **A Educação Popular Latino-Americana História e Fundamentos Éticos, Políticos e Pedagógicos**

2019, Campanha Latino-Americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire, Ação Educativa, ENFOC, Coletivo CEAAL, São Paulo  
LANDIN, Raul Filho

### **Educação e conscientização**

MEJIA, Marco Raúl e AWAD, Mirian Inés - Movimento de Educação de Base - 1963, texto de estudo, mimeografado

### **Educación Popular hoy – en tiempos de globalización**

NETO, Crispiniano Neto - 2019, Ediciones Aurora, Bogotá

### **Nossa Segunda Semana de Arte e Filosofia – programa oficial.**

RODRIGUEZ, Simón - 1982, ASTECAM, Mossoró

### **Obras Completas. Tomo 2.**

STRECK, Danilo et all (orgs.) - 1988, Editorial Universidad Simón Rodríguez, Caracas

### **Dicionário Paulo Freire**

TORRES, Alfonso Carrillo - 2008, Editora Autêntica, Belo Horizonte

### **Educación popular – trayectoria y actualidad**

Ediciones El Búho, 2021

**Relatório da Comissão de Estudos sobre alfabetização – 1. Alfabetização e Cultura Popular**

Parte do documento: *Resoluções do I/b Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular* in: *Cultura Popular e Educação Popular – memória dos anos sessenta*

1985, Edições GRAAL, Rio de Janeiro



## CAPÍTULO 2

# **PAULO FREIRE E A UNIVERSIDADE PÚBLICA SOCIALMENTE REFERENCIADA: caminhos pela indissociabilidade extensão, pesquisa e ensino**

Maria Liduina de Oliveira e Silva  
Fabricio Gobetti Leonardi  
Raiane Patrícia Severino Assumpção  
Thais Lasevicius

*O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações. (FREIRE, 2006, p. 36)*

## Introdução

A sociedade brasileira, na atual conjuntura, tem vivido tensões decorrentes do sucateamento de inúmeras conquistas obtidas com a constituição de 1988, como o processo democrático e a construção do Estado de direito no Brasil. Conforme aponta Assumpção & Leonardi (2016), mesmo tendo havido avanços normativos para a garantia de direitos, cotidianamente presenciamos expressões de uma sociedade estruturada no conflito de classe, no patriarcalismo, na valorização da cultura eurocêntrica e americana, nas relações de consumo, no favor e no privilégio (elitização), no patrimonialismo estatal, no racismo estrutural e na dependência econômica do capital estrangeiro. Esta conjuntura evidencia a permanência, com o fortalecimento nos últimos quatro anos, de uma cultura com práticas conservadoras, e até mesmo reacionárias; inclusive com o questionamento das instituições e dos mecanismos que garantem a vigência do regime democrático.

Neste contexto, a universidade pública também é questionada: questionada pelos adeptos da visão conservadora neofacista e capitalista neoliberal, como também por aqueles que, devido ao processo social de exclusão e desigualdade, ainda não tiveram a oportunidade de entender e se relacionar com o fazer da universidade. Assim, cabe à universidade demonstrar à sociedade sua função *sui generis*: ser a instituição responsável pela formação e produção de conhecimento acadêmico-científico referenciado e em diálogo com a realidade histórico-social, por meio de um processo permanente de reflexão, de crítica e de proposição. Soma esse caldo a histórica exclusão de negros(as), indígenas, população LGBTQIAP+, entre outros públicos representativos da desigualdade material e simbólica que se produz e reproduz nos bancos universitários.



Historicamente, as universidades públicas brasileiras foram constituídas pela diversidade de posições e de compromissos político-pedagógicos: estiveram em permanente disputa projetos institucionais de maior compromisso com a classe dominante e de visão socialmente hegemônica; como também projetos de caráter progressista, libertário e comprometido com as mudanças socioeconômicas na perspectiva popular.

Assim, conforme indica Assumpção & Leonardi (2016), hoje se faz necessário alavancar processos que reafirmem o papel social da universidade, considerando a realidade contraditória, diversa e desigual na qual estamos inseridos(as). É preciso responder, por meio da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, além da permanência estudantil, qual é o papel da universidade: que conhecimento ela está sendo capaz de gerar (como, para quem e para que o conhecimento tem sido produzido)? Tem sua produção (sistematização de conhecimentos e a formação profissional) referenciada nas questões postas pela realidade socioambiental, sem se submeter à mesma, articulando saberes por meio de um diálogo crítico, fértil e propositivo? A sua dinâmica político-institucional e didático-pedagógica tem sido sustentada pelos princípios da autonomia do saber, da liberdade de expressão e do compromisso público? Tem um processo efetivo de acesso e permanência das classes populares ao ensino superior público e qualificado?

As respostas a essas indagações são formuladas de acordo com as concepções de educação e de projetos societários que disputam o sentido atribuído à formação dos sujeitos, às formas e às estratégias utilizadas para desenvolver a gestão e o processo de ensino-aprendizagem e a intencionalidade da produção do conhecimento.

Na construção de uma universidade pública popular Paulo Freire é acionado como referência importante, pois traz uma concepção de educação que é transformadora, em que a prática educativa tem uma perspectiva de emancipação e autonomia dos sujeitos, visando o acesso de *todes* à construção coletiva da transformação. Para Freire (2005) “ler o mundo” para conseguir transformá-lo, vincula-se necessariamente ao processo da conscientização crítica e de classe, que busca a transformação social por meio da superação da dialética do oprimido-opressor, tendo na educação uma prática libertária.



Nesta universidade imersa em disputa por projetos societários é comum, hoje, no fazer acadêmico, afirmarmos que determinado docente tem característica “mais extensionista”, que determinado curso “se volta mais para pesquisa”, que o forte de determinado departamento “são as estratégias pedagógicas”. Também é comum ouvirmos que é muito difícil conciliar pesquisa e extensão, que o excesso de atividades em sala de aula e de gestão não permite desenvolver extensão e pesquisa. São dilemas que se colocam como temas rotineiros e que rebatem nos estatutos mais formais da carreira de técnicos e docentes, sendo

corriqueira a conclusão de que o fazer da pesquisa é o mais reconhecido e valorizado, principalmente pelo maior volume de recursos que estão envolvidos. Na mesma medida em que extensão é considerada “a prima pobre” da pesquisa.

Reconhecendo que essas hierarquizações são de fato perceptíveis, elas nos colocam num *modus operandi* disparatado, que se manifesta pela impossibilidade real e concreta da indissociabilidade se colocar como indissociabilidade. Mesmo que o termo seja muitas vezes mencionado como um princípio central da institucionalidade universitária, sua operacionalização prática se dá de forma fragmentada e paralela.

No entanto, conforme aponta Moita & Andrade (2009), tratar da indissociabilidade da extensão, pesquisa e ensino na universidade requer considerar necessariamente romper com o tripé e com reconhecimento historicamente desigual dessas dimensões que constituem a atuação acadêmica brasileira; como também confluir para a formulação de uma tridimensionalidade da educação superior que possibilite um diálogo efetivo entre o conhecimento científico, aquele produzido culturalmente pelos diferentes grupos que compõem a sociedade em geral e a urgência das questões que se manifestam da realidade social.



Assim, o presente capítulo visa refletir, a partir dos fundamentos e da perspectiva freiriana, sobre o lugar e o papel singular da universidade pública para a transformação social: a *práxis* acadêmica (extensão, pesquisa e ensino) tendo como intencionalidade a produção de conhecimentos e o desenvolvimento de posturas ético-profissionais para o enfrentamento dos desafios contemporâneos e a construção de uma sociedade com práticas e relações emancipatórias.

### **A Educação como um sonho possível**

O subtítulo acima tem como inspiração um texto de Paulo Freire denominado “*Educação: o sonho possível*”, publicado em 1982, a partir de uma conferência, que o próprio autor definiu como um diálogo reflexivo (FREIRE, 1982, p. 91).

Neste diálogo o autor afirma o sentido da educação:

[...] a educação enquanto ato de conhecimento é também e por isso mesmo um ato político. No momento mesmo em que a gente se pergunta *em favor de que e contra que, em favor de quem e contra quem eu conheço*, nós conhecemos, não há mais como admitir uma educação neutra a serviço da humanidade, como abstração. (FREIRE, 1982, p. 97)

No processo ensino-aprendizagem se faz necessário a superação da dicotomia por meio da dialética e da experiência crítica. A educação está na própria realidade social. Paulo Freire chama atenção para a compreensão necessária de que todas as ações são carregadas de intencionalidade e que precisamente é a direção dessa intencionalidade que dirá os sentidos da *práxis* político-pedagógica. O autor afirma que ter a noção dessas relações de poder, dos jogos de força e do próprio poder em si são fundamentais para que se possa assumir uma *práxis* político-educativa de cunho crítico, entendendo o lugar do educador e do educando nessa teia de relações. Pois é assumindo o lugar da “não-neutralidade” que o(a) educador(a) também assume a importância de se reaver com o papel político da educação.

[...] há uma outra pergunta que eu acho de uma importância enorme [...] que é o da coerência entre o discurso progressista ou revolucionário, entre o discurso político que fazemos enquanto educadores ou não fazemos, e a nossa prática. Será exatamente esta coerência que autentica a opção política e a clareza política. E esta coerência vai crescendo na medida sobretudo em que a gente descobre outra obviedade que é a seguinte: não é o discurso, a oralidade, o que ajuíza a prática, mas ao contrário, é a prática quem ajuíza o discurso. (FREIRE, 1982, p. 98)

Quando pensamos a indissociabilidade extensão, pesquisa e ensino relacionando os processos de ensino-aprendizagem, discursos e práticas como acima colocado, é que percebemos a necessidade premente de lançar mão de estratégias que desloquem um certo papel tradicional que relega estudantes a meros depósitos de conhecimentos técnicos ou tecnicizantes. Geralmente essas concepções estão coladas a perspectivas pragmáticas e desenvolvimentistas que associam acesso à universidade à formação de mão de obra especializada e qualificada para o mercado de trabalho.



Nesse sentido, é preciso, sem desconsiderar a importância de conhecimentos técnicos, que estes estejam associados aos processos de desvelamento do mundo e apreensão crítica do mesmo, seja na dimensão da realidade sócio-territorial em que se está imerso, seja no que diz respeito ao conhecimento acumulado historicamente pela humanidade.

É justamente o alinhar entre o discurso e a prática que fará com que ocorra o processo de ensino-aprendizagem em diálogo com a realidade: a apresentação e a reflexão crítica sobre as teorias consolidadas, acolhimento e formulações de novos questionamentos e explicações que contemplem uma leitura crítica e na perspectiva da totalidade do mundo e das relações humanas. Assim, é possível ser efetivada uma práxis político-pedagógica vinculada com a mudança social e a busca de uma real emancipação dos(as) sujeitos(as). Como dizia Freire (1996, p. 22):

“É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção e a sua construção.”

### **O desvelamento crítico da realidade concreta**

O fazer pesquisa implica em ter questionamentos, dúvidas, estabelecer pressupostos e hipóteses a partir da apropriação de estudos já realizados e buscar respostas a partir de determinada metodologia e procedimentos para as perguntas ainda sem respostas. Enfim, implica em um processo de produção de conhecimento.

É importante destacar que este fazer pesquisa desenvolve-se implicado e materializado em uma realidade concreta. Assim, é necessário a construção de uma consciência crítica não apenas da realidade social, mas do papel do pesquisador e da própria pesquisa como componentes que percebem seu lugar social e trabalham no sentido de desmistificar o elitismo oriundo dessas práticas que, ainda que geralmente desenvolvidas em um território e com uma população, pouco se colocam em uma relação de verdadeira aprendizagem e troca com estas.





Freire (1982) é enfático na importância de alinhar o discurso da ação, – ou nesse caso, a *teoria da prática* –, inclusive a fim de superar o histórico lugar de dominação, elitismo e superioridade que ainda se inscreve em muitas das práticas que se pretendem neutras. É justamente ao desvelar o véu da neutralidade que se pode, então, apreender esse espaço da crítica alicerçado na realidade social na qual o ato de pesquisar geralmente se dirige. O autor esclarece sobre essas relações de dominação e saber-poder:

[...] eu faço um discurso espetacular e, quando vou à noite me encontrar com as chamadas populações periféricas, eu as trato de cima pra baixo, com um discurso que eu repito e que não tem nada a ver com a dura existência e com a maneira como a população favelada inclusive vive. Quer dizer, eu não me preocupo em nada com o que seria uma sabedoria popular e qual a sua relação com o conhecimento chamado rigoroso. Porque eu começo dicotomizando os dois e me pondo na posição de superioridade do que pensa que está do lado de cá. Ou então eu faço o discurso revolucionário e trato os grupos populares de forma simplista. No lugar de usar uma linguagem simples, eu uso uma linguagem simplista, que não é a mesma coisa, e eu acho inclusive que todo simplismo é elitista, todo simplismo é como se o simplista estivesse dizendo: “Olhem, na verdade vocês não têm nível pra me entender; então, por isso, eu fico nas meias-verdades”. Isto é elitista no meu entender. Então, essa coerência entre o discurso que reflete a opção e a prática, autentica a própria clareza da opção política que a gente tem e dá o selo a esta clareza. (FREIRE, 1982, p. 99)

Refletindo através dessa perspectiva freiriana, é possível pensar a respeito da função social da pesquisa e o papel do(a) pesquisador(a) na promoção da mudança social. Este processo requer também uma análise crítica sobre a relação sujeito/objeto no processo de construção do conhecimento. Exercer a compreensão mais óbvia de que está se lidando com sujeitos é um ponto fundante, inclusive na superação das relações hierárquicas no ensinar-aprender e na pesquisa.

Retomando Freire (1982), é desmistificar, abdicar e fazer a crítica radical a esse papel/lugar do pesquisador e da pesquisa como aqueles salvadores de uma população *incivilizada*. Pelo contrário, é na subversão e na rebeldia de promover a transformação social, através das práxis críticas, que se faz a construção de uma pesquisa e do pesquisador comprometidos com a realidade social.

Para o entendimento acerca da indissociabilidade extensão, pesquisa e ensino a partir da perspectiva freiriana é preciso trazer para o centro do debate o conceito de práxis. Esta, que materializa a unidade entre teoria e prática, não é apenas um recurso analítico despretenso, mas uma forma de pensar a construção do devir histórico-humano. Esse devir deve ser entendido na lógica do ser humano (ou sua natureza) como a expressão da coletividade e suas ações transformadoras de si e dos outros, cujas relações são de natureza social e histórica.



Essa unidade entre teoria e ação é uma relação dialética que pressupõe o ser histórico como político, ampliando a visão de filosofia e política como dados totalizantes, sendo a “filosofia” e a história em ato, a própria condição existencial (GRAMSCI, 1987); isso faz com que a dimensão cultural adquira importância nos processos de transformação social. A cultura, como criação social do humano, é simultaneamente processo e produto na relação homem/natureza. É, por isso, que a mesma é ontológica.

“A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura...”. (FREIRE, 1983, p. 43)

Nessa concepção de educação popular (FREIRE, 1983), a ação cultural é o meio para promover o processo de consciência dos sujeitos; de si, enquanto ser social, e do mundo, enquanto construção histórica e produto de projetos societários em disputa. Portanto, a educação popular freiriana busca fazer com que os sujeitos tenham como perspectiva a emancipação do gênero humano. Deve construir a reflexão e a indignação nos e com os sujeitos, por meio da sua capacidade de ler a realidade e de agir para transformá-la, impregnando de sentido a vida cotidiana. Portanto, a vivência da práxis, a indissociação entre conhecimento e intervenção na realidade

### **Ação transformadora inserida na comunidade**

De acordo com Gadotti (2017) os princípios freirianos nos convocam para um redimensionamento da concepção de universidade, na perspectiva do projeto popular de educação. Freire abordou esta questão no livro “*Extensão e Comunicação?*”, fazendo uma crítica ao conceito de “extensão da cultura”, por considerar uma mera transferência de quem sabe, para aquele que não sabe. O autor propõe o conceito de

“comunicação sobre cultura”, um exercício reflexivo crítico e de promoção da conscientização coletiva, pois “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (FREIRE, 1977, p. 36).



A compreensão que Freire (1977) faz da extensão é de singular importância para a superação dos relativismos, das relações de dominação e entender a transformação social como possível a partir da crítica à realidade concreta, da ação coletiva e do processo de humanização das relações. Gadotti (2017) explica que Freire analisa que a extensão sempre foi entendida como transferência, uma invasão e que não considerava a participação dos sujeitos no desenvolvimento da aprendizagem. Citando Freire (1977):

[...] o termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação etc. E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase ‘coisa’, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações. (FREIRE, 1977, p. 22)

Freire nega a concepção dualista, messiânica e invasora de extensão universitária, que se pretende mudar a realidade quase que por oriundo de uma ação colonizadora e extremamente despolitizada. Ou ainda, conforme Gadotti (2017) sintetiza, “Paulo Freire não tinha uma visão mecânica da extensão, mas dialética.” (p. 06), ou seja, de superação de um processo que mais prejudicava a transformação social para, de fato, adotar uma percepção muito mais vinculada ao compromisso com a tomada de consciência. Gadotti (2017) complementa:

Freire entende a extensão como “ação cultural”, o contrário da “invasão cultural”. Por cultura, entende o que fazemos, como práxis, como “ação transformadora” - transformar o meio natural em meio cultural - isto é, trabalho, seja ele material ou imaterial, social ou produtivo, manual ou intelectual. (GADOTTI, 2017, p. 06)

Como dissemos acima, é por meio da práxis transformadora, que se pode entender a extensão na perspectiva freiriana: a compreensão da realidade social e do respeito com o meio cultural como fundamentais para esse processo. Além de outras categorias freirianas, como o *diálogo* e a *autonomia*, que devem ser materializadas nas ações de extensão comprometidas com a libertação dos sujeitos e a transformação.

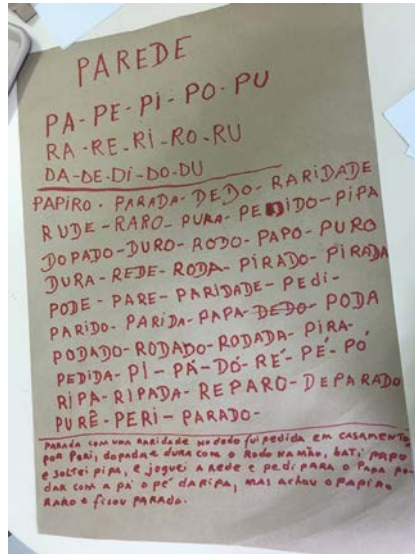
Gadotti (2017) afirma que a perspectiva de trabalho de Paulo Freire está vinculada a um ideal libertário coletivo e não individual e com o rompimento de uma postura colonizadora daquele que é entendido como “salvador”. Pelo contrário, compreende a práxis emancipatória essencialmente coletiva e comunitária. Uma das categorias fundamentais da pedagogia do oprimido é a autodeterminação. (GADOTTI, 2017, p. 06), ou seja, não se pode pensar na materialização de uma ação de extensão que se pretenda crítica sem compreender esse diálogo fundamentado na própria experiência que se desdobra coletivamente enquanto transformação social. Assim, a extensão só poderá ser compreendida como uma práxis que promove a autonomia pela via da ação cultural vinculada à realidade.

## Considerações finais

Conforme apontado ao longo deste texto, a educação pode ser considerada como uma das condições fundamentais pelas quais o sujeito desenvolverá suas capacidades ontológicas, portanto, condição para a sua humanização (SANTOS, 2010). Assim, se apresentam inúmeros questionamentos acerca das finalidades e ideais da universidade, que foram tradicionalmente aceitos, e se permanecem ativos atualmente.

Nesse sentido, uma perspectiva de universidade popular a partir do legado freiriano não comporta a fragmentação típica do fazer acadêmico que está dado no *modus operandi* da universidade hoje. Mesmo as chamadas “ciências puras”, como a matemática, a física, etc, definidas por sua aparente independência das relações sociais, espaciais e históricas, não deixam de estar conectadas às múltiplas dimensões numa perspectiva de totalidade.

Se apropriar do fazer acadêmico a partir do legado freiriano, assim, implica um esforço de relacionar processos investigativos com a realidade social, suas urgências, necessidades, desigualdades, iniquidades, etc., de forma que isso seja também o mote da sala de aula, dos processos de estágios, etc. Além disso, é preciso revisitar as abordagens de ensino-aprendizagem e as intencionalidades ético-políticas que envolvem a docência, a relação professor-aluno e a própria concepção de sociedade que se parte para “fazer ciência”. A noção de que é muito trabalhoso concretizar o tripé “ensino-pesquisa-extensão” é já se apresenta como uma concepção e uma aposta em determinado molde pelo qual se concebe a universidade e o fazer acadêmico.



Assim, deve partir da desconstrução do poder hierárquico e fragmentário para direcionar-se num caminho em que o próprio termo indissociabilidade possa deixar de ser usado, já que incorporado organicamente nos planejamentos e práticas. Para isso também é necessário falar dos currículos e da formação docente.

A universidade que queremos deve ser forjada no humano e para o humano. Enquanto as relações mercantis forem mediadoras das relações humanas, enquanto o racismo estrutural e institucional perpetuar seus mecanismos discriminatórios, o homem continuará preso a condições reificadas e calcadas no ímpeto meritocrático e selvagem do neoliberalismo. É urgente que a universidade possa ser, junto a outros movimentos da sociedade, motor da resistências, soluções e estratégias.

Para que a universidade popular se concretize é preciso também gerar práticas que suscitem processos transformadores na própria universidade, enquanto uma instituição que produz conhecimento e formação acadêmica. E que isso seja numa perspectiva de um projeto societário emancipatório e com justiça social.

## Referências

MOITA, FMG; ANDRADE, Fernando. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. *Rev. Bras. Educ.* 14 (41) - Ago 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000200006>

ASSUMPÇÃO, RPS; LEONARDI, FG. Educação popular na universidade: uma construção a partir das contradições reflexões e vivências a partir do PET educação popular da UNIFESP Baixada Santista. *Revista e-Curriculum*. 2016 [cited 2019 Sept 13];14(2):437-62. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/27448/20349>

FREIRE, P. *Educação: O sonho possível*. In: O Educador: Vida e Morte - Escritos sobre uma espécie em perigo. Org.: BRANDÃO, C. R.; COELHO, I. M.; CHAUI, M.; ARROYO, M.; FREIRE, P.; ALVES, R. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1892.

\_\_\_\_\_. *Extensão e comunicação?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 46a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, M. *Extensão Universitária: Para Quê?* Instituto Paulo Freire, 2017.



# CAPÍTULO 3

## **A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA DEMOCRÁTICA E POPULAR**

Francisca Rodrigues Pini  
Juliana Fracaro da Silva

### **Introdução**

Participar da construção do e-book dos 10 anos do Programa de Educação Tutorial “Educação Popular” (PET Educação Popular) é poder contribuir com o diálogo da Educação Popular na construção da Universidade Pública Popular e socialmente referenciada no pensamento crítico e nos princípios da democracia, equidade e igualdade de direitos, em um contexto de desmonte do Estado e de muitas exigências no campo organizativo para a classe trabalhadora.

Assim, refletir a práxis da Educação Popular e contribuir com o projeto de Universidade Pública Popular que mobilizou diversos

intelectuais brasileiros e latinos americanos a problematizarem o projeto popular de educação, a partir dos anos de 1960, conforme Gadotti (2014), Brandão (2006), Torres (1987; 1997), Beisegel (1974) e Freire (1983), os quais afirmam que esse movimento engajou diferentes grupos de cultura popular, estudantes e intelectuais na luta pela educação emancipadora, criando unidade de resistência na América Latina, nas décadas de 1960 e 1980 e lutando para afirmação do projeto de educação pública popular em um contexto de ditaduras em todo o continente.

O debate da Educação em Direitos Humanos, a partir do século XXI, é incorporado na práxis da Educação Popular de forma processual e transversal, com enfoque no aprendizado educativo, em que as opressões e as desigualdades são compreendidas como processo histórico de um Estado que se constituiu de forma oligárquica e patrimonialista, com negação da democracia de base, desrespeito às diferenças e à diversidade e a negação da memória histórica dos acontecimentos que violaram e violam os direitos humanos, de modo particular dos povos tradicionais e da população negra.

Por isso, trazer para centralidade a história e a memória dos acontecimentos que violaram e violam os direitos humanos e construir processos de educação para a memória, verdade e justiça, no sentido de recompor os fatos e compreender porque o estado brasileiro continua violento, é pensar modos que nos eduque na perspectiva de uma Educação em Direitos Humanos (PINI; SILVA).

Entendemos que há uma estreita relação entre a educação emancipadora e a Educação Popular. O educador Paulo Freire (1921-1997) afirma que:

Estamos convencidos de que qualquer esforço de Educação Popular, esteja ou não associado, a uma capacitação profissional, seja no campo agrícola ou no industrial urbano, dever ter (...) um objetivo fundamental: através da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade da qual e com a qual estão (1983, p. 65).

Este legado de Paulo Freire foi e continua sendo reconhecido mundialmente por intelectuais e pelos movimentos sociais e sindicais no campo da educação crítica, conforme diversas manifestações promovidas em 2021, no contexto do seu centenário.

A Educação Popular passou por vários processos educativos e organizativos, desde a busca da tomada de consciência até a defesa dos direitos humanos. A contar da experiência das comunidades de base, que lendo o mundo liam a palavra e recriavam a práxis popular, até aqueles que buscavam criar uma nova economia popular a partir das experiências de solidariedade comunitária (GADOTTI; TORRES, 1994, p. 8).

A concepção de Educação Popular se contrapõe à educação bancária e com o seu processo metodológico alicerçado na concepção de democracia de base, constrói com os sujeitos envolvidos, a partir da cultura participativa política, e tem como princípio o reconhecimento do outro em uma relação de alteridade.

Problematizar, portanto, os marcos históricos e teórico-metodológicos que demarcam a relação Estado/Sociedade, a luta da classe trabalhadora pelos direitos humanos como instrumento de luta contra o capital e a Educação Popular em direitos humanos como possibilidade de ressignificação das políticas sociais, constitui um exercício indispensável para a reflexão da Educação Popular no contexto da práxis educacional.

Nesse sentido, requer a problematização dos referenciais teóricos que nos formam, os quais apresentam uma visão única da história, como aponta Renato Nogueira no livro *O ensino de filosofia e a lei 10.639*: “A recusa renitente dos intelectuais ocidentais em inserir a África na sua agenda de pesquisa permanece mesmo diante dos resultados de suas investigações que comprovam que o Egito na Antiguidade foi uma civilização negra” (2014, p. 53).

O autor Renato Nogueira traz para o centro do debate da Universidade Pública Popular a necessidade do diálogo efetivo com outras epistemologias, sem isso, haverá o impedimento do avanço da apropriação da história da África e afro-brasileira e da construção da educação antirracista.

### **Universidade Popular um encontro com a Educação Popular**

O processo histórico é o ponto de partida para o debate acerca da Educação Popular no Brasil. Desse modo, é possível afirmar que o Brasil, após 132 anos da abolição inconclusa, continua sem reconhecer o significado da escravização dos povos negros e indígenas no Brasil, por quase 400 anos.

Moura (2019) reflete,

(...) essa invisibilidade faz do negro no Brasil ser apenas elemento consentido pela população branca e rica, autoritária e dominante, é que deverá ser rompido se o Brasil não quiser continuar sendo uma nação inconclusa, como o é até hoje; isso porque teima em rejeitar, como parte do seu ser social, a parcela mais importante para a sua construção (p. 36).

Concordando com o autor e trazendo elementos da atualidade que confirmam a sua afirmação, a pandemia da Covid-19 acentuou no Brasil e no mundo as profundas desigualdades tanto social, política, econômica e ampliou a concentração da riqueza nas mãos dos brancos ricos e dominantes, o que pressupõe, necessariamente, a miséria da população negra e indígena, fruto do descaso com as vidas de quem construiu e constrói esse país cotidianamente.

A Educação Popular, como práxis político-pedagógica, parte da totalidade para a compreensão das múltiplas determinações que auxiliam na análise dos processos sociais, tem construído reflexões e proposições, que buscam responder às questões apresentadas no cotidiano e fortalece a base social das lutas contra a opressão. “Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1987, p. 23).

Concordando com o autor, faz-se necessário nessa contraditória sociedade de classes lutar pelo rompimento do sistema capitalista com os seus diversos mecanismos e estratégias de adaptação e dominação dos sujeitos. Freire nos aponta para a necessidade da “superação da contradição opressor-oprimidos [...] é que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se (FREIRE, 1987, p. 55).

A construção da Universidade Popular passa pela superação da educação bancária, o que vai requerer desse espaço a contraposição de conteúdos fragmentados e estáticos, entendidos como alheios à realidade. Por isso, faz-se necessária a ruptura com a visão bancária de educação em que o saber é visto como doação dos que julgam sábios e doam aos que julgam nada saber. “A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca” (FREIRE, 1987, p. 58).

Além de inferiorizar aquele que o opressor julga sem conhecimento, o coloca em uma posição passiva, de adaptação por sua condição de inferioridade. Assim, engendrando posturas fatalistas de ajustamento à realidade: pelo fato de não desvelar a situação de dominação, logo não há nada a ser superado. Os sujeitos dessa educação bancária não se veem como construtores dos processos de ensino e aprendizagem, pois aprendem que a realidade opressora é algo que não pode ser transformada.

É nesse campo de disputa com a educação bancária que forjamos a práxis da educação problematizadora, que busca a superação da opressão e exploração dos sujeitos (FREIRE, 1987).

Essa educação emancipadora só pode ser realizada por meio da assunção da cultura dos(as) educandos(as). Paulo Freire (1987) reflete que esse processo exige movimento educativo e implica na aproximação dos saberes populares, por meio de uma investigação da realidade concreta das pessoas, não só para estabelecer uma relação horizontal e de valorização de todos os tipos de conhecimentos, mas para socializar os conhecimentos construídos e sistematizados pela humanidade e por

meio da práxis educativa compartilhar tais saberes. “Se o conteúdo é a realidade, não pode ser uma realidade de suposições e imaginária do que o(a) educador(a) supõe que os educandos(as) vivenciam, mas concreta, a qual é vivenciada cotidianamente, com os seus sonhos, desejos e medos” (FREIRE, 1982).

Por isso, Paulo Freire, no livro *Ação Cultural para Liberdade*, reflete que é preciso “selar a unidade entre liderança revolucionária e as massas populares, na prática da transformação da sociedade de classes e na construção da sociedade socialista” (FREIRE, 1982, p. 78).

A nossa humanidade é construída socialmente e coletivamente. Com isso, entendemos que o ser humano é uma construção sócio-histórica e o papel desempenhado pela educação é promotor dessa humanidade. As aprendizagens, a organização das sensações, as formas de relacionar com os outros e tantos outros, são atividades aprendidas e apreendidas desde a infância, sendo o processo educativo emancipador central nessa relação.

Como afirma Brandão (2019), não existe um marco histórico específico para o surgimento da Educação Popular. Seu conceito e seu entendimento foi sendo cunhado a partir dos anos de 1960 por movimentos sociais ligados ou não à educação, mas que tinham como determinantes a participação popular e a cultura popular.

A educação popular como práxis político-pedagógica nos fornece elementos para que a “luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo - não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se Homem, que estavam sendo proibidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem os termos da contradição. (FREIRE, 1987, p. 43)

Esse processo de mudança formulado por Freire exige o desvelamento da realidade, para a compreensão da opressão, das injustiças e desigualdades. Por isso, afirma Paulo Freire:

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão [...] Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim, sua ‘convivência ‘com o regime opressor’ (1987, p. 52).

Os processos educativos têm um papel central nessa descoberta, na medida em que fomentam a leitura da realidade, a desnaturalização do que estava naturalizado, além do desenvolvimento do pensamento crítico e o engajamento na luta contra as opressões.

Bell hooks, em seu livro *Ensinando a Transgredir* (2017), reflete que

“(...) os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e a reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem” (p. 63).

Assim, pensar o papel da Universidade Popular intrinsecamente inserida com as questões concretas da realidade é trazer para o debate o projeto político-pedagógico que desconstrói o currículo mecânico e tecnicista. A hierarquia da organização do currículo é a reprodução do poder do conhecimento, o que impede o avanço da Universidade Popular na construção da ciência com estreita relação aos problemas reais da sociedade e, sobretudo, com a participação efetiva dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem.

No livro escrito por Ira Shor e Paulo Freire, intitulado *Medo e Ousadia* (2021), eles afirmam que “os professores e estudantes são socializados, ano após ano, para uma forma mecânica de educação, e essa forma se torna sinônimo de rigor profissional” (p. 136). Essa formação vai sendo passada em todos os ambientes educacionais e romper com esse “rigor”, requer questionamentos, problematizações, novas epistemologias, que assegurem uma direção social, política, cultural e econômica que possam assegurar todas/todos/todes a participarem do processo educativo.

Por isso que o processo educativo que parte da realidade tem um compromisso com a socialização da riqueza produzida pela humanidade. Esse princípio ético e político com os educandos(as) é uma reflexão de Gadotti e Stangherlim (2013):

É preciso, sim, apropriar-se também daquilo que a humanidade já produziu historicamente, mas de modo que faça sentido no ensinar e aprender. É necessário que o que se conhece possa ser problematizado por meio de processos de ação-reflexão-ação, para que novos conhecimentos sejam sistematizados por educadore/as e educandos/as (p. 31).

Educar para além do capital (2005) exige a ruptura com a estrutura de educação que está sob o comando dos capitalistas e que reconhece a educação como um serviço, que atende os interesses do mercado. Resistir significa teoria crítica e processos educativos que incidam na vida das pessoas, tanto nas pesquisas, extensões, como no ensino. Exemplo disso, é a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no seu tripé: ensino, pesquisa e extensão, que já reúne embriões que podem crescer.

Um exemplo consolidado é o PET Educação Popular, o qual tem trazido para o âmbito da Universidade demandas concretas da realidade para serem problematizadas, mas, sobretudo, inseridas em seus projetos político-pedagógico. Em diversos espaços acadêmicos tem havido ousadia para romper com processos verticalizados, que buscam avançar nos diferentes campos, em um movimento coletivo nessa árdua construção da Universidade Pública Democrática e Popular.

## **Considerações Finais**

A contribuição da Educação Popular no projeto da Universidade Pública, Democrática e Popular parte de um processo institucional e exige profundas mudanças na estrutura da educação e, ao mesmo tempo, nos coloca um campo de possibilidades para darmos pequenos passos nessa construção e aprender como os passos já dados, em diversas experiências dos sistemas educacionais.



Quando vemos a hierarquização das áreas do conhecimento como círculos que nos prendem, o seu rompimento exige processos formativos para reaprendermos a dialogar com as áreas do conhecimento de forma colaborativa e inacabada. Não basta se colocar para dialogar com a outra área do conhecimento de forma estática e sim reconhecer que aquele campo do conhecimento pode ampliar a percepção de mundo e complementar o entendimento sobre a realidade.

Neste aspecto, queremos enfatizar, o quanto aprendemos em diálogo com as(os) estudantes, no desenvolvimento pedagógico e vice-versa. Este rigor assegura problematizações, introduz novas epistemologias, e rompe com a verticalização na relação ensino e aprendizagem.

A realidade social nos apresenta a denúncia das profundas desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais expressas na relação docente-discente e o projeto de Universidade Pública Democrática e Popular no seu tripé: ensino, pesquisa e extensão, se apresenta no horizonte como possibilidade de contribuir com o anúncio de respostas concretas nessa unidade dialética. Assim, nosso desafio ético é continuar investindo em processos educativos na vida acadêmica que ensejam lutas e resistências em prol das profundas transformações institucionais necessárias à práxis emancipadora.

## Referências

BEISEGEL, Celso de Rui. *Estado e Educação Popular*. São Paulo: Pioneira, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Primeiros Passos; 318).

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 27. ed., 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRERE, Paulo. *Ação Cultural para liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. Ira Shor; *Medo e Ousadia*. Tradução Adriana Lopes. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e terra, 2021.

HOOKS, BELL. *Ensinando a Transgredir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

GADOTTI, M. *História das ideias pedagógicas*. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2014. v. I. 319 p.

GADOTTI; STANGHERLIM. *Universidade na Perspectiva da Educação Popular*. In: SANTOS, MAFRA:ROMAO (Orgs.) *Universidade Popular, Teorias, Práticas e Perspectivas*. Brasília: Liber livro, 2013

MÉSZÁROS I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOURA. Clovis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. 2ªed. São Paulo: Perspectivas, 2019 (palavras negras).

NOGUEIRA, Renato. *O ensino de filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

PINI, F. R. O.; SILVA, M. L. O. *Educação em Direitos Humanos, Participação e o Estatuto da Criança e do Adolescente*. In: FÁVERO, E. T. et al. *ECA e a Proteção Integral de Crianças e Adolescentes*. São Paulo: Cortez, p.163-180, 2020.

TORRES, Carlos Alberto (Org.). *Educação Crítica & Utopia: perspectivas para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 2006.

TORRES, Rosa Maria (Org.). *Educação Popular: um encontro com Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1987.

## CAPÍTULO 4

### **PET- EDUCAÇÃO POPULAR - UNIFESP: práticas extensionistas que reeducam**

Patrícia Martins Goulart

Foram muitas subidas e descidas àquele morro. Vou contar apenas uma, e algumas memórias que a experiência junto ao “PET- Educação Popular - Criando e Recriando a Realidade Social - Unifesp”, suscitou.

No pé do morro, o Cemitério da Filosofia ou do Saboó, convidada a refletir sobre o sentido da vida. Nunca entrei. Fixo o olhar até o ponto em que o meu pescoço permite. Há pouco soube que Patrícia Galvão, conhecida como Pagu, foi sepultada naquele cemitério. Comunista, incentivadora do teatro de vanguarda e uma das primeiras mulheres a ser presa por motivações políticas no país, a musa do modernismo, é retratada por Zélia Duncan e Rita Lee nesta letra de música:

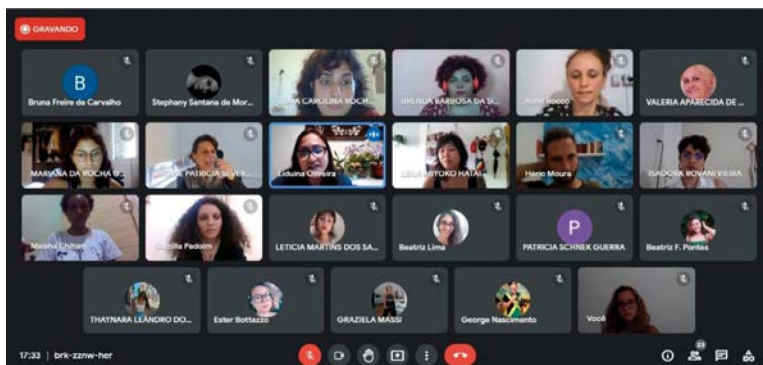
Mexo, remexo na inquisição  
Só quem já morreu na fogueira  
Sabe o que é ser carvão  
Eu sou pau pra toda obra

Deus dá asas a minha cobra  
Minha força não é bruta  
Não sou freira, nem sou puta  
Porque nem toda feiticeira é corcunda  
Nem toda brasileira é bunda  
Meu peito não é de silicone  
Sou mais macho que muito homem  
Sou rainha do meu tanque  
Sou Pagu indignada no palanque  
Fama de porra louca, tudo bem  
Minha mãe é Maria ninguém  
Não sou atriz, modelo, dançarina  
Meu buraco é mais em cima

Pagu, me faz pensar na força das mulheres que participaram da frente “Cultura da Palavra”, do PET Educação Popular, e que inspira esta escrita. Mas não adentrarei nisso agora.

O cemitério da Filosofia suscita lendas sobre aparições de gente morta, que muito vivas saltam dos matagais, assustando as moradoras nas madrugadas. Não penso em fantasmas quando adentro no morro, mas no tráfico de drogas. Em cada esquina jovens com postura ostensiva, parecem dizer: Vai encarar? Meu olhar diz. Nem morta. Tráfico é coisa complexa. Me limito a sorrir, com tristeza. Lembro da orientação de Nietzsche: “Torne-se quem você é” (1). Como aqueles jovens se tornaram traficantes? É certo, parafraseando Simone Beauvoir, não se nasce traficante, torna-se (2).

Por vezes a subida ao morro é impedida, por conta do tráfico. Aprendi com as agentes comunitárias - ACs que o emblema SUS, grifado no uniforme é mais eficaz que coletes a prova de balas. Elas recomendam que utilizemos o crachá da Unifesp ao circular pelo morro. Para evitar contato com fantasmas ou a morte em vida não comentaram nada.



Quero ler a tese de doutorado, da socióloga Karina Reis (3), que aborda a violência do narcotráfico através de histórias de vida de 33 homens que trabalharam no tráfico. O estudo se transformou no livro intitulado: “*Morir es un alivio*”. Lembrei de uma colega que dizia: Se eu aparecer morta, não acreditem que foi suicídio. Tenho muito a fazer e sem a mínima intenção de abreviar a minha vida. Mas os narradores da pesquisa de Karina sentem diferente. Morrer é um alívio.

Os trabalhadores do tráfico se definem como pessoas descartáveis. A vida é pouco valorizada e a morte, um sedativo para a alma. Sob esta perspectiva, a tônica é aproveitar a vida ao máximo, com acesso ao dinheiro fácil e o que ele pode proporcionar (3).

O estudo de Karina foi realizado no México, mas possivelmente os dados não seriam muito diferentes em nosso país. O individualismo, a competitividade e o consumo desenfreado, expressam valores de um modo de produção, que reina soberano, mercantilizando afetos, ao ponto de o sono eterno se transformar em conforto para o espírito.

No percurso até a casa da nossa anfitriã, Lucinha, passamos pela Escola Martins Fontes. Uns dizem que o terreno abrigava o Hospital das Bexigas, uma clínica de isolamento de varíola que funcionou até o século passado. Outros negam, afirmando que antes da escola havia tão somente um centro de aplicação de vacinas contra varíola (4).

Na época dos meus avós, diziam que varíola provocava bexigas na pele. Machado de Assis fala sobre isso.

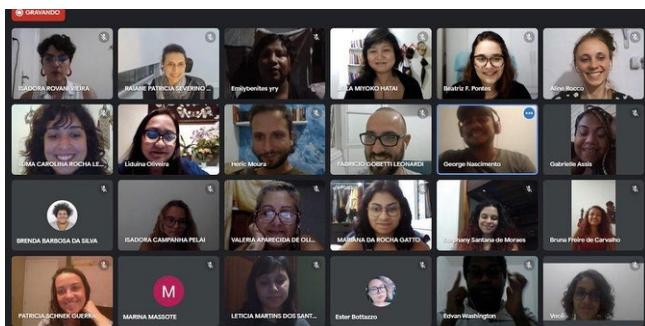
Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso.(...) As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e encarnas, declives e acíves, e davam uma sensação de lixa grossa, enormemente grossa p.33 (5)

Esta passagem de “Memórias póstumas de Brás Cubas”, me faz pensar no medo das cicatrizes “bexiguentas”. O fantasma da varíola cedeu lugar a uma escola.

As escolas, além de saberes produzem medo. O medo do “não saber”. Nisso reside uma das belezas da Educação Popular, que em uma visão rasa pode se confundir com educação para pobres. Não é.

A educação é popular quando, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorpora um saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo (6).

As sinuosas vielas do Morro da Penha, impõem negociação e solidariedade. Passa um carro de cada vez. Se dois veículos se encontram em uma curva, começa uma engenharia de manobras. Marcha ré, um pouco à direita, à esquerda e o trânsito flui. Tal como nos processos de educação libertadora. Às vezes é preciso retroceder, aguardar, analisar e compor saberes que abrigam diferentes histórias, para então, avançar.



Os veículos conseguem chegar até o Largo da Caveira, depois é preciso seguir a pé. O sugestivo nome acolhe mais uma história. Reza a lenda que um comerciante ostentava uma caveira em uma prateleira do seu pequeno mercado. Não se sabe se o adorno era de animal ou de um humano. O comerciante foi para a cidade dos pés juntos. A história da caveira permaneceu (7).

Naquela manhã fazia calor. Tanto melhor que não chovia. As estudantes contavam sobre a insistência da Lucinha em não levarmos nada, pois o almoço seria por conta dela. Um modo de agradecer o trabalho de “alfabetização” realizado e aquele que estaria por vir. O por vir me fez lembrar do livro, “A paixão de conhecer o mundo”, de Madalena Freire. Ela ensina sobre aprender a ler o mundo, para além das letras (8) e isso é bom. Subi muitas vezes o morro, em companhia das estudantes para comungar com outras mulheres, diferentes formas de ler o mundo. Havia o compromisso com as letras, mas também com os corpos. Os corpos falam, gritam. As mulheres sentiram, desejavam aprender a ler, e eu também, queria ler para além da grafia, a começar pelo mundo interno que abarca uma imensidão de corpos desconhecidos.

Deixo um pouco o morro e seus fantasmas e me transporto para o segundo andar da Unifesp, na Unidade Silva Jardim, em frente a porta que tem um painel feito à mão, com cores vivas e letras irregulares, escrito: “PET- Educação Popular”. O cartaz artesanal e o aroma do café que atravessava a porta, me falavam sobre o grupo que eu não conhecia.

O sentido da visão é muito valorizado na academia. Os cheiros, em geral são renegados, assim como as sensações.

Na sala, em torno de quinze estudantes sentadas ao redor de uma mesa se mostravam bastante atentas à fala da professora Raiane Assumpção, que juntamente com a professora Maria Liduina Oliveira, conduziam uma discussão sobre fazeres e agendas. Fui generosamente recebida, e aos poucos me inteirando sobre as ações do grupo, regido por pressupostos freirianos.

De modo sumário, haviam três frentes de trabalho em curso: a Frente Cultura e Resistência Indígena, a frente Saúde Mental e a Frente Cultura da palavra, que tratava sobre Alfabetização e letramento de Jovens e adultos.



Ao final do encontro Andressa de Lima e Camila Padoim perguntaram sobre o meu interesse em conhecer o trabalho “Cultura da Palavra”, que acontecia no Morro da Penha. A familiaridade com aquele território, em virtude de atividades no Eixo Trabalho em Saúde, facilitou o aceite. A primeira ação seria o almoço na casa da Lucinha.

Será que o ensino universitário pode propor uma nova forma educativa? Digo não, porque por mais que pergunte à classe dominante, se ela está pensando em fazer uma educação que se revele contra ela mesma, é claro que terá que dizer não [...] Eu acho que a gente pode fazer um monte de coisas, porque se não fosse possível fazer alguma coisa eu perguntaria, como se explica que a universidade, tão ruim e tão reprodutora da ideologia dominante, nos deixou escapar tal como somos? Será que somos gênios, escolhidos por Deus? Não, claro que não! Tivemos uma vivência fora da universidade, uma prática social que nos reeducou (p.21,22).(9)

Esta passagem do texto *La crítica de la pedagogía domesticante- un dialogo con Paulo Freire*, publicada em 1984, na Cidade do México, me toca. A importância de estarmos em contato com as pessoas em território, para além do que nos contam, reeduca. Vejamos.



O sabor da comida preparada por Lucinha. As fotos nas paredes descascadas. A brancura dos guardanapos pintados à mão. A portinhola do banheiro sem trinque, e o espaço minúsculo de um quarto/sala, compunha o cenário do nosso banquete. Sobre o fogão, comida nordestina, recheada de memórias. E de repente a anfitriã atenta a tudo, pergunta. Mas você não come carne? Como pode? Espere, vou fritar um ovo. Embora eu explicasse que feijão, arroz, salada e farofa eram suficientes e perfeitos, não convenci.

Por que a educação popular é atrelada a pobre e carne bovina à saúde?

Durante o almoço, Lucinha conta sobre a vinda para Santos e o desejo de estudar interrompido pela necessidade de trabalhar para se sustentar. O companheiro que se foi. Neste momento ela aponta para as fotos de duas lindas meninas em idade escolar. E com tranquilidade abismal, conta que uma delas é adotada. “Decidi adotar, porque onde come uma, come duas, e amor não falta”.

Lembrei-me constrangida que naquela manhã, adotamos um gatinho de rua, após várias discussões em casa, sobre aumentar a família ou não.

A extensão universitária (raiz) é subversiva, perigosa, porque nos faz conectar com sentimentos, majoritariamente abafados na academia. Não responsabilizo Descartes, que separa o sentir do pensar em uma época de ortodoxia religiosa. Tampouco abro mão do rigor envolvido nos processos de ensino-aprendizagem.



Mas o rigor no ensino-aprendizagem está a serviço de quê, quem?

Após o almoço com Lucinha e as estudantes, vieram muitos outros encontros, com frequência semanal, de duas horas, durante um ano. Nos reuníamos no porão Unidade Saúde da Família – USF do Morro da Penha, com anuência da gestão e parceria das ACs, Gabrielle, Janaína, Regiane e Ivanilde que nos apoiaram neste percurso, tanto para a divulgação e indicação das participantes, quanto nos encontros e saídas de campo. Havia um nível de confiança que nos possibilitava pegar as chaves e abrir as portas do porão da unidade, que logo se transformara em uma imensa sala de aula. Além das ACs, o grupo contava com cerca de quatro a cinco mulheres, que vez por outra traziam as filhas e filhos. Mantínhamos uma rotina, que envolvia a mística de abertura, uma dinâmica corporal, o desenvolvimento de temática e o encerramento com um café comunitário. Fomos aprendendo conjuntamente a ler e reler o mundo por meio da expressão sagrada da palavra, que cantada adquire maior força. Fizemos saídas de campo, como à Pinacoteca Benedito Calixto. Conhecemos o Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmus, situado na divisa entre São Vicente e Santos, berço da indústria açucareira no Brasil e cenário de escravidão. (10).

As nossas atividades previam um planejamento cuidadoso. Ao final de cada encontro, avaliávamos os nossos fazeres que eram registrados sistematicamente, e partilhados com o grupo maior do PET.

Encerramos um ciclo (2017 a 2018), com o mini curso, em formato de oficinas, ministrado pela Prof.<sup>a</sup> Júlia Menezes Alonzo, especialista em alfabetização e letramento, com reconhecida experiência em educação de jovens e adultos. Adentrei em universos desconhecidos, como a “Psicogênese da Língua Escrita” por Emília Ferreiro (11).

Iniciamos um mapeamento da rede de apoio social do território, com vistas no suporte à comunidade para a reativação do ensino de Jovens e Adultos, um tema que sem dúvida requer atenção.



Retomar uma subida ao morro, fez borbulhar memórias, vontades e sentimentos de gratidão, pela extensão universitária e, em especial ao PET- Educação Popular, que me oportunizou esta experiência de ação e escrita.

Paulo Freire tem razão, a extensão reeduca.

## Referências

- NIETZSCHE, F. *Gaia Ciência*. São Paulo: Editora Escala, 2013.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*, V.I, II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- EL PAÍS. Conversa com Karina Reis, autora do livro: *Morir es un alivio*. Disponível em: [https://elpais.com/elpais/2020/01/09/planeta\\_futuro/1578565039\\_747970.html](https://elpais.com/elpais/2020/01/09/planeta_futuro/1578565039_747970.html)
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. Escola em Santos faz 82 anos e homenageia o patrono, Martin Fontes. 21/6/2021. Disponível em: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/escola-em-santos-faz-82-anos-e-homenageia-o-patrono-martins-fontes>
- ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna, 1999.

Brandão, C. R. *O que é educação popular?* Disponível em: <http://ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>

Histórias e Lendas de Santos. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0100b94.htm>

FREIRE, M. A *Paixão de conhecer o mundo* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. *La crítica de la pedagogía domesticante- un dialogo con Paulo Freire*. Cidade do México, 1984. v. 24 n. 24, Revista Lusfona de Educação. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4184>

Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmus. Disponível em: <http://www.engenho.prceu.usp.br/>

Ferreiro, E. *Alfabetização em processo*. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

Agradecimentos às professoras Raiane e Liduina, às petianas Andreza Lima, Camilla Padoim e demais participantes do Pet – Ed. Popular. À Equipe da USF Morro da Penha, em especial às agentes Comunitárias: Gabrielle Assis, Janaína Martins, Regiane Pereira, Ivanilde Reis, à prof. Júlia Alonzo. Às Educandas que compartilharam esta caminhada.

## CAPÍTULO 5:

# **MERGULHOS NO PET EDUCAÇÃO POPULAR: horizontalidade e movimentação entre psicologia e educação popular**

Camilla Padoim

Em mergulhos junto ao PET Educação Popular, me vi envolvida em grupos e coletivos que, ou já estavam organizados e eu adentrei, ou se construíram de forma orgânica, tendo eu o prazer de participar de algumas dessas construções.

Estar em grupo fez com que eu me reconhecesse, me conhecesse e me reencontrasse. Nas minhas próprias potencialidades e nas minhas próprias fragilidades. E parece que é para isso que nos relacionamos, não é mesmo? Parece ser no encontro que a gente se percebe, se encontra, se analisa.

Esse grande encontro comigo que agora aqui compartilho, veio do encontro com pessoas inesquecíveis que compunham os coletivos. Seja aquele que foi meu primeiro, composto por discentes das graduações da UNIFESP - Baixada Santista e algumas docentes, ou,

aquele meu segundo, que se constituiu por pessoas residentes de Santos e São Vicente e profissionais da saúde, ambas majoritariamente mulheres, majoritariamente nordestinas ou de descendência nordestina, majoritariamente negras.

Estes grupos estruturaram-me subjetivamente. Seja pela construção do afeto e da amorosidade, que se nutriram durante o percurso que ocorreu também de forma orgânica, ou seja pelo processo formativo, que envolveu o compartilhamento, a troca de saberes, e a construção de saberes coletivos. Esta última passou pelo resgate de sabedorias e de histórias apagadas intencionalmente pelo racismo científico (também), no que se refere, como bem sabemos, às histórias do Brasil e das raízes brasileiras.



Estudamos e nos voltamos então, durante essa caminhada conjunta, a reconstruir e observar árvores genealógicas, processos sociopolíticos e sabedorias de famílias negras e indígenas brasileiras ou panorâmicas. E esse percurso se iniciou pela afetividade, proximidade e diálogo com as participantes que em sua maioria, mais velhas, compunham estas famílias (bem como alguns de nós), e nos compartilhavam suas histórias e perspectivas. E assim a aprendizagem de modo dialógico foi acontecendo, ouvindo e trocando com estas mulheres que se reencontravam semanalmente durante o período de quase 4 anos na Unidade de Saúde da Família do Morro da Penha.

Cabe citar que não tenho a pretensão aqui de estar de acordo com as regras ortográficas, concordâncias verbais e etc., pelo contrário, inclusive, visto que minha pretensão é escrever como falo, como falamos e como falávamos. Também quero escrever sobre sentimento e, para isso, às vezes, faltam palavras, ou faltam permissividades para o uso de palavras que supostamente não fazem parte da gramática, ou não “combinam” no sentido ortográfico/gramatical. E, como diz a grande Lélia Gonzalez, 1979<sup>2</sup>:

“é importante ressaltar que emoção, a subjetividade e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam na renúncia à razão, mas, ao contrário, num modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica. Trata-se, no nosso caso, de uma outra razão” (GONZALEZ, 1979).

E, nesse sentido, inspirada também pela ideia de pretuguês cunhada por ela, desejo escrever da forma que falo, desejo escrever não fugindo daquilo que tanto trabalhávamos no grupo sobre a importância e a significância de não considerarmos errada a nossa forma de falar que reflete somente nossas raízes e ancestralidades. E por isso mesmo devem ser respeitadas, devem sim causar incômodo e movimento ao que não consideramos coerente, como muitas regras instituídas que deveriam ser instituintes, deveriam ser flexíveis e reconstruídas a cada movimentação, na intenção de que não fossem (ou não sejam) intactas e rígidas.



Portanto, é apoiada nesta outra razão, que me libero a escrever prossequindo com minhas modificações na linguagem padrão, permeada de emoção, e entendo que é o que dá corpo ao texto.

Retornando a experiência, o processo com o segundo grupo me abriu caminhos de pensar o respeito e o encontro com potencialidades, e isto envolveu o pensar e agir compreendendo internamente a potencialidade das pessoas presentes; o “botar fé” na potência da gente enquanto grupo, enquanto rede, e enquanto pessoas linhas, que estavam entrelaçadas e por isso, fortalecidas por entrelaces que nos emaranhavam. Sinalizo a compreensão interna sobre o reconhecimento da potencialidade das pessoas, pois isso parece-me importante para que a horizontalidade de fato se dê na prática, visto que, imersas em uma sociedade racista e cisheteronormativa, é preciso em primeiro plano desconstruir as ilusões de superioridade construídas pela branquitude e pela cisgeneridade (dentre outras conceituações que auxiliam-nos a pensar como e “quem”, ou o que, forjou essas hierarquias estruturais), especialmente quando trabalhamos e nos relacionamos com pessoas que não compõe os nossos grupos de pertencimento.

“Seis abafaram nossa história, pra esconder potencial, fez parecer que desde sempre é cana ou cafezal” - Psicopretas vol.2 - Gabi Nyarai

Esse processo só se dá na relação, e ele se dá junto a uma costura de descosturar-se de seus supostos saberes, e recosturar-se junto aos saberes que são traçados ali. Nisto, o tecido vai ganhando corpo. O vínculo vai aproximando. Fazendo com que as linhas se coloquem mais ao lado, formando um tecido firme.

Cortar um fio é diferente de cortar fios, de desfazer *nós* e emaranhados de linhas. Que vinculam, que aproximam, aprochem, afrochem fortemente. Tornamo-nos então o “nós”.





Foi um espaço de reconhecimento de muitos dos meus lugares, que incluíram os meus privilégios. Ter consciência deles e poder abdicar de falas, ações e comportamentos, bem como usar meu lugar de poder para benefícios não individuais, foi importante para a construção de um lugar realmente horizontalizado, e que precisou envolver primariamente as desconstruções individuais. Este é um dos movimentos importantes entre a psicologia e a educação popular identificados por mim a partir do meu próprio processo, tendo por base a percepção de que estas ampliações de visões acerca de questões estruturais e preconceitos enraizados passa invariavelmente por um processo psicológico de conscientização e de deslocamento.

Como já mencionado, para o acontecimento real da horizontalidade e do que poderia se aproximar de um processo coletivo inspirado em fragmentos componentes de quilombos ou quilombos urbanos, parece ser preciso a construção do *nós*, ou *de nós*, como sinaliza o corretor ao perceber meu “erro”.

Este *nós*, só se costura na ausência de opressões; só acontece se estivermos ali “em casa”, em um lugar de amparo. Cito a analogia e o comparativo de inspiração mencionando quilombos porque penso: se não for pra retomarmos e tentarmos fazer viver as tecnologias de organização e de cuidado de quem veio antes de nós, resistindo e lutando para promover mudanças, o que estaríamos fazendo? Reproduzindo estereótipias e violências? Ou tentando descobrir grandes coisas

novas mesmo sabendo que passos largos já foram percorridos para o que precisamos alcançar?

Falta, me parece, somente recordá-los, registrá-los e dar prosseguimento, refazê-los, não? Parece não se tratar de descobrir a roda, mas de voltar atrás para (re)conhecer que essa descoberta já ocorreu e que precisamos no momento somente adaptá-las.



*“Façamos novos quilombos não novelas de velhas senzalas”*

*Psicopretas vol.1 - Danna Lisboa*

Todo esse acompanhar um grupo formativo e formador foi extremamente significativo para pensar o que cabe à uma profissional da psicologia.

Todo esse caminhar ao lado, seja subindo ou descendo as ladeiras do Morro da Penha, passando pelo Cemitério público da Filosofia que abriga tantos corpos que foram violentados e que tiveram suas vidas interrompidas (como é o caso de muitos filhos(as) das Mães de Maio que foram sepultados neste cemitério), foi sensibilizante e por isso tocante. E quando toca, por tocar, produz mudanças.

Mudanças essas agora no sentido pessoal, relacionadas a minha concepção acerca do que me caberia nos processos de acompanhamento, psicossociais ou psicoterapêuticos (que logo se aproximariam com a conclusão do curso), ou quaisquer outros.

Como “conclusão” com relação ao que me caberia enquanto psicóloga, compreendi que era justamente esse o papel, o do acompanhamento. Do estar presente, do acompanhar processos. Não interrompê-los, nem atropelá-los, nem guiá-los. Mas só seguir e se encaixar, como num mergulho, que você se encaixa e vai seguindo um ritmo que depende da maré.

De abrir mão de conduzir, de abrir mão de falar, ou, de passar a substituir frases prontas, como acontecia no grupo, fazendo girar o foco no sentido de sempre retornando ao coletivo: “o que vocês acham disso?”, “o que você pensa disso?”, etc.

Esse jeito de manejo, que considero mais respeitoso, possibilitava então espaço. Porque isso é imprescindível: tempo e espaço. É o que precisamos!

Estes dois elementos trazem conforto e segurança para a expressão e só são possíveis quando há humildade, desencadeada possivelmente (quando na relação com pessoas não brancas e não cisgêneras), a partir da desconstrução das ilusões referentes às supostas superioridades brancas e cisgêneras.

Isso me parece ser uma demonstração de reconhecimento. Reconheço a quem está em minha frente o seu espaço e o seu tempo. E esse reconhecimento consiste no ficar em silêncio e ouvir.

Esse reconhecimento pode construir um outro de ordem subjetiva, que acessa o mundo interno. Outro alguém está reconhecendo o meu valor, quer me ouvir, saber minha opinião. É sobre dignidade. E está aí a chave (me parece), sobre o “como fazer acontecer” a horizontalidade.

Talvez isso nada mais é do que respeito. Que passa por reconhecer a humanidade de pessoas que são desumanizadas cotidianamente.

Estar em uma relação e não tratar as pessoas como objetos, que eu posso e preciso “educar”, é o primeiro passo. Ao invés de educar (processo que acontecerá inevitavelmente inclusive de forma dialética e trocada), o processo trata-se notoriamente de poder acompanhar a movimentação de reencontro com as potencialidades internas, de reencontro com o reconhecimento de sua humanidade, pessoalidade, e potencialidade, que está enraizado também em sua ancestralidade.

Então, acompanhar processos de reencontro com ancestralidades, pode ser a grande potência dos processos grupais em que a educação popular se faz presente, haja vista que em meio a este reencontro, *trombamos* também com a amorosidade, e estes e outros grandes elementos vão nos dando pistas para demais aprofundamentos e mergulhos importantes para as realidades envolvidas as quais houve imersão.

Nossa descolonização interna emerge nossas capacidades de amar e isto promove infinitas movimentações, que poderíamos sugerir aquelas relacionadas à cura, ao acolhimento, ao empoderamento e enfrentamento.

Também movimenta nosso fazer, produzindo possibilidades de distanciar-se em momentos oportunos a fim de suportar e dar suporte ao insuportável vivido conjuntamente ou individualmente.

A educação popular propicia a feitura de conchavos como este, que também pode-se desaguar naquilo que chamamos de práxis, haja vista que esta separação oportuna é fruto de uma reflexão sobre a prática, mesmo que ainda esteja ali, na prática, atuando.

Foi extremamente emocionante estar nesse processo, foi profundo, foi um mergulho de fato, a um oceano interno e externo, imenso, que me fez aprender a nadar no quesito relacionamento, no quesito práticas psicossociais; psicoeducacionais; psicológicas; sociais; socioeducativas; ancestrais.

Um dos objetivos do grupo era pensar a articulação de saúde com educação; o letramento e a alfabetização de jovens e adultas; a reivindicação coletiva para acesso à educação de jovens e adultos no território; os processos psicossociais que envolviam as relações étnico raciais, de gênero e classe, e o cuidado em saúde. O processo envolveu agentes comunitárias de saúde, nossas grandes parceiras; mulheres que como mencionado residiam na baixada santista e no Morro da Penha; e mulheres que estavam estudando na Unifesp; além disso também estiveram junto conosco algumas crianças e jovens parentes das mulheres que participavam do grupo.

E hoje, refletindo sobre isso, percebo que os nossos objetivos se ampliaram no durante em decorrência de nossa abertura ao que fazia sentido ao grupo.

Pensar a psicologia então, e o cuidado em saúde integral, em saúde mental, e nos espaços de formação política, de psicoeducação, em minha trajetória, só foi possível a partir de toda essa ampliação, que se iniciou no PET Educação Popular. Com enorme alegria, findo este pequeno escrito desejando vida longa à todas as pessoas que encontrei, ao PET Educação Popular, e à todos pedacinhos de nós que estão por aí, frutos e flores de nossas sementes, a qual eu também sou uma, como diz a parceira e profissional da saúde Gabriela ao finalizar sua fala no IX Fórum de Educação Popular. Pensar que somos pedacinhos de nossas construções coletivas nos faz ter mais ânimo para prosseguir participando e sendo pedacinhos de outros e novos processos coletivos urbanos contemporâneos. Por isso, sentemos em roda, esperancemos na resistência do estar em coletivo, na potência das grandes reuniões, ou dos pequenos encontros em que há conexões genuínas entre ideias, intenções e objeções.



## Referências:

<sup>1</sup>Batista, P. C. (2019). *O quilombismo em espaços urbanos*. 130 após a abolição. *Revista Extraprensa*, 12, 377-396. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153780>

<sup>2</sup><https://www.geledes.org.br/nos-queremos-e-falar-sobre-poder/>

## Referências musicais:

PSICOPRETAS vol.1 - Sistah Chilli | Danna Lisboa | Bia Doxum | Anarka | Dory de Oliveira | Cris SNJ. Acesso em 2021: <https://www.youtube.com/watch?v=bxqhIctLIZY>

PSICOPRETAS VOL. 2 - Yzalú | Gabi Nyarai | Alinega | Meg Tmthc | Sistah Chilli | Monna Brutal. Acesso em 2021: PSICOPRETAS VOL. 2 - Yzalú | Gabi Nyarai | Alinega | Meg Tmthc | Sistah Chilli | Monna Brutal

Imagem 1: (foto acervo da autora e do coletivo, tirada durante uma das subidas ao Morro da Penha para chegar ao nosso ponto de encontro: a Unidade de Saúde da Família).

Imagem 2: Acervo pessoal do grupo. Foto tirada durante uma atividade externa realizada pelo grupo do Morro da Penha à exposição 'Pretatidade', no Sesc Santos em 2019. Na esquerda Janaína, profissional da saúde, agente comunitária de saúde e participante do grupo. Na direita eu, profissional da saúde, psicóloga e participante do grupo. Estávamos observando uma obra que continha muitos "pedacinhos", um quebra cabeça, trazendo uma potente reflexão crítica acerca da população brasileira que é majoritariamente negra, do racismo e da branquitude.

## CAPÍTULO 6

### MANOEL E NOÇÕES DE LETRAMENTO

Júlia Menezes Alonso

Só assim a alfabetização faz sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre o seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo (...) Só assim parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na justa significação: como uma força de transformação do mundo. (PAULO FREIRE)

A primeira noção de letramento que podemos aprender com Paulo Freire é que alfabetizar alguém não é o mero desvelar do funcionamento do sistema de escrita alfabética para o sujeito. É preciso compreender o letramento como um meio de democratização da cultura, da cultura da palavra, como oportunidade de reflexão sobre o mundo e da posição do sujeito no mundo.

A alfabetização, ainda nos dias de hoje, pode ser entendida de forma dissociada da noção de letramento. A alfabetização pode ser considerada apenas como uma técnica mecânica de codificação/decodificação, mas não numa perspectiva freiriana.





Apesar de muitos afirmarem que Paulo Freire inventou um método, na verdade, ele nos revelou um novo olhar sobre a educação e também sobre a apropriação da cultura da palavra. Segundo Magda Soares (2011), Paulo Freire nos aponta uma concepção de educação como prática da liberdade, como conscientização, como libertação das relações opressoras, as quais nos afastam do processo de humanização. Aponta, ainda, uma concepção de alfabetização que revoluciona o objeto, o objetivo e as relações sociais, com os quais se alfabetiza.

De acordo com a autora, uma alfabetização que transforma o material e o objetivo com que se alfabetiza, bem como as relações sociais em que se alfabetiza, é uma definição em que Paulo Freire põe o método a serviço de uma certa política e filosofia de educação.

Com o método cartilhesco do tipo “Eva viu a uva”, o objetivo é levar simplesmente a aquisição das técnicas de leitura e escrita, numa relação vertical de antidiálogo entre alfabetizando e alfabetizador. Assim, o método ignora quem o alfabetizando é e quem poderiam ser, ignora seu contexto social e cultural e reafirma uma política e filosofia de submissão, de domesticação.

Já com a reflexão de “TIJOLO”, “FAVELA”, e outras palavras provenientes de temas geradores, o objetivo é o de desvendar o mundo da escrita de forma reflexiva e crítica, numa relação horizontal,

dialética e dialógica entre alfabetizador e alfabetizando. A prática de ensinar e aprender a lectoescrita assume o alfabetizando como sujeito ativo, que traz em sua bagagem experiências e sabedoria popular, estabelecendo, dessa forma, uma política e filosofia de conscientização e de libertação.

Manoel, 42 anos, nordestino de Pombal, Paraíba, residente no litoral de São Paulo, ainda se embaralhava com as letras, mas já ensinava noções de letramento numa perspectiva freiriana.

O relato a seguir vem para ensinar outra lição importante: a de que a educação se dá nas relações de humanização e de superação da desumanização. Nas palavras de Freire (1969):

“Se falamos da humanização, do ser mais do homem – objetivo básico de sua busca permanente – reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambas, humanização e desumanização são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação.

Certa vez, cheguei à escola para mais uma noite de alfabetização. Manoel aguardava-me ansioso. Abordou-me, nervoso, com o rosto rubro, voz ofegante e expressões de desespero, dizendo-me: “Professora, a senhora precisa me ajudar. Eu não sei ler. Pegaram meu salário todinho. E eu não sei ler. Por favor, a senhora vai ter que me ajudar!”

Eu não compreendia qual relação Manoel estabelecia entre seu salário e o fato de ainda não apresentar proficiência leitora. Contudo, sua fala ansiosa dificultava minha compreensão. Acalmei-o, pedi que respirasse. Apoiei a bolsa na mesa. Solicitei que me contasse o que houvera e que me explicasse, com mais serenidade, como eu poderia ajudá-lo.

Então, aquele homem forte, amigável, um trabalhador dedicado, me contou: “Professora, fui ao banco sacar todo meu salário e esse mês trabalhei muitas horas, ganhei muito, mas meu dinheiro não estava lá. Coloquei o cartão e eles me disseram que eu não sei ler e

pegaram todo o meu dinheiro, é o salário do mês todo. Por favor, me ajude. A senhora é minha professora e precisa me ajudar.”.

Àquela altura do diálogo, eu já havia entendido o que Manoel me relatava. Contudo, aos meus 20 e poucos anos, vividos sempre em centros urbanos do sudeste do Brasil e proveniente de uma família na qual a cultura letrada sempre esteve presente, não imaginava, ao certo, como um sujeito brasileiro, morando no Estado mais rico do país, poderia, em 2013, estar tão distante das práticas sociais de leitura e de escrita, permeadas pela tecnologia digital.

Pedi que Manoel me contasse a história, novamente. Ao fazê-lo pela terceira vez, obviamente, que já lhe imputava ainda mais nervosismo na fala. Foi quando lhe perguntei: “Mas como você sabe que pegaram o seu salário, porque você não sabe ler? Quem lhe falou isso?”. Respondeu-me: “A máquina. Foi assim, eu coloquei o cartão, apertei direitinho ‘os botão’, a senha, tudo certinho e apareceu uma mensagem: Er-ro-de-lei-tu-ra. Foi a máquina, professora! Ela disse que eu não sei ler e por isso meu dinheiro não saía e agora pegaram meu salário todo, porque eu não sei ler, mas eu não posso ficar sem o meu salário, porque é o dinheiro do mês todo!”.

Embora Manoel atribuísse a mim a legitimidade do ato de ensinar e, por isso, considerava que meu status social poderia servir-lhe como um brigadista que apaga um incêndio gerado numa casa, ou um herói que salva o cidadão de determinada situação de perda ou perigo, era ele quem me ensinava, naquela noite, a mais marcante noção de letramento de toda minha experiência profissional e pessoal. Era ele quem materializava, diante dos meus olhos, a importância da cultura da palavra, na vida contemporânea urbana sul-americana.

Que esteja no cerne desta reflexão um saber essencial: não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Paulo Freire, 1996).

É falsa a ideia de que alguém sabe tudo e o outro não sabe nada sobre o mundo das letras. É falso que o que sabe tudo deposita saberes do sistema de escrita alfabética em quem não sabe nada, como se esse fosse uma tábula rasa, uma página em branco.

Muito didaticamente, Manoel, naquele episódio, explicava-me o que Telma Weizs, já em 1983, escrevera: “Porque ler não é apenas estabelecer a relação entre o gráfico e o sonoro. Isto não é leitura, é silabação, vocalização. Ler envolve um duplo desafio: decifrar e descobrir o significado simultaneamente. O real objetivo da leitura é extrair significado e deve ser desde o início. Aliás, antes do início. Porque a linguagem é apenas uma das condutas do que Piaget chamou a função semiótica, isto é, a capacidade de representar”.

Manoel havia decifrado a mensagem de erro de leitura do cartão, no caixa eletrônico de um banco qualquer. O que não compreendera fora o significado da expressão. Atribuiu a si próprio o erro de leitura, sem perceber que havia colocado na máquina o cartão em posição inadequada e por isso não era possível a leitura dos dados daquele chip eletrônico.

Muito provavelmente pelo fato de ter sido alvo, inúmeras vezes, de preconceito linguístico e por ter um baixo nível de letramento digital, acreditou que o caixa eletrônico poderia avaliar suas habilidades de leitura e que a agência bancária poderia reter seu salário, como uma espécie de penitência por não saber ler.

Naquele dia, também compreendi o que Silvia Colello (2007) nos aponta:

Entre todas as conquistas do homem, a linguagem é a que mais contribui para fazer dele um ser humano de fato. Na sua relação com o mundo, a palavra se constitui na melhor representação do potencial simbólico, capaz de fazer a sutura entre o ser, o indivíduo particular, a sociedade e o quadro de referências que se concretiza em cada objeto, cada indagação e cada posicionamento pessoal. A linguagem garante ao homem o lugar de locutor, a constituição da consciência e a posição

de sujeito que rege a própria vida e a reage diante dela. Ela lhe permite considerar o “outro” como alvo de interlocução, assegurando todas as práticas discursivas e sociais. Pela linguagem, cada um de nós consagra a essência do ser humano, em constante vir a ser, integrado à condição de “habitantes do mundo”, por excelência dinâmico e complexo.

Manoel habitava uma sociedade altamente letrada e tecnológica, mas precisava vir a ser um usuário potente da palavra, em um contexto digital. E ele estava outra vez certo: Eu tinha que ajudá-lo. Segundo Saviani (1982), o trabalho educativo é o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo, com sua singularidade, a humanidade produzida pelo conjunto dos homens.

Não só expliquei à Manoel o significado da mensagem que a tal máquina lhe enviara, como lhe reafirmei de que era capaz de ler sim. A sociedade, com todo seu advento tecnológico, ainda produz sujeitos excluídos do acesso ao conhecimento e à cultura construídos ao longo da experiência humana. Ou seria desumana?

Segundo Paulo Freire (1981), para a concepção crítica, o analfabetismo não é uma ‘erva daninha’ a ser erradicada, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta.

O caso de Manoel deflagra o quanto nossa sociedade ainda precisa democratizar as práticas sociais de leitura e de escrita, para que o cidadão brasileiro amplie seu nível de letramento. Esse incremento impacta, diretamente, o exercício pleno de seus direitos e deveres na vida pública e privada.

Que jamais percamos de vista de que ler não é decifrar e escrever não é copiar (Emília Ferreiro e Ana Teberosky, 1999). Que saibamos a importância da democratização da cultura da palavra para o pleno desenvolvimento da cidadania, em nossa sociedade.

Portanto, é importante ressaltar que a apropriação da cultura da palavra se dá diante das práticas de letramento, das práticas sociais de leitura e de escrita e não pela transmissão de uma técnica de

codificação/decodificação. Isto é, a cultura da palavra deve ser democratizada por meio da oferta de práticas de linguagem, pelas quais o sujeito lê e produz textos em um espaço em que sejam consideradas as funções e o funcionamento da língua escrita, bem como as condições pelas quais o discurso é produzido.

A apropriação do sistema de escrita se dá, assim como qualquer outra aprendizagem numa relação dialética, de via de mão dupla.

Por isso, os círculos de cultura, com os quais Paulo Freire trabalhava na década de 1960, com a alfabetização de camponeses da cidade de Angicos, localizada no Estado do Rio Grande do Norte, por meio do Projeto de Educação de Adultos, do Movimento de Cultura Popular (projeto que, posteriormente, se estendeu para várias localidades do Brasil, com o objetivo de alfabetizar cinco milhões de brasileiros em dois anos), ainda hoje, é alvo de investigação científica e provoca profundas reflexões sobre a relação do conhecimento crítico e o compromisso de intervenção transformadora sobre a realidade.

Que esteja claro ao leitor que a democratização da cultura da palavra deve ser um interesse de todos os cidadãos brasileiros. A democratização da cultura da palavra deve ser alvo de políticas públicas de estado e um compromisso da luta popular, pois é um direito social de toda a população brasileira.

Manoel, com excelência, ensinou-me essas belas noções de letramento. É que ele continue a nos ensinar.

### **Referências Bibliográficas**

COLELLO, Silvia. *A escola que (não) ensina a escrever*. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

FERREIRO, E. TEBEROSKY, *A. Psicogênese da Língua Escrita*. Trad. Diana Myrian Lichtenstein et all. Ed. Artmed, Porto Alegre, 1999.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e terra 1981.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.

\_\_\_\_\_. *O Papel da Educação na Humanização*. Paz e Terra, 1969.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra, 1996.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2011.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia: para além da curvatura da vara*. Revista da Associação Nacional de Educação (ANDE). Ano 1, N° 3, 1982.

WEISZ, Telma. *Quem é o sujeito do processo de alfabetização?* Linha d'água, volume 3, 1983. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37073>. Acesso em: 30 set 2021.

## PARTE II:

# VIVÊNCIAS DAS FRENTES DE TRABALHO DO PET EDUCAÇÃO POPULAR: DA TEORIA À PRÁXIS QUE TRANSFORMA

Desde 2010, o PET “Educação Popular: criando e recriando a realidade social” da UNIFESP/BS, atua de modo interdisciplinar na construção de espaços de diálogo e estímulo do pensamento crítico por meio do ensino, pesquisa e extensão, que compõem os pilares da graduação. Dos trabalhos de extensão realizados, o PET Educação Popular divide-se em três frentes de atuação: Frente Cultura da Palavra, Cultura da Palavra e Saúde Mental e Cultura e Resistência Indígena, cada uma voltada para um segmento social. Ao articular as demandas emergentes, potencializa-se o espaço acadêmico e permite realizar um diálogo que contemple um trabalho coletivo de transformação cotidiana. É por este ponto de vista que, ainda que cada frente contenha sua especificidade, elas se articulam por meio do fortalecimento das relações entre a Universidade e a comunidade na perspectiva de trabalho fundamentada na teoria da Educação Popular Freiriana, estimulando o pensamento crítico-reflexivo e a vivência da práxis, na transformação dos modos de (re)produção da vida social dos sujeitos.





# POESIA -

## **ANIMAL IRRACIONAL**

Ô animal irracional  
Por que está assistindo este canal  
Cansou de ver pela janela  
A reprise da novela

Revista de fofoca semanal  
Preocupado com sua dita cultural  
Gosta do sangue da ficção  
Mas tem medo do latido do seu cão

Caiu na peça de primeiro de abril  
Multicanal funciona com a esponjinha do bombril  
Aí chamou o cabo-man  
Fantasiado de He-Man

Ampliou seu vocabulário verbal  
Limpando a bunda com jornal

Cozinhamos na panela de pressão  
Esperando da tv uma cena de explosão

Seção vulgar, notícia trivial  
Assista no canal banal  
Seu animal irracional

*Leandro Fome*<sup>3</sup> (em memória)

---

<sup>3</sup> Leandro foi um jovem poeta, inquieto com o fugaz e amoroso com as pessoas. Vinculado ao Naps <sup>3</sup>, hoje chamado de Caps Praia, foi militante da luta antimanicomial. Nos deixou recentemente em um falecimento precoce.

# CAPÍTULO 7

## **FRENTE CULTURA DA PALAVRA E SAÚDE MENTAL: Paulo Freire e Saúde Mental na rede de saúde do município de Santos/SP**

FABRÍCIO GOBETTI LEONARDI

LETÍCIA MARTINS DOS SANTOS QUINTAS

MARIANA DA ROCHA GATTO

BEATRIZ FERREIRA PONTES

THAYNARA LEANDRO DOS REIS

A frente “Cultura da Palavra e Saúde Mental” do PET Educação Popular surgiu no segundo semestre do ano de 2017, com a proposta de proporcionar espaços de educação, cultura e expressão aos usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Santos/SP. Os(as) participantes são majoritariamente pessoas que estão em “acolhimento dia” e em “cuidados intensivos”. Esse trabalho é desenvolvido em quatro CAPS da cidade: CAPS Centro, Praia, Vila e Zona Noroeste e também se iniciou uma tratativa produtora junto ao Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), da cidade de São Vicente, mas infelizmente foi inviabilizada pela pandemia de Covid-19.



O projeto tem como objetivo promover, através do arcabouço teórico-metodológico de Paulo Freire, a autonomia e resistência às opressões das pessoas que são atendidas nesses serviços, utilizando-se, como estratégia metodológica, dos círculos de cultura (FREIRE, 1981). Para isso, é necessário um trabalho de fortalecimento dos vínculos e de construção de pertencimento das pessoas na relação com o grupo. Parte-se da aposta na construção de um cuidado coletivo e em liberdade, com vistas ao exercício da cidadania dos(as) educandos(as). Por meio de seus saberes, de suas experiências e da sua realidade é que se busca construir uma reflexão crítica, permeada de novos conhecimentos e processos coletivos.

Ao nos firmarmos na compreensão do referencial teórico-metodológico freiriano, fica evidente que o caráter norteador é o compromisso com as lutas e combate às opressões. Sendo assim, é de extrema importância trazer à centralidade do trabalho a tomada de posição e participação ativa nas pautas de luta pelos direitos dos povos originários, a luta antimanicomial, trabalhista, feminista, antirracista, anticapacitista, LGBTQIA+ e tantas outras.



Prezamos uma relação de horizontalidade, na qual possamos juntos(as), educadores e educandos, aprender. Isso se constitui como um grande desafio, pois todos os(as) envolvidos(as) no processo são singulares e têm formas muito particulares de lidarem com a vida. Outro desafio são os efeitos dos medicamentos, que interferem no processo de aprendizagem e nas relações dos sujeitos.

Porém, em vez de nos paralisar, esses desafios nos provocam a pensar estratégias de coletivizar as relações e as questões do grupo. O foco do processo é que as pessoas e nós consigamos produzir reflexões críticas sobre as nossas vivências e nosso lugar no mundo. As questões relacionadas à saúde mental são frequentemente visitadas, mas não porque são pautadas por quem conduz a atividade. Elas se colocam a partir da participação dos sujeitos que trazem suas vivências e dilemas cotidianos como temas importantes. Dilemas que vamos descobrindo juntos serem coletivos, interpessoais, territoriais, sociais.

Sendo assim, e como resumo, podemos dizer que são realizadas oficinas grupais semanais por meio de círculos de cultura, com duração média de duas horas, tendo como centralidade o estímulo à leitura, à aprendizagem e reforçamento da escrita, troca de informações, discussão de temas considerados importantes pelo grupo, e experimentação de distintas formas de arte, onde é possível a construção e partilha de saberes e estratégias para a realidade cotidiana.

Nessas oficinas são utilizados recursos como música, poesia, vídeos informativos, filmes, documentários, dinâmicas corporais, artesanato, pinturas, notícias, rodas de conversa, entre outros. As extensionistas se dividem em quatro grupos, cada um atuante em um serviço e planejam durante as supervisões semanais diferentes atividades, entendendo as particularidades de cada coletivo. Estas são realizadas de acordo com os temas geradores trazidos pelo grupo. Trabalhamos metodologicamente a partir do trinômio ação-reflexão-ação, típica da práxis da Educação Popular Freiriana.

## Um pouco mais de história!

Iniciamos nosso trabalho no CAPS Zona Noroeste, a partir da observação de uma demanda de alfabetização no local pela estudante da Unifesp-BS, Lena, estagiária de Serviço Social. Junto aos técnicos e residentes do serviço ela percebeu que alguns usuários retratavam diversas dificuldades em algumas atividades cotidianas, como, por exemplo, administração de medicamentos, dificuldade de manejar seu próprio dinheiro, entre outras.



Sabendo do trabalho de letramento realizado pelo PET Educação Popular, Lena procurou o grupo para verificar a possibilidade de realização de atividades naquele espaço. A proposta foi acolhida por Beatriz Munhoz (integrante do PET na época), que acreditou na possibilidade de realização do trabalho e abraçou a ideia trazida por Lena, mesmo com todas as dificuldades que poderiam ser encontradas.

Após uma conversa com a equipe do serviço, na qual foram expostos a proposta de trabalho, o referencial teórico, e também realizado o esclarecimento de dúvidas, as atividades no CAPS Zona Noroeste foram iniciadas no dia 23/06/2017.

No CAPS Centro iniciamos nossas atividades no dia 26 de março de 2018, após uma articulação com a equipe do serviço e de uma reunião como a que ocorreu no CAPS Zona Noroeste. As atividades no CAPS Vila iniciaram no dia 7 de maio, após o mesmo processo.

Os nossos primeiros encontros consistiam na aproximação com o espaço e com os usuários e na criação de vínculos. Com o passar do tempo começamos a identificar as demandas de alfabetização e letramento do grupo, que era a nossa proposta. Logo foram identificadas demandas semelhantes com as do CAPS Zona Noroeste, porém cada serviço apresenta também suas particularidades. Diante disso, tentamos sempre levar em conta esse detalhe, e, na maioria das vezes, planejamos atividades distintas para cada serviço.



No dia 29 de abril de 2019, iniciamos nossas atividades no CAPS Praia, após uma semana de articulação com a coordenação do serviço, expondo a metodologia e o objetivo do nosso trabalho. Logo nas primeiras oficinas não foram identificadas demandas de alfabetização, e o espaço do grupo acabou focando em discussões e atividades culturais/artísticas.

### **Um pouquinho do que fazemos!**

Realizamos oficinas de alfabetização e letramento e círculos de cultura, que acontecem semanalmente. Simultaneamente, efetuamos um auxílio individual e coletivo nas oficinas, com o objetivo de integrar o grupo como um todo, sem deixar de nos atentar às dificuldades individuais.



Até o momento, elaboramos diversos jogos, trabalhamos com a contagem e o manejo de dinheiro, atividades de matemática e geografia, em outros momentos compartilhamos experiência confeccionando artesanatos, realizamos rodas de conversa sobre temas que surgem dos próprios usuários, debatemos questões políticas, e claro, extraímos da experiência e do cotidiano do grupo o substrato para as oficinas. Utilizamos recursos como pintura, poesia, música, entre outros, para alcançarmos os objetivos das atividades.

Além disso, com o passar das oficinas foi pontuada a importância de se realizar atividades em diferentes locais na comunidade, fora do serviço de saúde como forma de proporcionar aos(às) usuários(as) novas vivências e a ocupação de diferentes espaços na cidade. A ocupação de locais como parques, praias, concha acústica, universidade e gibiteca, também reforça o ideal do cuidado em liberdade.

O planejamento das atividades visa construir “roteiros norteadores” para as idas a campo de forma coletiva, com o intuito de atender as demandas dos usuários e estar consoante aos princípios da educação popular e da luta antimanicomial. É o momento em que há discussões teóricas, com relação ao processo que se vem vivenciando em campo, semana a semana.



A supervisão semanal é um momento destinado ao acompanhamento e partilha da experiência semanal em campo, nas dimensões grupais e individuais de cada integrante. Constitui espaço de troca e aprendizado onde são problematizadas situações significativas dos

encontros entre os extensionistas e supervisor. Se caracteriza como um momento de acolhimento e “tratamento” de dúvidas, encantamentos, angústias, causos, frustrações, entre outros.

As reuniões semanais são indispensáveis no processo da estruturação das propostas ofertadas pela extensão e da construção de uma práxis. A partir do diálogo e da conversa em roda, a troca de experiências possibilita exercitar as premissas da educação popular, construindo e reconstruindo saberes e vivências.

Como também a divisão de tarefas entre as extensionistas é um momento do planejamento em que as atividades são organizadas e distribuídas. De modo geral, as oficinas são compostas por atividades que precisam ser previamente elaboradas, porém conduzidas com uma visão que abre margem para outras possibilidades de acordo com demanda do momento. A organização é dividida de formas diferentes por cada miniequipe respeitando a autonomia e particularidades de cada grupo.

As atividades lúdicas nomeadas de “quebra-gelo” consistem em propostas realizadas ao ar livre, com exercícios corporais de alongamento, expressão, contato e criatividade. São, muitas vezes, acompanhadas por recursos musicais e relacionadas com a proposta da oficina da semana. O despertar do corpo em um momento recreativo, por meio de atividades colaborativas envolvendo atividade física, coordenação e atenção aos movimentos, tem como objetivo estimular o interesse e a disposição em participar dos círculos de cultura com momentos de debates, leitura e escrita, favorecendo também o vínculo.



Nos serviços de saúde mental é comum que os/as usuários/as estejam sonolentos/as, decorrente dos efeitos da medicação, o que compromete a atenção e o interesse nas oficinas que envolvem escrita, desenho, debate, entre outros. Isso se acentua após a realização das refeições. A partir dessa realidade e pensando em formas de driblar tais aspectos, surgiu a ideia de executar ações de “aquecimento” fora da sala de oficinas e que envolvessem atividades dinâmicas e animadas. Assim surgiu a ideia do “quebra-gelo” como estratégia pontual em um dos CAPS e, logo em seguida, as mini equipes que atuavam em outros CAPS, também atravessados pelas mesmas dificuldades, testaram essa atividade como prática semanal.

Apesar de causar certa resistência no momento em que se é proposta, o quebra-gelo foi bem aceito pela maioria dos(as) participantes. Como, geralmente, envolvia situações inusitadas para a rotina, acabava despertando a curiosidade do grupo, aproximando as pessoas e garantindo, de certa forma, uma adesão à oficina.

## **E de final?**

É muito gratificante perceber que a cada final de ano o grupo permanece acreditando que o trabalho tem sido importante junto à rede de saúde mental do município de Santos. São inúmeros os relatos de pessoas que participam das atividades e que cobram os serviços, os(as) profissionais e dos gestores, a nossa presença nos momentos em que a universidade está em recesso ou férias. O reconhecimento das extensionistas na dinâmica destas inúmeras vidas marcadas com o estigma do sofrimento mental.

É verdade que o processo de genocídio que vivenciamos com o covid-19 dificultou enormemente nossas atividades, eminentemente práticas e presenciais, o que tem sido uma grande perda. A situação de vulnerabilidade social e de saúde dificultou, inclusive, o acesso digital das pessoas, impedindo que, como em outras extensões, as atividades migrassem para o on-line. Ainda uma ação importante,

relacionada à Conferência Nacional Popular de Saúde Mental, organizada pelo grupo, foi realizada de forma híbrida no ano de 2021.

Para encerrar, lembramos abaixo uma oficina realizada:

### **Oficina de poesia**

Esta oficina foi realizada no dia 06/05/19 sobre poesias para serem apresentadas no Sarau do CAPS no dia 14/05/19, semana da Luta Antimanicomial. A atividade foi muito interessante. Maria, Olímpio e Márcio lembraram de quando viveram no antigo manicômio Hospital Anchieta, relatando torturas e muito sofrimento, que ambos passaram nessa situação. Através dos relatos foi construída uma poesia:

Tomava banho gelado, apanhava e ficava amarrada

Tomava sossega-leão, sem direito a cama, dormíamos no chão

Depois do choque, me soltava, batemos a cabeça, me desorganizava

Era desumano os gritos de sofrimento

Eu contava, mas ninguém acreditava

Dormi em meio aos mortos, fiquei dias sem ver a luz do sol

Perdi minha humanidade, perdi minha liberdade, perdi o meu direito,  
minha felicidade

Hoje eu quero viver em liberdade, que não exista mais nenhuma grade!

*Maria Medeiros*

Vivia como um passarinho preso  
Que sonhava em voar  
No Anchieta todos sofriam  
Angustiados  
Sem sol e estrelas  
Isso tinha que acabar  
No CAPS me sinto bem  
Pois trancar não é tratar!

*Márcio Sérgio de S. Cruz*

## Referências

ASSUMPÇÃO, RPS & LEONARDI, FG. Educação popular na universidade: uma construção a partir das contradições reflexões e vivências a partir do PET educação popular da UNIFESP Baixada Santista. *Revista e-Curriculum*. 2016 [cited 2019 Sept 13];14(2):437-62. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/27448/20349>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 74ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. 66ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

\_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. In: HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. 2. ed. rev. Brasília- DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006; p. 21-37.

# POESIA

## Efeitos Colaterais

Sou os “efeitos colaterais”?  
Sou a doença em estado bruto?  
Qual sou, afinal?

Homem sem rosto e sem passado  
Face de chumbo sem futuro

Quem eu sou, afinal  
Zyprexa? Pondera? Akineton?  
Ou apenas diazepam?  
CID 10: F29, F30 ou F20.9?  
Eu pessoa inválida

Edison de Castro<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Edison de Castro, residente do município de Santos, é poeta, cronista do dia a dia e histórico militante da luta antimanicomial, com atuação na Baixada Santista. Já publicou os livros “Pequeno Príncipe Maltrapilho” e “Pague para Ler, Reze para Esquecer”.

# CAPÍTULO 8

## **FRENTE CULTURA DA PALAVRA MORRO DA PENHA**

Beatriz de Lima e Silva  
Gisela Santos da Silva  
Graziela Massi  
Isadora Rovani Vieira

A Frente Cultura da Palavra atuante no Morro da Penha na cidade de Santos, que integra o Grupo PET Educação Popular – Criando e Recriando a Realidade Social, principia suas atividades em 2017 por iniciativa de algumas PETianas, estudantes de Psicologia e Serviço Social da UNIFESP/BS, que tinham o desejo de se aprofundar na temática da alfabetização e letramento para jovens e adultos em uma perspectiva crítica. A frente passou por diversas reestruturações desde a sua criação. Inicialmente, a “Frente de Alfabetização” trabalhava com pessoas interessadas em voltar a estudar que eram encaminhadas de serviços públicos locais como o CRAS e o CREAS, e em meados de outubro de 2017, a partir do diálogo com uma das estudantes encaminhadas por esses serviços citados, passamos a construir uma frente de trabalho para atuar diretamente em seu território: o Morro da Penha.

Ao passo que o diálogo e o desejo de atuar no território se dava com a educanda citada, outra articulação era tecida entre as estudantes da graduação, com as Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) da Unidade de Saúde da Família (USF) do Morro da Penha. Contato que foi possível devido ao Eixo Comum Trabalho em Saúde (módulo interdisciplinar que é cursado nos primeiros semestres da graduação, pelos diferentes cursos existentes na UNIFESP Campus Baixada Santista). Eixo que atua no território de forma interdisciplinar, a partir do qual mantivemos contato com essas profissionais e reatamos com o programa de extensão PET.

Em parceria com as Agentes Comunitárias de Saúde a proposta ganhou corpo, estrutura e formato, visto que a proposta de trabalho a ser realizado convergia com algumas de suas principais demandas relacionadas às dificuldades da promoção de saúde com pessoas não alfabetizadas. Com isso, o grupo se formou a partir de uma organização coletiva e de diálogos entre as Petianas, a Coordenação da USF, as ACS e as municipais que elas identificavam como possíveis participantes.

Desde o fim de outubro de 2017 até atualmente, o grupo segue se modificando e criando outros percursos e formas de fazer (principalmente devido ao contexto de pandemia), mantendo ainda o objetivo inicial: facilitar aproximações ao letramento, à convivência, à saúde, aos processos de estudos e alfabetização.

Relacionado mais diretamente à dimensão da pesquisa e do ensino, há como objetivo a aproximação com a prática da práxis (que é o processo de agir, refletir para depois agir novamente) e com a produção de conteúdos intelectuais que possuem como centralidade as experiências vividas a partir de sistematizações e registro de memórias e percursos das vivências. Esse movimento nos mobiliza a uma constante transformação já que na relação com o grupo podemos aprender para construir um diálogo mais condizente com a realidade que as cercam.



Temos como base a metodologia freiriana, que utiliza como ponto de partida a linguagem e o diálogo, e se caracteriza por ser dinâmica, que se faz e refaz a partir da interação coletiva - educador, educando.

Isso inclui também a utilização das realidades sociais e experiências das educandas no processo ensino-aprendizagem, que intenciona melhorar o sentido e propósito daquilo que é estudado, para absorção do conteúdo de modo a desenvolver uma visão crítica de si, de sua relação com a outra e com o mundo, e sempre que possível utilizando recursos fílmicos e audiovisual que deixam os encontros ainda mais dinâmicos.

Com esse fim, temos articulado atividades que ora valorizam os saberes ancestrais compartilhados entre as famílias das participantes do grupo - com oficinas de escrita e leitura de ervas medicinais; ora priorizam as demandas individuais e que acabam se revelando coletivas - que giram em torno de diferentes propósitos, sejam eles de ler um livro, placa do ônibus, Bíblia etc., ou o desejo de retomar os estudos para conquistar o diploma, que aliás, documento essencial na sociedade capitalista que garante a possibilidade de preencher a ficha de entrevista e comprovar escolaridade exigida na maioria dos empregos ofertados.

E, além disso, achamos de vital importância a circulação dos corpos pelo território e pela cidade como forma de aprendizado e apreensão da realidade extramuros, apropriar-se dos espaços comuns. Suscitar com essa circulação um olhar crítico sobre o pertencimento desses corpos em espaços que muitas vezes nunca foram conhecidos e visitados pelas participantes. Isso inclui visitas a pontos turísticos da cidade, escolhidos pelas participantes a partir da oferta das atividades disponíveis; sejam elas, exposições de arte, museus, parques, espaços para contemplação ou descanso.

Consideramos este processo promovido a partir desse ato de se encontrar enquanto um movimento crítico-reflexivo autodidática, que consistiu na estimulação de construções reflexivas conjuntas sobre as diversas nuances que atravessavam o grupo. Sendo este um

movimento autodidata, justamente pelas pessoas participantes serem as mesmas que conduzem as ações práticas, denotando mais significado e emancipação no processo de construção e reconstrução dos saberes propostos.

Segue abaixo registros fotográficos (acervo pessoal de autoria do grupo da frente Morro da Penha), do grupo de estudos alfabetização, letramento e Arte desenvolvidos ao longo desses 5 anos de existência da Frente.





Além das fotos, o acervo da Frente conta também com vídeos onde as Agentes Comunitárias trazem relatos de como é a experiência de participar dos encontros do grupo de letramento, onde cabe destacar alguns trechos:

“No começo eu não gostava muito, mas agora eu tô amando participar desse grupo com essas meninas da UNIFESP e estar aprendendo com elas [...] e também eu gosto muito de estar com o pessoal, porque eles têm uma vivência deles e a gente acolhe aquilo para a gente, tenta ajudar eles da melhor forma e recebe eles de braços abertos [...]” (Regiane 2019)

**Agente comunitária Regiane Aparecida de Oliveira Pereira.**

Para a elaboração do presente texto, buscamos também pelo depoimento de outra Agente Comunitária, onde ela traz:

“[...] o projeto foi um espaço revolucionário para minha vida profissional. Eu construí vínculos com algumas pessoas que espero levar para a vida [...]” (Regiane 2019)

Sobre o grupo de letramento, a agente comunitária Gabrielle Regina de Assis da Minha, conta também:

“[...] é um espaço de criação, um espaço de aprendizado, de ensinamento e de muita troca. Eu acho que é um espaço de construção.” (Gabrielle 2021)

Em sua fala, a agente reconhece a importância no processo de acolhimento, tanto profissional e também como pessoa, que recebeu por parte das estudantes que compunham o grupo, além do avanço e dos vínculos que surgiram do projeto. Ressalta também como a vivência dentro do grupo de letramento se dá como um troca, pois ao compartilhar, ouvir e experienciar a história de vida dos participantes, ela se sente não apenas ensinando como também aprendendo, de acordo com o exposto em sua fala:

“[...] por muitas vezes, fico tão envolvida nas histórias que escuto que às vezes eu acho que eu não estou ensinando nada e que a única coisa que estou fazendo ali é aprendendo, então pra mim é um espaço de construção, é um espaço enriquecedor e eu gosto muito de escutar essas histórias[...]” (Gabrielle 2021).

**Depoimento da munícipe Maria de Lourdes, que integra o grupo de alfabetização realizada no Morro da Penha.**

A entrevista transcrita, foi gentilmente gravada pela Agente Comunitária de Saúde Janaina da Silva Martins, em novembro de 2021. E fizemos questão de manter a escrita respeitando a pronúncia da entrevistada, como forma de assegurar a fonética mais real possível do relato, já que ele demarca uma marca de linguagem regional, e que não pode ser subvertida para encaixar nas convenções gramaticais que nem de longe é a única falada, tendo em vista a diversidade de dialetos no território nacional.

---

JANAINA: Pode contar Lourdinha, conta pra gente como foi pra você.

MARIA DE LOURDES: Okay. O PET pá mim foi muito iportanti, mi ajudô muito no mia, no meu estilo di vida, nus meu B.Ó. Muta força, e hoje eu tô no EJA.

Agradeço as meninas qui foi muito importante pra mim, tanto pras minhas filhas, na hora mais difícil eu fiz com elas o... eu levava minhas filhas pru PET tudinho. Tive uma filha que teve um acidenti. Então eles me deram muito apoio. Eu então sou muito grata às minina, viu.

Eu gostaria muito que reabrisse o PET di novo, porque é um direito né?! Pra quê pará o PET, mesmo com essa pendemia não pará... entendeu.

Eu istou fazendo o EJA. Tá muito bom. Mas graças às mininas. É como eu digo, eu nunca desisto di nada. Mas si não fosse elas... e eu capturei ela

na internet, foi na internet que eu capturei elas. Mas foi muito bom, fui muito bem acolhida. Sinto muita saudade do PET.

Ao tentar lembrar dos locais que a gente fez o passeio, Lourdinha pergunta:

“Como é o nome mesmo?!”

AO QUE JANAINA RESPONDE: Engenho dos Erasmos.

LOURDES: Engenho dos Erasmos! Os bairro do Morro, conhecemos as coisas do Morro. O projeto, o CRAS, o Bom Prato (risos). Ah, esquecemos do Bom Prato. Teve muito passeio gostosos. Nós fomos até a ponta da praia também. Passeio na ponta da praia.

Aquele lá de frente do coiso que a gente foi mulher?!

JANAINA: A Pinacoteca Benedito Calixto

LOURDES: A Pini... a pini... (risos)

JANAINA: PI-NA-CO-TE-CA (risos).

LOURDES: (risos) essa aí joga pra tu, vixi! Foi muito bom também a... (Lourdes faz gesto com o rosto para Janaina completar a frase com a palavra).

JANAINA: PI-NA-CO-TE-CA

Depois de algumas tentativas e da ajuda de Janaina em separar em sílabas a palavra, Lourdinha consegue pronunciar a palavra e segue dizendo:

“Seis me desculpe tá bem gente, o português da Lourdes, da nordestina sempre sai assim rarara. Mas foi muito maravilhoso, sinto muita saudade.

Ah, e eu não comentei, quando que eu conheci, que foi pela internet. E aí a gente foi comunicô a lá no CRAIS e conseguimos trazer pra cá.

Que a gente estudava lá, era muito bom a alfabetização lá, entendeu. Era muito bom porque eu não trabalhava por causa dos meus B.Ó.

Então aí a gente conseguiu... porque não, a gente vai pra lá pra\* morro?! No Morro vai ficar bem mais fácil, porque tem mais gente.

Porque antigamenti tinha o CECON, o CECON fecho, e tinha muita gente no CECON. Fecharam o CECON, entendeu, por falta de Professores entendeu. Infelizmente não colocar o professor.

Aí de repente quando eu conheci o PET aí quando eu digo: vamos lá pro Morro né filha?! Vamu lá pro Morro. Ao que ela reproduz à sua maneira a fala das PETianas:

“Mas no Morro tem que coisa...” (*referindo a questão espaço físico para os encontros*). Ao que Lourdes responde:

“Vamu lá na secreta... lá nu... lá na Policlínica, fala com as mininas, e vamuu que vamuu.”

“Aí nois falemu com as di saúde (referindo-se às ACS), e conseguimos juntar todo o grupo. E graças a Deu foi, consegui di vim pra cá. Mas foi muito gostosu”.

---

### **Já em um contexto pandêmico...**

Vale ressaltar que devido ao contexto da pandemia do coronavírus no início do ano de 2020, houve a necessidade de criar outros percursos e formas de fazer, ou prosseguir com a frente, uma vez que, as atividades em grupo presenciais da Unidade de Saúde e da universidade foram paralisadas.

Além disso, durante o ano de 2020, houve contatos pontuais com as agentes comunitárias, devido a condições de Saúde, e de acesso a equipamentos tecnológicos, assim como também a dinâmica de trabalho dessas profissionais, que sofreu um grande impacto. Devido a essas questões práticas e estruturais, a retomada do grupo de estudos foi por meio de videochamada se viu impossibilitado de acontecer.

Nesse contexto, a Frente optou, durante o ano de 2020, por focar numa sistematização das ações realizadas nos anos de existência do PET, além de produzir conteúdo para apresentações em eventos acadêmicos e encontros com a rede PETiana, regional,

estadual e nacional para o compartilhamento das experiências e atividades promovidas pela frente. E no intuito de criar um material de referência sobre o trabalho realizado nesse campo do PET.

Já no início do semestre do ano de 2021, ainda no contexto de isolamento social causado pela pandemia, a frente se dedicou à elaboração de um projeto direcionado às Agentes Comunitárias de Saúde, entendendo, sobretudo, a necessidade de um grupo de apoio à essas profissionais da saúde que atuam dia a dia no enfrentamento e combate à pandemia dentro do próprio território.

Pensando a partir da inserção das agentes comunitárias na linha de frente do atendimento da comunidade e dos usuários durante o contexto da pandemia, a proposta de desenvolver o projeto visa oferecer um espaço de compartilhamento de informações pertinentes aos cuidados em momento pandêmico, para promoção de saúde e bem-estar diante dos agravos físicos, psicológicos e sociais que foram acarretados pela pandemia de covid-19. No entanto, a Unidade ainda não estava preparada para atender às demandas do projeto devido a questões de infraestrutura, acesso a tecnologia para os encontros síncronos, e ademais, estavam sobrecarregados com tarefas de ordem prática devido aos índices altos de média móvel de covid-19. O que consome a maior parte do tempo e esforço dessa instituição de saúde.

Desse modo, no segundo semestre de 2021, vimos como forma de prosseguir com o grupo, realizar um grupo de estudos Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido, 1983), visto a relevância da sua metodologia como principal guia do PET Educação Popular: 'Criando e Recriando a realidade social', e principalmente a presença de tal, em todas as dinâmicas que realizamos dentro das respectivas frentes. Além disso, o material de estudo é de suma importância como referencial teórico para atividades subjacentes à pandemia.



# POESIA –

## **JURUA, JURUA**

As mãos aguçadas dos gestores, políticos e juristas  
teimam canetar documentos sobre caos e devastação  
dessa tal unidade de conservação.

Assim parecem dormir mais tranquilas.

Atribuem aos Guarani Mbya a barbárie da civilização.

Mal sabem elas o corpo em que estão.

Jurua, jurua: tire também de meu pescoço essas mãos!

No Parque Xixová Japuí, febre e matadouro já puderam estar.

Alguém vai abrir um Mcdonald's em Petar.

Nhandereko, nhandereko, assim eu quero estar

Yvyrupa, yvyrupa esse é nosso chão de deitar.

No marco temporal da vida é sempre bom lembrar, jurua, jurua

Aqui é meu, aqui é nosso: aqui é lugar de ficar!

A mãe Terra disse que cabe a nós, o cuidar  
Com a força do urucum, jenipapo vamos usar  
Não desistiremos sem lutar.

Fabício Gobetti Leonardi e Leila Miyoko Hatai

# CAPÍTULO 9

## **FRENTE CULTURA E RESISTÊNCIA INDÍGENA: a produção de conhecimentos acadêmicos a partir do encontro com a cosmovisão Guarani vivenciada na Tekoá Paranapuã**

Raiane Patrícia Severino Assumpção  
Thayna Cristine da Silva Sousa  
Marina Massote  
Stephany Santana de Moraes  
Luma Carolina Rocha Lemos  
Patrícia Scherer Guerra  
Leila Miyoko Hatai  
Bruna Freire de Carvalho  
Wera Mirim Ronildo Amandios  
Karai Mirim Gilson Samuel dos Santos  
Para Poty Eliana Macena

## Introdução

A Frente Cultura e Resistência Indígena compõe o PET (Programa de Educação Tutorial) Educação Popular, que tem como referencial teórico-metodológico a Educação Popular Freiriana. A intencionalidade e a agenda de ações da frente buscam problematizar o processo e o modelo hegemônico de produção de conhecimento acadêmico - de modo especial nas ciências humanas e sociais -, inserindo na pauta acadêmica a necessidade da inserção de outras epistemologias, com atenção à cultura indígena, para a produção e reconhecimento de saberes referenciados em diferentes cosmovisões.

A partir da práxis (ação-reflexão-ação), enriquecida de dialogicidade e da busca por uma consciência crítica, tornou-se possível a consolidação de vínculos e uma relação horizontal entre a população indígena e a comunidade acadêmica. Tornou-se fundamental, ainda, a busca pela leitura de mundo: incorporar a cosmovisão Guarani foi fundamental para a execução de ações que fizessem sentido para a comunidade quanto aos acadêmicos envolvidos nas ações.

As ações deste grupo da universidade com a comunidade do Tekoa Paranapuã teve início em 2016, a princípio num processo de conhecer a comunidade e suas demandas. Inicialmente houve o objetivo de discutir questões referentes aos direitos indígenas, com foco no acesso à educação e a saúde diferenciada, conjuntamente com a preservação e o fortalecimento da cultura, considerando a ausência de demarcação de terras indígenas. A perda progressiva do território revela a negligência do Estado perante às comunidades tradicionais indígenas e/ou quilombolas, sendo essencial a garantia de direitos através de políticas públicas específicas, interligando a cultura (cosmovisão guarani), direito ao território, saúde, educação e saneamento.



## 1. AÇÕES - ACOMPANHAMENTOS

### 1.1 Conselho Consultivo

O conselho consultivo faz parte das ações do Plano de Manejo do Parque Xixová-Japuú, território onde está localizada o Tekoá Paranapuã, com o objetivo de obter uma gestão mais colaborativa e de maior diálogo entre os diferentes atores envolvidos. Neste sentido, este órgão é composto por entidades da região, como ONGs (Organizações Não Governamentais), associações, e órgãos como Secretaria Municipal de Meio Ambiente de São Vicente e Praia Grande, Secretarias de Educação de São Vicente e Praia Grande, Comunidade Indígena Paranapuã, Exército Nacional entre outros. A Frente Cultura e Resistência Indígena conquistou para a Unifesp uma vaga de representação neste conselho (vaga destinada para as universidades e institutos de pesquisa) que está ocupada, como membro titular, pelo prof. dr. Igor Dias Medeiros e, como suplente, pela graduanda Esther Beneveni de Souza.



Importante ressaltar que além das reuniões gerais do conselho, há a participação no Grupo de Trabalho de revisão do Plano de Manejo. A elaboração do Plano de Manejo não se resume apenas à produção do documento técnico. O planejamento e o processo de elaboração dos Planos de Manejo constitui um ciclo contínuo de consulta pública e tomada de decisão, que partem do entendimento das questões ambientais, socioeconômicas, históricas e culturais que caracterizam uma Unidade de Conservação e a região onde está inserida. Portanto, um local importante para contribuir para a reafirmação da necessidade do reconhecimento dos saberes e de toda cultura produzida pela população indígena. Como a necessidade da aposta no encontro de saberes técnicos, científicos e tradicionais.

## **1.2 Processo de Judicialização/Mediação**

A área da aldeia foi restabelecida pelos Tupi Guarani e pelos Guarani Mbya no ano de 2004 pelo fato de ser um local onde viviam seus antepassados. Porém, o território ainda não foi delimitado pelo Estado como Terra Indígena e está sob júdice de uma ação civil pública em andamento, que instaurou um processo de mediação. Na área também está localizado o PEXJ (Parque Estadual Xixová-Japuí), que possui um plano de manejo, que não considera a presença da comunidade indígena. A ausência de reconhecimento da aldeia por parte do Estado (agravado pela judicialização da retomada indígena e negligenciada nas políticas do parque) dificulta a forma de ser e viver Guarani, como também o acesso aos direitos básicos da comunidade - como saúde, educação, saneamento básico, alimentação e moradia que deveriam ser respeitados a partir de suas singularidades, conforme a constituição de 1988, independente de possuir demarcação ou não.



Com a instauração da mediação judicial no final de 2018 houve um conjunto de ações com centralidade nas políticas sociais, em que os direitos fundamentais (saúde, educação, habitação e saneamento) foram levados para o Ministério Público Federal, que acionou o poder executivo, para que providências fossem tomadas na garantia desses direitos. De forma pontual, parcial e gradativa esses direitos foram sendo efetivados ao longo do período entre 2018 e 2022.

Entre 2020 e 2022, com a pandemia, as reuniões foram mantidas de forma virtual, compostas por diferentes atores - procuradorias dos entes federativos, técnicos da FUNAI, representantes da Fundação Florestal, lideranças indígenas e representantes das universidades apoiadoras (UNIFESP e UNESP que contribuíram com a proposição e elaboração de um Plano de Uso Tradicional do território - PUT).

No final do ano de 2021, houve interesse em limitar o processo e construir um termo de acordo no uso compartilhado do território. Para a aprovação deste documento a comunidade indígena buscou a atuação da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), que preocupou-se em garantir o conjunto de elementos construídos para elaboração do PUT (Plano de Uso Tradicional). A aprovação final com assinaturas para a vigência do termo de acordo ocorreu em março de 2022.

### 1.3 Sesc Santos

A frente cultura e resistência indígena, em conjunto com o Tekoa Paranapuã e SESC Santos, construíram o projeto “Sementes Guaraní”. O intuito do projeto foi de divulgar a comunidade, valorizar e possibilitar aprendizagens sobre a cultura Guaraní. Foram produzidos seis vídeos e divulgados em plataformas digitais do próprio SESC, como Facebook, Instagram e Youtube. Os vídeos foram elaborados pelos membros do Tekoa, com apoio da Frente Indígena e outros apoiadores da comunidade. O material foi divulgado no período de novembro a dezembro do ano de 2020. Cada material audiovisual contextualiza uma ação cultural e de aprendizagem: o território, o artesanato, o arco e flecha, xondaro (guerreiro) e os corais “Mborai mirim” e “Mensageiros”. Foram também disponibilizados pequenos textos na língua Guaraní e em Português, que sintetizam cada tema abordado.



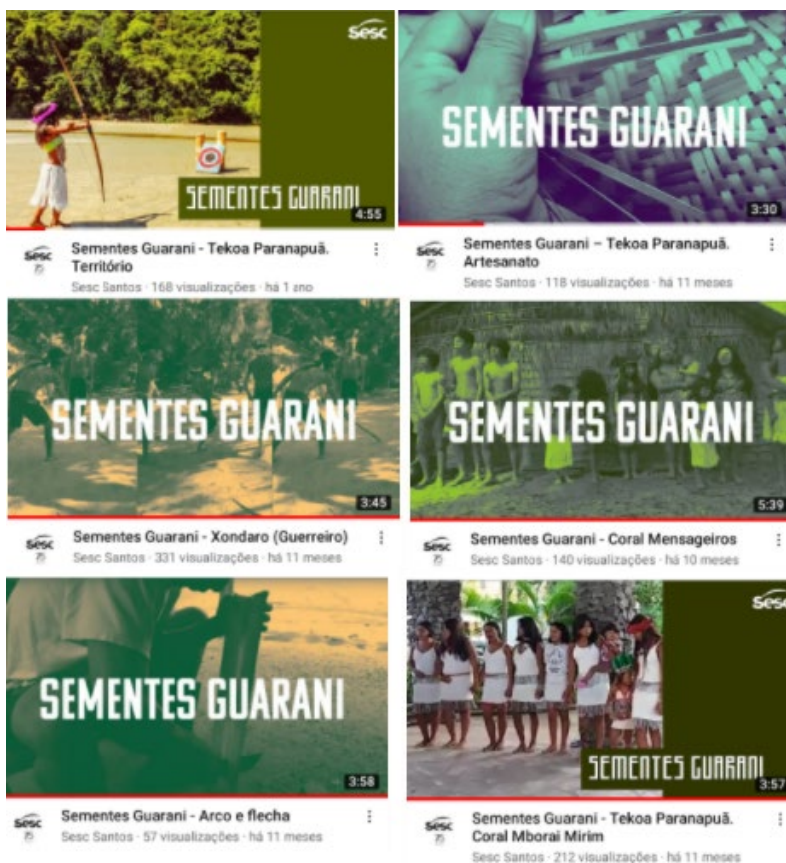
*Depoimento do grupo de trabalho:* “O grupo de trabalho em educação e intervenções audiovisual entende a importância da valorização e difusão da cultura Guaraní, tal como de todos os povos originários em resistência territorial, econômica e cultural; especialmente neste momento em que vivemos uma crise de saúde por conta da pandemia covid-19 e que coloca os territórios indígenas em maior vulnerabilidade. Entendemos o trabalho em produção audiovisual e textual



como caminho possível para a verificação cuidadosa do modo de vida, tradições, características culturais, trabalhos artesanais, espiritualidade e a apresentação dessa diversidade aos olhos de quem desconhece tais possibilidades de vida e organização social.”

#### 1.4 Artesanatos

A venda de artesanatos é uma das principais formas de renda da população indígena da Tekoa Paranapuã. Com a chegada da pandemia tornou-se necessário o remanejamento dessa atividade para que fosse feita com o máximo de biossegurança. Desta forma, alguns participantes da Frente se juntaram com outros apoiadores da região da Baixada Santista para viabilizar as vendas de forma virtual.



Foram criadas redes sociais, nas plataformas do Facebook e Instagram para realizar a divulgação e intermediar a venda. Os artesãos eram buscados com certa frequência na aldeia, fotografados, anunciados nas páginas de redes sociais e quando vendidos eram enviados pelo correio ou por entrega na região. Todos os lucros são repassados aos artesãos. Após alguns meses nesse mesmo processo foi dado início ao auxílio às vendas da Tekoa Mirim, aldeia localizada na Praia Grande/SP.

A partir do projeto “Tecnologia social para a autonomia produtiva de indígenas em áreas de sobreposição de uso”, composta por diálogos semanais, pensando em um processo a longo prazo e que trouxesse mais autonomia na comercialização on-line, a elaboração de um aplicativo e site passaram a fazer parte das propostas em andamento. A discussão envolve elementos da economia solidária, preço justo e incentivos na valorização dos conhecimentos em torno dos artesanatos.



Cartão de apresentação do projeto que acompanha os artesanatos.  
Tekoa Kuery significa mais de uma aldeia.

## 1.5 Photovoice

Participação no projeto “Estratégias de enfrentamento à Covid-19 em Populações Vulnerabilizadas”, desenvolvido pela Universidade Federal de São Paulo em conjunto com o Sesc Vila Mariana. Esse projeto teve como objetivo conhecer a vivência por populações vulnerabilizadas no enfrentamento à covid-19, identificando os desafios e as problemáticas relacionadas a este contexto.

A execução do projeto foi de forma remota e foi composto por cinco grupos: pessoas em situação de rua, pessoas indígenas, pessoas transgêneros, mulheres Africanas imigrantes e pessoas moradoras da comunidade local da Vila Mariana. Foram realizados encontros semanais, que alternavam em encontros com todos os grupos e subgrupos, durante quatro meses, para construção processual de narrativas.

O método utilizado para desenvolver o projeto foi o PhotoVoice. Ele consiste no processo em que os participantes registram imagens fotográficas e dialogam sobre as imagens produzidas por eles próprios, sobre suas vivências como membros de um determinado grupo social. O grupo indígena produziu 27 fotos nesse projeto; porém, após a produção, foram selecionadas, de forma coletiva, seis imagens que mais representavam o enfrentamento da comunidade, diante da pandemia da covid-19, construindo através das narrativas as legendas.



Foto: Jéssica  
LEGENDA EM GUARANI: ka'a guy á  
LEGENDA EM PORTUGUÊS: Fruto da Natureza



Foto: Mariano  
Legenda em Guarani: Mba'e apó Ha'e ka'a guy  
LEGENDA EM PORTUGUÊS: O trabalho e a Natureza

## Conclusão

Observa-se, portanto, a importância da atuação da Frente de Cultura e Resistência Indígena em conjunto a Tekoá Parapuã, com diferentes inserções, principalmente no momento da pandemia da covid-19, em que a situação de vulnerabilidade se tornou ainda maior.

A partir da troca de saberes com a comunidade da Tekoá Paranapuã, pudemos refletir sobre nossas ações, intenções e intervenções. Neste sentido, podemos apontar as reflexões sobre o desenvolvimento de processos educativos pautados na práxis (ação-reflexão-ação), na criticidade e na dialogicidade intercultural e pelo reconhecimento de saberes - a produção e a valorização de conhecimentos a partir do encontro acadêmico com a cosmovisão da comunidade indígena.

A realização das atividades na perspectiva da educação popular, que sempre foram acompanhadas de encontros, idas à aldeia e conversas presenciais. Foram alteradas por atividades virtuais, com o uso principalmente do celular, que acabou gerando o registro de alguns materiais de autoria das(os) indígenas do Tekoa Paranapuã. Mas devemos considerar que na aldeia a ausência de sinal, falta de acesso aos dados móveis ou até mesmo o não uso de aparelhos, faz com que o contato seja restrito a algumas pessoas, por exemplo, a xejary (anciã, liderança espiritual) da aldeia, não está acostumada a usar celular. Mesmo com algumas adaptações e dentro das possibilidades, as atividades aconteceram e fortaleceram ainda mais o vínculo, amizade, carinho e admiração por essas pessoas que ensinam constantemente uma outra forma de ver e viver, demonstrando muita força, disposição e alegria para encarar os desafios e enfrentamentos cotidianos e históricos. Foi possível ter mais proximidade com a cultura Guarani, suas bandeiras de luta e fortalecer o processo de formação profissional e de sujeito, com base na educação popular.



O vínculo estabelecido entre a população da aldeia e membros da universidade tem sido intensificado - neste momento da Pandemia o uso do zap e reuniões por meet possibilitou este estar junto e permanecer em diálogo para necessidades diversas -; tem possibilitado aprendizagens para os sujeitos envolvidos no processo e a produção de conhecimento por meio do diálogo intercultural: o reconhecimento de saberes permite afirmar que quando se fala de território para o povo guarani está se falando da vida guarani: o território é o elemento central para a existência da cultura. Desde os ancestrais a terra é concebida como a “casa” da qual fazemos parte. Assim, o território tem um grande significado em relação à cultura e ao conhecimento.

Neste sentido, esta experiência tem evidenciado um processo que envolve, concomitantemente, conhecimento acadêmico, sentimentos, relações, atuações, ação e intencionalidade política; como também a reafirmação de concepções, apreensão e deslocamento de saberes, questionamentos e elaboração de conclusões provisórias, na perspectiva de transformar a educação dos sujeitos envolvidos e de implicar na realidade social. Esta vivência, com estudantes e a população da Tekoa Paranapuã, tem permitido compreender o papel da educação na efetivação de um projeto societário e na nossa existência enquanto ser social - o reconhecimento de nossa constituição, enquanto humano, marcada pela inconclusão e incompletude, como também pela capacidade de ensinar e aprender com o outro.

## **Bibliografia**

ASSUMPÇÃO, Raiane (org.). *Educação Popular na perspectiva freireiana*. São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CRP/SP. *Povos Indígenas e Psicologia: a procurar do bem viver*. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 74ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 66ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. In: HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. 2. ed. rev. Brasília- DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006; p. 21-37.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. *Revista crítica de ciências sociais*, ISSN 0254-1106, ISSN-e 2182-7435, N°. 80, 2008, págs. 5-10.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo. 2010, 126 pp.

OLIVEIRA, Vinícius Duarte de. *As resistências ao etnocídio na Aldeia Tekoa Paranapuã*. 202. 119f. Dissertação (Mestrado) - Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO. 2005, pp.118-142.

## PARTE III

# TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES: NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES DO PET EDUCAÇÃO POPULAR

*Na convivência, o tempo não importa.  
Se for um minuto, uma hora, uma vida.  
O que importa é o que ficou deste minuto, desta hora,*

*desta vida...  
Lembra que o que importa  
é tudo que semeares colherás.  
Por isso, marca a tua passagem,  
deixa algo de ti,...  
do teu minuto,  
da tua hora,  
do teu dia,  
da tua vida.*

*Mário Quintana*





# NARRATIVA I

## **NÓS SAÍMOS DO PET, MAS O PET NÃO SAI DA GENTE! RELATO DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR**

Aline Lúcia de Rocco Gomes  
Valéria Aparecida de Oliveira Silva

Com muita frequência relembramos o período que iniciamos nosso aprendizado sobre *o que é e como* podemos utilizar o referencial teórico-metodológico da Educação Popular. Foi a partir do ano de 2012 quando ingressamos no curso de serviço social e participamos da seleção para integrar o grupo de sistematização do PET Educação Popular “Criando e Recriando a Realidade Social” da Unifesp/Baixada Santista, que nossa experiência começou.

Naquela ocasião, o grupo PET ampliou suas atividades selecionando mais 32 alunas e alunos dos diferentes cursos de graduação – além do grupo de estudantes que já atuavam como bolsistas e não bolsistas – com a finalidade de sistematizar as ações das frentes que desenvolviam atividades na comunidade – Conselho da Juventude; Guardião Cidadão; Cadeia Feminina; Escola Leonardo Nunes; Trabalhadoras do Sexo; Mães de Maio, CEDH/Unifesp e Comunicação e Memória.

Nesse sentido, torna-se oportuno destacar que conforme Assumpção (2009) a sistematização em educação popular é entendida como:

[...] uma prática que requer aproximação com as vivências, os seus protagonistas devem participar efetivamente desse processo, para garantir a autenticidade dos conteúdos, relatos e acontecimentos. Sendo imprescindível contemplar as diferentes percepções das práticas, avaliamos como necessário realizar um permanente processo de distanciamento e aproximação da experiência, possibilitando que aspectos até então não contemplados, pela banalização de olhares “acostumados” com a ação habitual, sejam identificados. (ASSUMPCÃO; NOTARI; VILUTIS, 2009, p. 143).

Assim, com o encerramento do processo em que foram sistematizados os trabalhos das ações desenvolvidas pelas frentes, surgiram possibilidades de criarmos novas frentes de trabalho, passamos a atuar, cada uma em um grupo. Na Frente Educação Popular e Direitos Humanos (Frente Corpo e Cultura), que consistia em trabalhar o conceito de corpo culturalmente construído por meio da dança junto aos trabalhadores terceirizados do campus Baixada Santista; e a Frente Educação Popular e Direito à cidade (Frente Vila Sapo), que teve como proposta contribuir com a luta por habitação dos moradores da comunidade Vila Sapo, no bairro da Ponta da Praia, em Santos/SP.

Em 2014, diante de alguns entraves quanto a realização das propostas dessas frentes, a Frente Corpo e Cultura foi reconfigurada, e ambas passamos a construir uma proposta de trabalho em conjunto com outras integrantes do PET, numa perspectiva interventiva crítico-reflexiva dentro dos espaços acadêmicos.

Com efeito, acreditamos que foi este período que nos proporcionou mais prazer e agregou muito em nossa formação enquanto sujeitos em transformação.

As ações de intervenção variavam muito, contudo, eram construídas a partir de estudos de temas, planejamento sistemático e altas doses de criatividade, sendo utilizados os instrumentos propostos pela

educação popular freiriana por meio de místicas e círculos de cultura. Além dos convites para vários eventos no campus e nos Congressos acadêmicos organizados pela universidade, essas ações permitiram que nós nos constituíssemos enquanto grupo, coeso e reflexivo das questões que permeiam as relações sociais e a dinâmica que movimenta nossa sociedade.

De todas as lembranças desse período, que nos marcaram intensamente, talvez a que mais nos provocou, no sentido de refletir acerca do que propõe o trabalho em educação popular, tenha sido a proposta de intervenção junto à população em situação de rua.

Nessa ocasião, as(os) estudantes que compunham a frente em grande maioria eram do curso de serviço social e faziam estágio no Centro Pop de Santos. Após participarmos de uma das assembleias promovidas pela coordenação do serviço, propusemos desenvolver um trabalho com essa população devido ao estabelecimento de diálogo e a expectativa de eleger entre os sujeitos uma comissão de representação junto ao Comitê Nacional da População de Rua. Foi assim que elaboramos um Projeto denominado Cine Pop com Pipoca que previa fazer reuniões periódicas com os usuários do serviço, e através de filmes, pretendíamos abordar assuntos inerentes à realidade social, tais como machismo, gênero, trabalho, organização política, etc., de modo a fomentar a participação política dos sujeitos envolvidos no processo.

Toda a construção do projeto, se deu em parceria com os colegas do Centro Pop e para que essa parceria não causasse nenhum transtorno aos profissionais do equipamento, é que levamos o Projeto até o conhecimento da Secretaria de Assistência. Em uma reunião, explicamos quem éramos e o que pretendíamos. Tudo muito transparente, mas que em contrapartida, nos foi negada a oportunidade de prosseguir com o trabalho. Por razões alheias ao nosso entendimento – naquele momento –, sem nem ao menos justificar a recusa, inviabilizaram nosso Projeto.

Com muita expectativa e ansiedade em executar as intervenções, mesmo com o desinteresse, nós enquanto grupo,

juntamente com alguns participantes do serviço, abraçamos o desafio de fazer acontecer a proposta que acreditávamos poder contribuir, de alguma forma, com a realidade das pessoas envolvidas.

Para levar o trabalho adiante, a partir do uso dos espaços da universidade planejamos o início das sessões de cinema, providenciamos todo o material necessário, mas percebemos que não havíamos discutido sobre qual filme abordar no primeiro encontro, contudo, vale ressaltar que já tínhamos uma lista de filmes organizada pelo coordenador e equipe do serviço, mas eram filmes que não estavam disponíveis com facilidade.

Assim, devido a emergência com a proximidade da data prevista para a intervenção, o filme escolhido por nós da frente, foi o documentário *Ilha das Flores* que aborda um tema relacionado à realidade daquelas pessoas. No nosso entendimento o conteúdo do filme possibilitava uma discussão crítica acerca da situação que vivenciavam cotidianamente. Entretanto, logo no início percebemos que nossa escolha não foi acertada, principalmente pela mulher que compunha o grupo convidado.

Durante a exibição do filme ela permaneceu inquieta, demonstrando grande desinteresse e frustração. Quando finalizamos o documentário, abrimos uma roda para discussão das impressões que tiveram sobre o conteúdo do filme, e quando chegou a vez da mulher manifestar suas considerações, ela nos pegou de surpresa alegando que não havia gostado. Afirmou que havia aceitado participar porque imaginou que iria ver um filme que a fizesse sonhar com outra realidade, que não aquela que vivenciava há vários anos. Como exemplo, ela citou *A lagoa Azul*, um filme romântico que alcançou muito sucesso na década dos anos 80.

Naquele momento, conseguimos contornar o constrangimento em ouvir aquelas palavras tão sinceras com a contribuição das experiências de outro participante que afirmava conhecer o cenário do documentário. Após isso, propusemos uma intervenção corporal para

finalizarmos o encontro com a interação mais pontual e descontraída dos participantes.



\*As imagens acima são das discussões em grupo, feitas após a exibição do filme.  
Crédito: Valéria de Oliveira

Posteriormente, na avaliação do grupo entendemos o significado daquelas palavras refletindo sobre as implicações causadas pela nossa ação e só então as palavras daquela mulher passaram a fazer mais sentido.

Depois disso, muitas ações foram desenvolvidas pelo grupo com a população em situação de rua, no entanto, torna-se importante dizer que esta passagem até hoje não foi esquecida.

## Em nossa bagagem: reflexões e ações para a vida

Para nós, relatar essa história permite elencar fundamentos importantes quando partimos da concepção freiriana de educação popular que valem a pena ficar registrado. A primeira questão a ser abordada está relacionada à formação universitária e o papel que a extensão exerce enquanto fator de intervenção na realidade social compreendendo o que Vasconcelos (2011, p. 23) afirmou “A extensão é um espaço privilegiado para a emergência e a consolidação de propostas pedagógicas inovadoras nas Universidades. [...] ela funciona como laboratório de práticas pedagógicas inovadoras, onde propostas ainda pouco estruturadas vão se aperfeiçoando”.

Partindo disso, é possível destacar o quanto a nossa inexperiência naquele período permitiu alcançar mais aprendizados no decorrer do processo, ressaltando ainda que “a extensão universitária não se caracteriza apenas pela busca de um modo dialogado e comprometido de inserção e de ação social, mas também pela forma participativa de sua organização interna, em que estudantes e populares ocupam grande espaço de protagonismo” (Ibidem, p. 23).

Voltando à experiência relatada, assumimos que foi negligenciado o ponto fundamental de intervenção na realidade, conhecer para intervir. Ainda conforme a contribuição de Vasconcelos (2011, p. 29) “*Esse conhecimento prévio é a matéria-prima da Educação Popular*” porque permite que não seja reproduzido um conhecimento pautado na transmissão ou depósito de saberes, de acordo com o tradicional processo pedagógico.

Na Educação Popular, não basta que o conteúdo discutido seja revolucionário se o processo de discussão se mantém vertical, pois, assim, o modo de discussão reforça a submissão, apesar do conteúdo discutido ser emancipador. (Ibidem, p. 29).

Traduzindo as palavras do autor, hoje podemos reforçar que mesmo que a nossa ação tenha sido justificada pelo afã do *fazer*, ressaltando a preocupação com os trabalhadores do serviço,

desconsideramos o princípio do diálogo e da participação coletiva que pretendíamos construir com aquele público. No processo de intervenção na realidade, é imprescindível o cuidado com a abordagem e isso deveria ter sido pensado.

No caso, não propusemos uma discussão anterior para definição do conteúdo e reforçamos a submissão dos sujeitos, ou seja, constatar a perversidade da realidade vivida de modo desigual e constantemente violado somente foi possível porque a participante chamou nossa atenção para o fato de que existem outras necessidades – as individuais – para além do reconhecimento da realidade na qual se vive, e mesmo que a proposta desse despertar seja revolucionário, há que se considerar as subjetividades.

Conforme relatado na experiência (re)memorada, as afirmações acima nos *fez* e *faz* refletir sobre a importância das ações de intervenção na realidade social, no sentido de buscar, primeiramente, reconhecer na relação com a comunidade qual a visão de mundo dos sujeitos que a compõe, priorizando o diálogo como pressuposto para identificar suas demandas individuais de forma a construir coletivamente alternativas de superá-las e/ou reconstruí-las.

**Mesmo que seja utopia, queremos sonhar e esperar por um outro mundo possível.**

Considerando nossas vivências e experiências nos anos de formação acadêmica vinculada ao PET e, conseqüentemente, aos trabalhos da Frente Corpo e Cultura, nos foi possível desenvolver um olhar mais atento, uma formação mais crítica e aberta para as transformações.

O tema ao qual nos propusemos a trabalhar na Frente é de grande complexidade, intensidade e subjetividade que nos proporcionou uma necessidade maior de estudo e aprofundamento teórico. O que é falar de Corpo e Cultura em uma sociedade Capitalista? Entender e desconstruir o que historicamente vem sendo constituído é uma missão desafiadora e que na maioria das vezes vai na contramão do que nos vem sendo socialmente imposto.

A proposta do PET sempre foi de trabalhar partindo da nossa incompletude, buscando através das intervenções e debates a intencionalidade principal de nos fazer refletir sobre nossa própria realidade, no quanto somos seres inacabados e aprendemos com o outro, com a vida. Nos anos que estivemos vinculadas ao PET foi possível compreender que é na relação com o outro e com a realidade, que vamos tomando consciência, entendendo que em cada ação interventiva conseguimos proporcionar muitas reflexões acerca da nossa realidade e também do outro.

Além do relato que trouxemos aqui sobre essa determinada intervenção, é importante dizer que outras tantas intervenções nos marcaram muito, mas nessa passagem em especial a famosa frase de Paulo Freire que disse “*nos construímos no processo e em comunhão*” traduz exatamente como nos enxergamos no trabalho que temos desenvolvido desde então.

Para nós, ficou o aprendizado de que talvez tenhamos deixado de reconhecer, pelo menos naquele momento, que além dos sujeitos partícipes da intervenção, nós também éramos e somos sujeitos envolvidos no processo transformador das diferentes realidades, com nossas especificidades, subjetividades, valores e visão de mundo.

Finalmente, podemos afirmar sem sombra de dúvidas que, enquanto sujeitos envolvidos no processo, construir outras possibilidades de romper com a lógica opressora e desigual de nossa sociedade, é possível. Como educadoras populares que somos, reconhecemos em nós mesmas essa transformação.

### **Referências Bibliográficas**

ASSUMPCÃO, Raiane.; NOTARI, Juliana.; VILUTIS, Luana. O significado da sistematização na educação popular. In: *Educação Popular na perspectiva freiriana*. Raiane Assumpção (ORG.), São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009, p. 143-168.



VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação Popular, um jeito de conduzir o processo educativo. In: *Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência*. Eymard Mourão Vasconcelos, Pedro José Santos Carneiro Cruz (Orgs.). São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011, p. 28-34.

# NARRATIVA 2

## À PRIMEIRA VISTA

Raiany Neves Silva

A minha relação com o PET Educação Popular foi um amor daqueles à primeira vista. Estava no segundo ano da graduação, ainda me apropriando do espaço da universidade pública e conhecendo as inúmeras possibilidades de projetos oferecidos pela instituição para os alunos participarem, quando soube da existência de um projeto que trabalhava com a educação popular freiriana. Saber disso iluminou o meu dia.

Eu já havia lido o livro “Pedagogia do Oprimido” durante o segundo ano do ensino médio, o que foi uma experiência muito marcante e afetiva, pois envolveu a proposta de um professor, muito sensível às demandas de educação dos alunos, como uma das atividades para discutirmos a questão da meritocracia, conceito que dividia opiniões entre os alunos na sala de aula.

Saber que existia a possibilidade de utilizar os conhecimentos produzidos por Paulo Freire na área da saúde, me trouxe um entusiasmo que seria difícil de descrever aqui em palavras. A partir disso, aguardei ansiosamente o momento em que o projeto abriria uma seleção de novas petianas e me neguei a prestar qualquer processo seletivo para outro projeto de extensão ou para outro programa de educação tutorial. Eu senti que precisava experienciar este projeto, e sentia isso daquela maneira como poucas vezes na vida sentimos certeza sobre algo.

Depois de um tempo, descobri que antes da abertura de algum processo seletivo, eu poderia me aproximar do projeto para conhecê-lo. Compareci então pela primeira vez em uma reunião do grupo e daí mais surpresa e entusiasmo surgiu quando descobri que o PET era dividido em frentes de atuação, e que uma dessas frentes realizava seu trabalho na área da saúde mental, com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade, promovendo oficinas de alfabetização.

Saúde mental era justamente a área que mais tinha despertado o meu interesse na graduação até aquele momento, e naquela ocasião senti mais do que nunca que estava no lugar certo e na hora certa. Participei de algumas reuniões da frente de saúde mental e, posteriormente, fui à campo pela primeira vez. Até então, a frente da saúde mental ainda estava se consolidando dentro do PET, e se a estruturação de uma frente que aliasse a educação popular à saúde mental era um desafio para os petianos que já estavam envolvidos nesse processo, era um desafio maior ainda para mim, que estava no início da minha trajetória acadêmica e era recém chegada no projeto.

No início do próximo ano, já no terceiro ano da graduação, comecei a fazer parte efetivamente do PET, atuando na frente da saúde mental. Surgiram outras alunas interessadas em fazer parte da frente e resolvemos expandir o projeto para outros CAPS, processo do qual fiz parte desde o início, e que foi essencial para o meu crescimento como estudante e profissional. A falta de uma hierarquia rígida dentro do PET e a possibilidade da tomada de decisões em conjunto, entre tutores e petianos, permite que os graduandos construam novas formas de atuar no território à medida que as demandas são comunicadas ao grupo, com uma liberdade que traz uma potência enorme ao trabalho realizado.

Foi com base também nessa confiança que desde o meu primeiro dia como petiana, em 2018, conduzi a primeira oficina com as outras extensionistas e os educandos, sem supervisão de nenhum professor da universidade ou profissional do serviço. Não havia grande paranoia e

preocupação de que fossemos causar um estrago irreversível se não estivessemos sendo supervisionadas em tempo integral. Fabricio Leonardi, que era quem nos acompanhava mais de perto, confiou que éramos capazes de junto com os educandos termos uma ótima experiência nesse primeiro encontro. E foi exatamente isso que aconteceu.

Por fim, totalizaram quatro CAPS onde a frente atuava. Semanalmente fazíamos a intervenção no serviço e logo depois tínhamos uma reunião conjunta de supervisão e planejamento, na qual era possível aprendermos com as experiências umas das outras (sim, todas as extensionistas eram mulheres). Não demorou muito para que o projeto se consolidasse nos CAPS e fosse uma das oficinas mais esperadas pelos usuários durante a semana. Com o passar do tempo entendi que isso não é surpresa quando realizamos um trabalho em conjunto com as pessoas, ouvindo-as, em um ambiente de horizontalidade e acolhimento.

Aliás, este é o primeiro aprendizado que o PET me proporcionou e que levarei para a minha vida como profissional da área da saúde: falar com as pessoas e não para elas. Como disse Paulo Freire, isso só é possível quando estamos dispostos a ouvir as pessoas. E foi a partir da escuta implicada e atenta que o espaço das oficinas se tornou um lugar seguro, de confiança e de crescimento conjunto. Não era incomum que os educandos trouxessem dúvidas dos mais variados tipos para serem discutidas no grupo, ou que se sentissem à vontade para compartilhar suas experiências sofridas de vida. Ao longo do tempo, o grupo se tornou um lugar de produção de cuidados e de promoção de saúde.

O segundo aprendizado que tive o privilégio de experienciar na prática foi a importância da práxis, de um trabalho pautado no trinômio ação-reflexão-ação. De início, planejávamos uma oficina que apesar de tentar contemplar as demandas existentes, muitas vezes fugia da realidade em sentido à nossa idealização de como deveria ser o grupo. Fomos então aprendendo a sempre refletir sobre a nossa prática e a reformulá-la diante da resposta que tínhamos dos educandos. Foi com base nisso que reformulamos a proposta da oficina, ela deixou de

ser exclusivamente de alfabetização para ser de letramento no geral. O que em outro contexto seria chamado de “fracasso”, para nós era só uma oportunidade de refletirmos e analisarmos melhor a realidade para aprimorarmos a nossa prática, ou seja, a falha nada mais era do que uma oportunidade.

O terceiro aprendizado é o quanto todos temos algo a aprender e algo a ensinar. Por isso, mesmo que muitas vezes seja difícil, compreendi que não devemos nos colocar na posição de detentores do saber, ignorando os conhecimentos e as sabedorias dos educandos. Houve encontros em que aprendi mais do que ensinei: aprendi sobre a realidade do serviço, aprendi sobre a história da cidade de Santos, aprendi sobre artesanato, aprendi sobre outras línguas, aprendi sobre música, tudo ensinado pelos educandos-educadores.

Além da posição de detentores do conhecimento, é muito difícil como profissionais da saúde não nos colocarmos no lugar de sujeitos da autonomia dos pacientes/usuários/clientes (ou como preferirem chamar) aos quais atendemos. Por isso, esse é o maior e quarto ensinamento que aprendi com o PET e que jamais será deixado de lado na minha atuação profissional pelo resto da minha vida: ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Devemos agir como assessores das outras pessoas, ajudando-as a analisarem as variáveis envolvidas no processo de decisão, mas sempre reforçando a liberdade de cada um de decidir sobre a sua vida.

Falo sobre todos esses aprendizados, não de maneira romantizada, como se não existissem dificuldades no processo da construção de uma educação crítica e conscientizadora, pautada no diálogo e na autonomia. Foram muitas as vezes em que não soubemos o que fazer, em que sentimos a nossa cabeça dar um nó durante uma oficina, em que tivemos dificuldade de codificar um tema para ser levado para discussão em grupo, ou em que presenciamos falas auto opressoras dos educandos deixando nítido que estavam reproduzindo uma ideologia opressora introjetada neles.

Porém, nunca caímos na armadilha de achar que deveríamos ditar qual o pensamento “correto” e no que os educandos deveriam acreditar ou não. Não falo aqui a partir da romantização, mas a partir da amorosidade a qual Paulo Freire muitas vezes se referiu, com a certeza de que apesar de ser um processo difícil, só faz sentido para nós seres humanos históricos e inconclusos, uma educação voltada para a libertação e para o pensamento crítico que não negue a ninguém o direito de dizer a sua palavra e de ser mais.

Com certeza, ter feito parte do PET Educação Popular foi uma experiência singular de muitos aprendizados e pela qual tenho muita gratidão. Não sei quem seria a Raiany hoje sem ter passado por ela.

# NARRATIVA 3

## MINHA TRAJETÓRIA

Maria Clara dos Santos Oliveira

Minha trajetória no PET teve início no ano de 2018, através de um anúncio divulgando a seleção de novas participantes para compor a frente Cultura da Palavra e Saúde Mental. Me inscrevi com a ideia de continuar a vivenciar a rica experiência que tive no CAPS da Vila na disciplina Trabalho em Saúde (TS) Produção de Narrativas.

No primeiro encontro com os usuários me vi um pouco tímida em meio a pessoas novas, mas ao mesmo tempo muito à vontade naquele novo espaço.

Uma das usuárias me perguntou: você vai ficar quieta desse jeito? A gente gosta de gente que fala com nós! Eu ainda tímida, respondi: logo, logo eu me solto mais. E aos poucos fui me soltando, conhecendo, compartilhando, crescendo: enquanto pessoa e profissional. Mal sabia eu que aquela experiência mudaria minha forma de enxergar o mundo e faria eu me apaixonar pela área de saúde mental.

Nas atividades da extensão tive a oportunidade de conhecer mais sobre a educação popular e sua importância para os usuários do CAPS Zona Noroeste.

Nesse espaço aprendi o valor da escuta e da construção do saber, entendendo que eu não era a única detentora do conhecimento e que o processo seria de troca de saberes. O PET me ensinou sobre a importância e potência do trabalho em grupo, entendendo este espaço como fomentador de debates e incentivador da participação popular.

No trabalho desenvolvido na extensão pude entender que o afeto é uma ferramenta de trabalho transformadora e revolucionária.

Foram diversos os encontros em que me emocionei, me envolvi, quis fazer mais pelo usuário, quis entender bem sua história de vida para melhor desenvolver o meu trabalho enquanto extensionista.

Vivenciar aquela realidade me fez ter certeza da minha decisão pelo Serviço Social e da luta pelos direitos da população mais marginalizada nesta sociedade.

Por meio do meu processo enquanto extensionista da frente Cultura da Palavra e Saúde Mental, tive a oportunidade de estagiar no CAPS ZN por intermédio da querida Lena, também egressa do PET Educação Popular.

Em minha trajetória profissional percebo o quanto o PET me ensinou sobre o trabalho em equipe, a importância da escuta e do acolhimento e o respeito aos diferentes saberes e expressões culturais. Hoje me sinto mais capacitada para lidar com todas as surpresas que o cotidiano profissional pode oferecer, já que tive como escola um ambiente diverso e com muitas demandas complexas como o CAPS ZN.

Nas vivências de ser extensionista e estagiária, pude ver o quão potente é a Educação Popular enquanto instrumento de trabalho do assistente social possibilitando atender demandas institucionais e demandas dos usuários, sendo que além de contribuir na educação em saúde e no seu aperfeiçoamento, a Educação Popular contribui para a difusão e efetivação dos direitos sociais.



Já no final do processo de estágio e fim (presencial) das atividades da extensão percebi o quanto amei fazer parte de tudo aquilo. A usuária que no começo me achou tímida demais pra estar ali se tornou uma das pessoas mais queridas nesta minha trajetória. Com ela aprendi a ser paciente, a escutar, a falar com mais clareza, a ser profissional. Aprendi que a luta antimanicomial se faz diariamente na defesa pelos direitos da população usuária para que nunca mais exista manicômios.

Eu agradeço imensamente a oportunidade de ter escutado a ela e tantos outros e de ter sido transformada por este processo tão rico.

Vida longa ao PET Educação Popular e ao CAPS ZN.

# NARRATIVA 4

## O CUIDADO SE FAZ NO ENCONTRO

Beatriz Ferreira Pontes

*“O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva.”*

João Fiadeiro e Fernanda Eugénio

Não poderia começar a contar sobre minha experiência como extensionista do Cultura da Palavra de maneira outra, a não ser falando de encontros. Das inúmeras oficinas, idas e vindas aos serviços de saúde mental da cidade de Santos, planejamentos em supervisão na universidade, o que marca são os encontros com os usuários em suas mais variadas formas de existir e compartilhar afetos. Encontros esses, imprevisíveis, sempre cheios expectativas e abertos ao que emergir, que, com o passar do tempo, se fortaleciam com trocas sinceras e espontâneas sobre o cotidiano, sobre as angústias da vida, sobre os descontentamentos com o mundo, entre outros assuntos.

Muito além dos planejamentos, qualquer elaboração prévia das oficinas era surpreendida pela emergência dos afetos cotidianos. Por vezes, nossa presença no serviço era inundada pela dinâmica dos

usuários e de como estavam se sentindo naquele momento, e esse atravessamento nos conduzia para que aquele instante fosse compartilhado de maneira que todos pudessem se sentir à vontade e participassem ou não das oficinas.

“Como de costume, o encontro não ocorreu como planejado, mas felizmente nos surpreendeu com trocas de experiências interessantes.” Esse trecho foi retirado de um dos diários de campo que escrevi em 2019, que expressa como a vivência na saúde mental pode ser imprevisível e para além do que está no papel. Nesse dia, nossa proposta era planejar com o grupo o que falaríamos na intervenção da Rádio Silva, que ocorreria na semana seguinte, mas eles não animaram a proposta e a oficina seguiu outros caminhos. Ao final da atividade, Simone, usuária sempre participativa e querida, me chamou para fazer um cartaz com ela para anunciar a gravação do programa de rádio. Fizemos então um rascunho com tudo que gostaríamos de escrever e ela demonstrou boa compreensão da escrita, o que me deixou bastante contente ao ver sua evolução em comparação com oficinas anteriores. Ela escreveu tudo e pediu para que eu contribuísse com um desenho. A produção desse cartaz me marcou muito, todos os brilhos e cores que fomos escolhendo no processo representavam muito da alegria que transbordava naquele momento. Nos divertimos juntas, e colocamos o cartaz em um lugar de destaque no CAPS, o que fez os olhos de Simone brilharem, como nunca antes.

Um cartaz surgiu para fazer do encontro algo marcante e especial. Para além de acompanhar a evolução da escrita daquela usuária, aquele momento me mostrou a importância do vínculo e do acolhimento das necessidades emergentes. O trabalho na saúde mental tem sentido no compartilhar de encontros como esses, se fazendo presente e entregue ao que surgir, sem a necessidade de laudos e diagnósticos que resumem o sujeito a lógicas biologizantes, mas com cuidado, atenção e afeto.

## Referências

FLADEIRO, João; EUGENIO, Fernanda. *O encontro é uma ferida*. Excerto da Conferência-performance Secalharidade Culturgest, 2012. Disponível em: <https://ladcor.files.wordpress.com/2013/06/o-encontro-c3a9-uma-ferida.pdf>

# NARRATIVA 5

## O VÍNCULO

Leticia Martins dos Santos Quintas

Não há como escolher e citar apenas um encontro. A troca de saberes que o vínculo possibilita é imensurável. Todas as semanas indo até o Centro de Atenção Psicossocial proporcionaram instantes únicos de aprendizado que irão resultar nos saberes dos estudantes.

Assim como é na interdisciplinaridade, que é possível promover o diálogo entre profissionais de diferentes áreas, essa interação resulta em uma intervenção mais abrangente na realidade em que o usuário está inserido. A abordagem multidisciplinar é favorecida ao promover observações distintas nos elementos que intervêm no processo saúde-doença.

Nas oficinas é onde fomentamos vivências que produzem marcas diferentes em cada um. É no encontro que os sujeitos adquirem um conhecimento que é produzido na experiência do momento, um conhecimento que manifesta-se nas interações com o outro.

A prática de acolher e escutar transforma quem é acolhido e também quem realiza o acolhimento. O vínculo que é

estabelecido nesse momento é um meio facilitador para dar continuidade na abordagem, como também, proporciona uma aproximação mais eficiente de modo que é instituída uma relação de escuta e diálogo.

Eu agradeço, imensamente, pela oportunidade de ter feito parte da trajetória do PET Educação Popular e por aqueles que estiveram ao meu lado dividindo as vivências e contribuindo para que cada segundo fosse único.

## NARRATIVA 6

# EDUCAÇÃO POPULAR É PARA MUDAR O MUNDO

Héric Moura Rodrigues

A causa indígena é tão importante, legítima e forte que desperta um enorme respeito na maioria das pessoas que têm contato. Lembro muito bem de como me impactou a primeira vez que vi durante um ato dos indígenas o coral cantando. É realmente encantador, mexe muito com a gente. Fiquei conhecendo a realidade das aldeias da baixada em 2015, a partir do movimento estudantil e aos poucos fomos apoiando a causa. Na época, nós organizamos junto com os indígenas, manifestações em outras cidades, conseguimos transporte, fizemos também um cine debate com eles dentro da Unifesp. Nessa época fiquei sabendo que um grupo da Unifesp também buscava atuar organicamente com os indígenas, então em 2016 comecei a participar das construções da frente “Cultura e resistência indígena” do PET.

Desde o começo dessa interação com o PET Educação Popular me chamou muita atenção a concepção ampla educação. Uma educação que vai muito além da ideia tradicional que trata apenas de qualificar pessoas e para o mercado. Uma educação que cuida na verdade de qualificar as pessoas para a vida. O PET atua na perspectiva de que é necessário levar a sério as diferentes realidades humanas no processo

de educação. A realidade da comunidade indígena na baixada santista é de histórica opressão e exploração, por isso nosso compromisso passou também por exigirmos a superação da lógica do capital que oprime e explora.

Esse resgate do sentido profundo da educação de seu poder de criação e emancipação se encaixa perfeitamente bem com a cosmovisão dos Guarani Mbya. Afinal de contas para os indígenas também o mundo inteiro é uma grande “escola” no sentido de que o tempo todo os seres humanos estão ensinando e aprendendo e transformando o mundo.

Nossas ações juntos com os indígenas sempre foram muito além dos espaços das salas de aula e encontros acadêmicos. Nós ocupamos as ruas, espaços públicos e nos abrimos para o mundo. Sempre respeitando a organização própria dos indígenas, fizemos diversas atividades em parceria com eles dentro e fora das aldeias. Essa parceria que se construiu entre a aldeia e o PET resultou em vários avanços organizativos e também em conquistas objetivas.

Participando do PET tive a alegria e o privilégio de conhecer de perto uma cultura e tradição milenar, rica e cheia de vida. Conheci também um povo alegre, suas crianças, lideranças, anciãos, líderes espirituais. Na frente indígena pude acompanhar e contribuir um pouco com a luta desse povo originário em busca de autodeterminação, garantia de direitos, emancipação e em defesa do meio ambiente. Lutas fundamentais e urgentes sobretudo para combatermos a agenda de morte que está colocada no Brasil hoje.

Durante minha interação no PET acompanhei também o crescimento de pessoas maravilhosas e incríveis como a Leila Hatai, que atualmente não só produz conhecimento antropológico fundamental para o entendimento da questão indígena a nível regional, mas que também a cada dia se forja e se qualifica para a construção de uma educação que realize transformações políticas, econômicas, sociais que são necessárias lado a lado do povo indígena.



# NARRATIVA 7

## O APRENDER DE CADA ENCONTRO

Jady Vilanova Aldá

Me chamo Jady, sou estudante de Psicologia e minha trajetória na extensão Cultura da Palavra da frente de saúde mental do PET Educação Popular começou em 2019. Tive que me distanciar por um tempo no ano de 2020 devido à pandemia e retornei novamente no ano de 2021. Sempre gosto de contar às pessoas que essa foi uma das minhas melhores experiências e descobertas dentro da faculdade. Quando comecei, estava apenas no segundo ano de graduação, em busca de vivências que fizessem minha escolha fazer sentido e poder ter a oportunidade de ver um pouco da rotina do CAPS, durante as oficinas, foi extremamente importante para que eu adquirisse experiências e percepções acerca do que significa um contato humanizado. Me desenvolvi como estudante e futura profissional, mas também como pessoa: a realidade é que nossa troca com os participantes era tão grande, que a sensação que eu tinha é que aprendia mais com eles do que eles comigo. Acredito que é essa nossa premissa: antes de tudo, aprendermos a ser gente, lidando com gente - abrindo nossos olhos para os detalhes, a escrita, o comentário, o não verbalizado, que diz tudo e muito em qualquer oficina. E foi nos encontros em que encontrei sentido para a profissão e por isso sou grata.

Desde o planejamento das atividades, sempre pensando nas possibilidades de ressoar com os saberes diversificados de cada participante da oficina, até o encontro em si, sempre carregado de expectativas e posteriormente, a supervisão; vamos aprendendo minuciosamente como partilhar ideias e saberes. O momento do encontro sempre era uma incógnita: planejamos, mas o planejar é limitado - sempre vai além. É que bom, porque são nos imprevistos e no improvisar em que saiam as maiores lições.

## NARRATIVA 8

### **PROBLEMATIZAR, REFLETIR E CUIDAR**

Cesar Henrique de Souza Inoue

Fui petiano por quase dois anos. Participei do projeto de elaboração do cursinho comunitário Cardume e tive a grande honra e prazer de ser professor no ano seguinte. Construir dois fóruns de educação popular, problematizando a quem serve o conhecimento produzido na universidade trouxe várias reflexões sobre a sociedade em que vivo. Toda essa experiência, alicerçada nas problematizações pensadas por Paulo Freire, me permitiram ter uma percepção mais crítica da realidade e um cuidado mais humano com as pessoas.

# NARRATIVA 9

## VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS A PARTIR DA TROCA

Maíra Gabriel

Me aproximei do PET no segundo ano da graduação e Serviço Social com interesse em ampliar meu repertório enquanto estudante. Logo nos primeiros encontros as narrativas trazidas pelos petianos veteranos me despertavam ainda mais vontade de participar de forma efetiva do grupo e ir a campo.

E, assim ocorreu, fui me aproximando do grupo Educação Popular - Morro da Penha e ali senti que haviam múltiplas possibilidades de nos relacionarmos. Desfrutei muito do cotidiano em conjunto com pessoas que se tornaram queridas com a convivência. A diversidade de idade entre o grupo tornou ainda mais rico o processo. Sem dúvidas ouvir e partilhar as experiências e histórias que cada um tinha a contribuir fizeram todos os encontros serem especiais.

# NARRATIVA IO

Marina Mara Stracini

Meu nome é Marina Mara Stracini, possuo Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2014); Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2018/2020); Residência Multiprofissional em “Rede de Atenção Psicossocial” pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2016/2018) e Aprimoramento em “Saúde Mental e Serviço Social” pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2015). Atualmente sou assistente social, servidora pública na Prefeitura Municipal de Ilhabela/SP, lotada na Secretaria de Desenvolvimento e Inclusão Social, no departamento Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) – que está inserido na Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Entre os anos de 2012 e 2014 tive a experiência de participação no PET Educação Popular, o qual possibilitou também a minha participação no Conselho Municipal de Saúde de Santos e em alguns serviços de saúde do município.

Estas vivências contribuíram para o enriquecimento do meu arcabouço teórico e prático acerca da profissão de forma mais ampla, por meio de uma prática reflexiva que visa a construção coletiva do conhecimento, e assim, transformações sociais. O PET proporcionou significativas experiências ao meu desenvolvimento acadêmico e profissional, bem como a minha iniciação científica, apresentação de trabalho

em congresso internacional (UNICEN – Argentina), aproximação de serviços da rede pública de Santos/SP e de Conselhos de Direito.

Recentemente estive como presidente do Conselho Municipal de Assistência Social de Ilhabela/SP e pude perceber mais concretamente como a participação no PET foi importante em minha jornada, visto que os conhecimentos adquiridos anteriormente puderam auxiliar neste processo de forma crítica e reflexiva.

## NARRATIVA II

# MINHA VIVÊNCIA ESPETACULAR COM EDUCAÇÃO POPULAR NA UNIFESP BS

Thais Ishimoto Tanabe da Silva

Quando entrei na UNIFESP para cursar Serviço Social, em 2010, eu não tinha ideia do que era de fato uma universidade, das possibilidades que ela continha para além de me possibilitar uma profissão, de que ela poderia ser um espaço tão rico. Lá conheci o PET “Criando e Recriando a Realidade Social” através da professora Raiane, em 2011, e ele me proporcionou um sentimento até então inédito de pertencimento, de comunidade, que me acompanhou até o fim da minha graduação.

A princípio participei da frente gênero e prisões e posteriormente contribuí para a formação da frente SECASA. Junto ao PET tive meus primeiros contatos com congressos, construção e exposição de trabalhos, do genuíno significado de “troca”. Foi o PET Educação Popular que me apresentou Paulo Freire, e a perspectiva freiriana foi fundamental para mudar a minha visão de mundo, de educação, para construir a assistente social que sou hoje. A ele todo o meu carinho e gratidão.

## SOBRE OS/AS AUTORES/AS

### **Aline Lúcia de Rocco Gomes**

Especializada em Direitos Humanos e Lutas Sociais pelo Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF Unifesp). Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Pesquisadora do CAAF Unifesp no projeto “Violência institucional e direitos humanos” e pesquisadora no projeto “Vozes da dor, da luta e da resistência das mulheres/mães de vítimas da violência de Estado no Brasil” em parceria com o movimento de Mães vítimas da violência de Estado e a Universidade de Harvard. É educadora na área da educação popular e direitos humanos. Está atualmente na equipe da Coordenadoria de Direitos Humanos da ProEC Unifesp. *E-mail:* [aline.lucia@unifesp.br](mailto:aline.lucia@unifesp.br)

### **Beatriz Ferreira Pontes**

Graduanda em psicologia pela Unifesp Baixada Santista. Atua como extensionista na Frente de Saúde Mental do PET Educação Popular – Criando e Recriando a Realidade Social. O projeto busca agir na construção de uma visão crítica, da autonomia e da cidadania dos(as) usuários(as) dos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), através de oficinas semanais realizadas em formato de Círculos de Cultura.

### **Beatriz de Lima e Silva**

Graduanda em Serviço Social no Instituto Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, Campus Baixada Santista. Bolsista atualmente do PET - Educação Popular: Criando e Recriando a Realidade Social, Frente Cultura da Palavra. Possui formação técnica em Orientação Comunitária pela ETEC CEPAM de Gestão Pública.



### **Bruna Freire de Carvalho**

Graduada em Serviço Social pela Unifesp. De 2015 à 2016 foi extensionista no PET Educação popular “Criando e recriando a Realidade Social” na frente Cultura e Resistência Indígena, que busca por meio da educação popular criar meio da ação-reflexão-ação, práxis, desenvolver uma visão crítica sobre a realidade das comunidades indígenas da região na construção da cidadania e autonomia. Atualmente é voluntária na frente Cultura e Resistência Indígena e mestranda em Saúde Pública pela USP.

### **Camilla Padoim**

Atualmente é psicóloga clínica formada pela Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista. É pesquisadora e investiga os impactos do binarismo de gênero, do racismo, e do pertencimento de classe na saúde mental de grupos populacionais específicos, bem como no acesso a direitos.

### **Carlos Rodrigues Brandão**

Antropólogo, educador popular e escritor. Professor aposentado e atua como professor-colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNICAMP.

### **Cesar Henrique de Souza Inoue**

Formado em psicologia pela UNIFESP, possui Residência em Saúde da Família pela PUC-SP. Trabalhou por 4 anos como psicólogo na atenção Básica do município de São Paulo. Atualmente, Técnico-administrativo em Educação na UNIFESP-campus São Paulo.

### **Fabrcio Gobetti Leonardi**

Possui graduação em Serviço Social pela Unesp, especialização na área “Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais” pela UNB e mestrado pelo Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde da UNIFESP. É doutorando no Programa de Saúde Coletiva da Escola Paulista de Medicina. Atua desde 2010 como assistente social do curso de

Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo e no PET Educação Popular, atuando em ações de ensino, pesquisa e extensão, junto à Coordenação de Cursos de Serviço Social. É tutor da Residência Multiprofissional em Redes de Atenção Psicossocial e compõe a coordenação do Centro de Educação em Direitos humanos da Unifesp - Baixada Santista. *E-mail:* [fabricao.leonardi@unifesp.br](mailto:fabricao.leonardi@unifesp.br)

### **Francisca Rodrigues de Oliveira Pini**

Docente do Curso de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais da Unifesp. Integrante do Grupo de estudo, Pesquisa e Extensão sobre Crianças, Adolescentes e Famílias (GCAF/Unifesp) e do Conselho Editorial da Revista Uni Freire/IPF. Representante da Unifesp/IPF, na Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos e na Comissão Estadual de Educação em Direitos Humanos/Condepe. *E-mail:* [franciscapini@unifesp.br](mailto:franciscapini@unifesp.br)

### **Gisela Santos da Silva**

Cursando Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo(UNIFESP). Participante ativo na organização e construção da Semana da Consciência Negra fomentando debate e apropriação teórica sobre raça, classe e gênero, através do Núcleo Reflexo de Palmares na Unifesp. Integrante ativo do Núcleo Reflexo do Palmares desenvolvendo juntamente com grupo de discentes estudos interdisciplinares e ações que buscam a superação do racismo, enquadrando-o como um dos aspectos centrais das relações de classe no âmbito do sistema capitalista de produção.

### **Graziela Massi**

Estudante do curso de Terapia Ocupacional, da universidade federal de São Paulo, ex-membra da frente cultura da palavra- morro da penha do PET Educação Popular, criando e Recriando a Realidade social. Atualmente atua na equipe do projeto de extensão “Juventudes e Funk” campus baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo. *Email:* [massi9@unifesp.br](mailto:massi9@unifesp.br)

**Héric Moura**

Estudante de Serviço Social. Integrou o PET – Educação Popular na UNIFESP/BS. Tem interesse na área dos direitos humanos e questão socioambiental.

**Isadora Rovani Vieira**

Graduanda em Serviço Social pela Unifesp Baixada Santista. Atua como bolsista na Frente Cultura da Palavra no PET Educação Popular – Criando e Recriando a Realidade Social. O projeto atua no processo de letramento e alfabetização com viés crítico de adultos usuários da USF (Unidade de Saúde da Família) do Morro da Penha, em conjunto com agentes comunitárias de saúde da unidade.  
*E-mail:* [isadora.rovani@unifesp.com](mailto:isadora.rovani@unifesp.com)

**Jady Vilanova Aldá**

Graduanda de Psicologia pela Unifesp Baixada Santista. Atua como extensionista na Frente de Saúde Mental do PET Educação Popular – Criando e Recriando a Realidade Social. Bolsista PIBIC – CNPq na área de Saúde do Trabalhador.

**Júlia Menezes Alonso**

Pedagoga, com pós-graduação lato sensu em Metodologia da Língua Portuguesa e em Alfabetização e Letramento. Possui um MBA em Gestão Escolar pela ESALQ/USP. Professora, 15 anos, na educação básica. Trabalhou com a Educação de Jovens e Adultos. Desde 2013, atua com a formação de professores, na área de alfabetização e letramento.  
*E-mail:* [julia.menezes.pnaic@gmail.com](mailto:julia.menezes.pnaic@gmail.com)

**Juliana Fracaro da Silva**

Graduanda no Curso de Serviço Social da Unifesp e Integrante e Integrante do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Crianças, Adolescentes e Famílias (GCAF/Unifesp).  
*E-mail:* [juliana.fracaro@yahoo.com.br](mailto:juliana.fracaro@yahoo.com.br)

### **Karai Mirim Gilson Samuel dos Santos**

Liderança indígena da Tekoá Paranapuã, aldeia Indígena localizada no Parque Xixová Japuí em São Vicente, São Paulo.

### **Leila Miyoko Hatai**

Graduada em Engenharia Ambiental, Graduada em Bacharelado Interdisciplinar de Ciências e Tecnologia do Mar, ambos pela Unifesp-BS, Santos-SP, Brasil. Técnico em Gestão Ambiental, pela ETEC São Paulo-SP. Extensionista do Programa de Educação Tutorial (PET) Educação Popular “Criando e recriando a realidade social” - “Frente Cultura e resistência indígena”. *E-mail:* [leila.hatai@unifesp.br](mailto:leila.hatai@unifesp.br)

### **Leticia Martins dos Santos Quintas**

Estudante do curso de Psicologia na Universidade Federal de São Paulo e integrante do PET Educação Popular Criando e Recriando a Realidade Social /UNIFESP.

### **Luma Carolina Rocha Lemos**

Estudante do curso de Serviço Social da Unifesp e membra da Frente Cultura e Resistência Indígena do PET Educação Popular Criando e Recriando a Realidade Social. *E-mail:* [luma.crlemos@gmail.com](mailto:luma.crlemos@gmail.com)

### **Maíra Gabriel**

### **Maria Clara dos Santos Oliveira**

Assistente Social pela Unifesp, especialista em Serviço Social em Cardiologia pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, egressa do PET Educação Popular.

### **Maria Liduina de Oliveira e Silva**

Tutora do PET Educação Popular Criando e Recriando a realidade social/Unifesp. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Políticas Sociais (PPGSSPS) e docente do curso de Serviço Social da Unifesp. Membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Criança, Adolescente e Família (Gcaf). *E-mail:* [liduoliveira90@gmail.com](mailto:liduoliveira90@gmail.com)

### **Mariana da Rocha Gatto**

Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal de São Paulo. Tem experiência na área das Ciências Sociais Aplicadas, com ênfase em Serviço Social. É petiana do Pet Educação Popular na Frente Cultura da Palavra e Saúde Mental e é extensionista voluntária do Juventudes e Funk. Além de ter participado como redutora de danos do Div3rso: Saúde Mental, Redução de Danos e Direitos Humanos.

### **Marina Mara Stracini**

Assistente Social na Prefeitura Municipal de Ilhabela/SP, lotada na Secretaria de Habitação e Gestão Territorial. Experiência prática e de pesquisa em políticas públicas (saúde e assistência social). Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2014), Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2018/2020), Residência Multiprofissional em “Rede de Atenção Psicossocial” pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2016/2018), Aprimoramento em “Saúde Mental e Serviço Social”, pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2015).

### **Marina Massote**

Petiana do PET Educação Popular Criando e Recriando a realidade social/Unifesp. Discente do curso de graduação em Serviço Social/Unifesp. *E-mail:* [marina.massote@unifesp.br](mailto:marina.massote@unifesp.br)

### **Mauro Luís Iasi**

Professor Associado II da ESS da UFRJ. Departamento de Política Social e Serviço Social Aplicado. Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983), mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1999) e Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2004). Participa do Núcleo de Estudos e Pesquisas Marxistas (NEPEM- ESS - UFRJ). Educador popular do NEP 13 de Maio. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica, Sociologia Política e Sociologia do Trabalho. Concentra sua

atenção atualmente nos seguintes temas: ideologia, consciência de classe, classes sociais, processos políticos, partidos, educação popular e teoria do Estado.

#### **Para Poty Eliana Macena**

Liderança indígena da Tekoá Paranapuã, aldeia Indígena localizada no Parque Xixová Japuí em São Vicente, São Paulo.

#### **Patrícia Schnek Guerra**

Graduada em Serviço Social pela Unifesp Baixada Santista. Egressa da Frente de Cultura e Resistência Indígena do Programa de Educação Tutorial Criando e Recriando a Realidade Social - Educação Popular. Atua como assistente social no Centro de Referência em Direitos Humanos, na cidade de Alfênas - Minas Gerais,

#### **Patrícia Martins Goulart**

Docente do Eixo Trabalho em Saúde/Unifesp e dos Programas de Pós-Graduação Serviço Social e Políticas Sociais (PPGSSPS) e do Mestrado Profissional Ensino em Ciências da Saúde/ Unifesp. É coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão Trabalho, subjetividade e políticas públicas- Unifesp-CNPq. *E-mail:* [p.goulart@unifesp.br](mailto:p.goulart@unifesp.br)

#### **Raiane Patrícia Severino Assumpção**

Colaboradora, ex-tutora e criadora da proposta do PET Educação Popular: “criando e recriando a realidade social”/ UNIFESP - BS em 2010. Docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais (PPGSSPS). Pesquisadora do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF) da Unifesp. *E-mail:* [raianeunifesp@gmail.com](mailto:raianeunifesp@gmail.com)

#### **Raiany Neves Silva**

Psicóloga pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - Campus Baixada Santista. Foi integrante da Frente Cultura da Palavra e Saúde Mental do PET Educação Popular de 2018 a 2021. Atualmente, é residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da UNIFESP.

### **Stephany Santana de Moraes**

Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo e integrante do PET Educação Popular: “criando e recriando a realidade social”/ UNIFESP - BS compondo dentro deste a Frente de Cultura e Resistência Indígena. *E-mail:* [stephany.santana@unifesp.br](mailto:stephany.santana@unifesp.br)

### **Thaís Ishimoto Tanabe da Silva**

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo, com experiência profissional no Sistema Único de Assistência Social, em Proteção Social Especial de Média Complexidade, e no Sistema Único de Saúde, em Saúde Mental. Atualmente compõe a equipe técnica interprofissional do Centro de Atenção Psicossocial de Miracatu-SP e é pós-graduanda no Mestrado Profissional Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo.

### **Thaís Lasevicius**

Psicóloga. Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Coordenadora colegiada e Pesquisadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sociedade Punitiva, Justiça Criminal e Direitos Humanos ([GEPEX.dh](http://GEPEX.dh)) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Coordenadora do Núcleo de Saúde Mental e Justiça na Comissão de Política Criminal e Penitenciária (CPCP) da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB/SP.

### **Thayna Cristine da Silva Sousa**

Cursando Serviço Social na Universidade Federal de São Paulo e membro do grupo de extensão PET Educação Popular.

*E-mail:* [thayna.unifesp@gmail.com](mailto:thayna.unifesp@gmail.com)

### **Thaynara Leandro dos Reis**

Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal de São Paulo. Com aproximação principalmente nos seguintes temas: torcidas organizadas, conservadorismo, capitalismo e saúde mental. Atualmente é petiana bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Educação

Popular da UNIFESP e compõe a Frente Cultura da Palavra e Saúde Mental que atua no CAPS Zona Noroeste em Santos, São Paulo, também é Estagiária do Serviço de Convivência e fortalecimento de Vínculos “Instituição Beneficente Irmã Marli”

**Valéria Aparecida de Oliveira Silva**

Assistente Social/educadora popular - mestra em Serviço Social e Políticas Sociais - Pesquisadora e Membro do Conselho do CAAF - Centro de Antropologia e Arqueologia Forense/Unifesp e do Grupo de Estudos Violência de Estado, Direitos Humanos e Educação Popular/CNPQ.

**Wera Mirim Ronildo Amandios**

Indígena da etnia Guarani Mbya e Cacique da Tekoá Paranapuã, aldeia Indígena localizada no parque Xixová Japuí em São Vicente.



# HISTÓRICO DOS PARTICIPANTES DO PET EDUCAÇÃO POPULAR

## **CRIANDO E RECRIANDO A EDUCAÇÃO POPULAR (2010-2022)**

### **TUTORAS**

MARIA LIDUINA DE OLIVEIRA E SILVA é tutora (2017 – atual) e colaboradora (2010-atual)

RAIANE PATRICIA SEVERINO ASSUMPTÃO é cotutora (2017-atual) e ex-tutora (2010 – 2017)

### **TÉCNICO EM EDUCAÇÃO**

FABRICIO GOBETTI LEONARDI (2011-ATUAL)

### **PETIANAS/OS ATUAIS**

BEATRIZ DE LIMA E SILVA

ESTHER BENEVENI DE SOUZA

GISELA SANTOS DA SILVA

ISADORA ROVANI VIEIRA

ISADORA CAMPANHA PELAI  
LETICIA MARTINS DOS SANTOS QUINTAS  
LUMA CAROLINA ROCHA LEMOS  
MARIANA DA ROCHA GATTO  
MARINA MASSOTE  
STEPHANY SANTANA DE MORAES  
THAYNA CRISTINE DA SILVA SOUSA  
THAYNARA LEANDRO DOS REIS

### **Egressos**

ALDO JOSE FERREIRA FERRAZ  
ALEXIA CHRYSTINE SILVA DE CARVALHO  
ALINE LUCIA DE ROCCO GOMES  
ALINE VILLAS BOAS DE PAUDA  
AMANDA GIRON GALINDO  
ANA CAROLINA DOS SANTOS NASCIMENTO  
ANA GABRIELA DA SILVA ALMEIDA PRADO  
ANA PAULA GOMES MEIRA  
ANDRESSA KELLY ARAUJO DE LIMA  
ANNA PAULA VIEIRA LIMA  
BEATRIZ MUNHOZ GUARNIERI  
BETINA AHLEMEYER DAUCH  
BIANCA OLIVEIRA DE MELO  
BRENDA BARBOSA DA SILVA  
BRUNA FREIRE DE CARVALHO

BRUNO JAAR KARAM  
CAMILLA PADOIM  
CESAR HENRIQUE DE SOUZA INOUE  
CHRISTINE PEREIRA DE ALBUQUERQUE  
DAIANE DOS SANTOS SILVA  
DANILO RIBEIRO  
DIEGO ARMANDO FERREIRA RIBEIRINHO  
EDILEUZA SHIRLEY CIRINO DE ALMEIDA  
EDSON BARBOSA DA ROCHA  
ELISA SILVA VIDAL  
ELISSANDRA CABRAL DE ARAUJO  
FERNANDA TELES GONZALEZ  
FLAVIA PERES LOPES  
GIOVANNA MOREIRA ZANCHETTA  
GIOVANNA TEIXEIRA BORRI  
GUILHERME JHUANN DA SILVA FRANCA  
HELLEN PAULA NEVES DOS SANTOS  
HELOISA DA CRUZ VALDIVIA LOPES  
HELOISE HELENA PEREIRA NUNES  
HERIC MOURA RODRIGUES  
ISABELA MARTHA DINIZ DE MELO  
JULIANA BELFIORI FERREIRA DE SOUZA PICOLO  
KATIA CORDEIRO MOREIRA  
LAIS TAVEIRA BARROS  
LEILA MIYOKO HATAI

LENILRA VALERIO DA COSTA  
LILIAN RUBIA DA COSTA ROCHA  
LUCAS NICACIO FERNANDES SANTOS  
LUDMILA BARBOSA RODRIGUES  
MAIRA GABRIEL DA SILVA  
MARIA CLARA DOS SANTOS OLIVEIRA  
MARIA HELENA CARVALHO LEMES  
MARIA LUISA DE LIMA E SILVA  
MARIANA FORNOS DA SILVA SANTOS  
MARILIA GABRIELA ALVES DA SILVA  
MARILIA MARQUES NUNES  
MARILYN SATIKO KONISHI  
MARINA FERNANDES SALVINO  
MARINA MARA STRACINI  
MAURICIO DE OLIVEIRA FILHO  
MAYARA ALVES DA SILVA  
MAYARA MARIA ALONGE DOS SANTOS  
NATALIA KOTO ALVES  
NATHALIA TOMAS CARDOSO  
NUBIA CRISTINA DA SILVA  
PATRICIA SCHNEK GUERRA  
RAIANY NEVES SILVA  
SHEILA SOUZA DOS SANTOS  
SUELLEN ABREU  
TATIANE CRISTINE BERUDE QUEIROS LOBO

THAIS ISHIMOTO TANABE DA SILVA

THALITA VIANNA MIRANDA

THYELLY BRANDAO ROMANIN

VALERIA APARECIDA DE OLIVEIRA SILVA

# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL





**Cultura e Resistência Indígena Guarani**

**Programação:**  
 16:00 - Feira de artesanatos indígenas, exibição de vídeos e captação de fotos  
 17:00 - Apresentação do grupo Mborai Mirim  
 17:30 - Minuto (cofina brexki)  
 18:00 - Feira de conversas sobre a cultura e resistência indígenas

**Realização:**  
 Laboratório de etnia do Paranapuã  
 Prof. André Horta de Souza - Etnologia Indígena

**22/06/2016 - Quarta-feira**  
 Local: Saguão Lateral - UNIFESP, Rua Silva Jardim, 136



**Tekoa Paranapuã e os Jurudá**

"Experiências da vida e espiritualidade Guarani Mbya",

10/11 - 16H  
 UNIFESP - CARVALHO - SALA 401



# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL



**ALFABETIZAÇÃO ADULTOS E IDOSOS UNIFESP**

**PET EDUCAÇÃO POPULAR**

CONHECE ALGUÉM QUE GOSTARIA DE APRENDER A LER? INDIQUE O GRUPO DE ALFABETIZAÇÃO DO PET EDUCAÇÃO POPULAR OU ENVIE NOME E CONTATO PARA O EMAIL:

[frentealfabetizacao@gmail.com](mailto:frentealfabetizacao@gmail.com)

ENCONTROS 1 VEZ POR SEMANA NO PRÉDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - USP

**VAGAS LIMITADAS**

PL. SILVIA JARDIM, n°136



**Tekoa Paranapuã e os Jurud**

"Experiências da vida e espiritualidade Guarani Mbya".

10/11 - 16h

UNIFESP - CARVALHO - SALA 101



**Tekoa Paranapuã e os Jurud**

"O que os índios nos dizem sobre o meio ambiente, o que o meio ambiente nos diz sobre os índios e o que ambos dizem sobre nós, não-índios".

30/10 - 17h

SILVIA JARDIM - SALA 136







**Formação em Educação Popular e Direitos Humanos**

O curso de "Formação em Educação Popular e Direitos Humanos" tem o objetivo de motivar e subsidiar a reflexão crítica, as formas coletivas de aprendizagem e investigação, a elaboração de propostas e a aplicação de práticas, atitudes e processos na perspectiva da educação popular e de uma cultura pautada pelos fundamentos e conceitos dos direitos humanos.

As atividades ocorrerão aos sábados (dois primeiros sábados de cada mês), das 10 às 14h.

O local previsto é a sala 120 da Unidade I - Vila Jardim.

O curso será ministrado pela Profa. Dra. Raiane P.S. Assunção, Tutora do Grupo PEI (Programa de Educação Tutorial) Educação Popular e coordenadora do CEDH - Centro de Educação em Direitos Humanos - da UNIFESP.

Objeto Interdisciplinar: deverá fazer as inscrições através do SIA, no período entre 01 e 30/04/16

Carga horária total: 20 horas  
Unidade de ensino: 10 créditos



**Cultura e Resistência Indígena Guarani**



**Programação:** Realização:

16:00 - Feira de artesanatos indígenas, exibição de vídeos e exposição de fotos

17:00 - Apresentação do grupo Mborai Mirim

17:30 - Jaleku (coffee break)

18:00 - Roda de conversa sobre a cultura e resistência indígena

Lideranças da aldeia de Paranápa  
Prof. Iris Morais Araujo - Etnologia Indígena

**22/06/2016 - Quarta-feira**

Local: Saguão Lateral - UNIFESP, Rua Silva Jardim, 136



**V FÓRUM DE EDUCAÇÃO POPULAR**

**Educação, Ideologia e Direitos Humanos**

**07  
12  
17**

Das 13h às 21h

com sarau aberto, oficinas temáticas e apresentação musical de Obirin Trio



Realização: PEI Educação Popular e UNIFESP BAIXADA SANTISTA

Apoio: CEDH

**UNIFESP**  
Baixada Santista  
Rua Silva Jardim, 136  
Vila Mathias, Santos  
Saguão Principal



# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL



PET Educação Popular, Cátedra Kaaporá e Aldeia Paranapuã oferecem o curso:

## Tekoa Paranapuã e os Juruá

Cultura e resistência indígena na atualidade

PET Educação Popular

UNIFESP  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
1933

TEKOA PARANAPUÃ

*Juruá significa literalmente "boca com cabelo" (juru-boca, a-cabelo) em referência a barba e bigode dos europeus.*

# Projeto de Extensão Cultura da Palavra 2019



*Trocas e vivências  
de Educação  
Popular e Saúde  
mental na RAPS  
de Santos*



# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL




**Congresso Acadêmico UNIFESP 2020**  
 Centro e Universidade: Transformadores para a Sociedade

**Data: 16/07    Horário: 18h30    Sessão: 100**

**Título da Atividade:**  
**REFLEXÕES A PARTIR DA EDUCAÇÃO POPULAR: A TRILHA CONSTRUÍDA PELO VÍNCULO ENTRE INDÍGENAS E JURUÁ KUERY (NÃO INDÍGENAS) DA FRENTE CULTURA E RESISTÊNCIA INDÍGENA**

**Expositores:** Maria Liduina Silva, Raiane Assunção, Ana Paula Gomes, Esther Benvenuti, Fabrício Leonardi, Guilherme Jhoanni, Letia Hatai, Patrícia Schnek, Thayna Cristine, Wera Mirim (Glenn)

**Participe! Faça sua inscrição gratuita.**  
  
[www.congressoacademico.sites.unifesp.br](http://www.congressoacademico.sites.unifesp.br)


**Frente Ampliada em Defesa da Saúde Mental, de Políticas Populistas e Luta Anticapitalista**

**PRÉ-CONFERÊNCIA POPULAR DE SAÚDE MENTAL**  
**Baixada Santista**  
**+ Liberdade + Diversidade + Direitos = Democracia**  
**UNIFESP - Silva Jardim, 136 - Santos**  
[meet.google.com/fmx-djdt-ink](https://meet.google.com/fmx-djdt-ink)

**contribuições para:**  
[frentesaudemental@gmail.com](mailto:frentesaudemental@gmail.com)



**17/08 - 17:30**

ABRIL

01



## 50 ANOS DO GOLPE DE 64: RESISTIR É PRECISO!

Filme e debate - "1964 - Um Golpe Contra o Brasil" -  
Documentário de Alípio Freire

**Unifesp - Silva Jardim, 136**  
**Santos - saguão - 16h**

CRDH - Centro de Referência em Direitos humanos da Unifesp BS  
Curso de Serviço Social  
Comitê Popular de Santos pela Verdade, Memória e Justiça  
Comissão da Verdade "Marcos Lindenberg"  
Cinema e Direitos Humanos  
Programa de Educação Popular - PET Educação Popular

# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL



- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - CAMPUS BAIXADA SANTISTA  
- RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM REDES DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL  
- CENTRO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS DA UNIFESP-BS  
- PROJETO DE EXTENSÃO CULTURA DA PALAVRA  
- PROGRAMA DE RÁDIO VOZES DA VOZ  
- PET EDUCAÇÃO POPULAR - RÁDIO SILVA



ENCONTRAM  
- USUÁRIOS, FAMILIARES, TRABALHADORES, GESTORES DA  
REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DA BAIXADA SANTISTA  
PARA  
- "RÁDIO" "MÚSICA" "POESIA" "LITERATURA"  
- "TEATRO" "EDUCAÇÃO POPULAR" "ALEGRIA"  
- "BATE-PAPO" "EXPOSIÇÃO" "TROCAS"

## OCUPA A CONCHA

18/11/2019  
SEQUOIA-FEIRA  
14H

LOCAL: CONCHA ACÚSTICA DE SANTOS  
(CANAL 3 COM A PRAIA)



RÁDIO SILVA - BS  
HTTP://WWW.FACEBOOK.COM/202220201902  
HTTP://WWW.EDUCACAO-POPULAR.BS@UNIFESP.COM

**Data:** 15/07 **Horário:** 18h30 **Sessão:** 75

**Título da Atividade:**  
- EDUCAÇÃO POPULAR, ALFABETIZAÇÃO E SAÚDE  
FRENTE À VIOLAÇÃO DE DIREITOS: POTENCIALIDADES  
DA EXPERIÊNCIA NO MORRO DA PENHA (SANTOS/SP)

**Expositores:** Maria Líduina Silva, Raiane Assumpção, Camilla Padoin, Gisela Silva, Maira Gabriel

Participe! Faça sua inscrição gratuita.  
UNIFESP  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR  
www.congressoacademico.sites.unifesp.br



PET EDUCAÇÃO POPULAR CONVIDA:

## SELEÇÃO DE VOLUNTÁRIOS EXTENSIONISTAS

PARA ATUAÇÃO NA SAÚDE MENTAL NA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO POPULAR

**RODA DE CONVERSA**  
**DIA 16/03 - 17:30**  
**SALA 228**



**OFICINA DE PINTURA  
CORPORAL GUARANI MBYA:  
RESISTÊNCIA E  
CULTURA**  
PELO "PET EDUCAÇÃO POPULAR"

**NO V CONGRESSO DA UNIFESP**

**DIA 5 DE JUNHO  
DAS 18H AS 19H**  
RUA SILVA JARDIM, 136 - SANTOS  
SAGUÃO PRINCIPAL



# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL







**PET**  
**EDUCAÇÃO**  
**POPULAR**  
CRIANDO E RECRIANDO  
A REALIDADE SOCIAL

**UNIFESP**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
1933

**MEC**  
MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL  
**PET**

# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL

**Tekoa Paranapuã e os Juruá**

CLARICE POTY 29/09 - 14H

Educação e cultura indígena:  
Leitura da palavra e Leitura do mundo

CARVALHO DE MENDONÇA - SALA 706

TEKOA PARANAPUÃ

LINIEFESP

MAURÍCIO MIRAM



**Jornada de Direitos Humanos e Direito à Água**

17-05 - Quinta-feira - 17h

LINIEFESP - Carvalho de Mendonça, 114



**IV Fórum Educação Popular**

VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

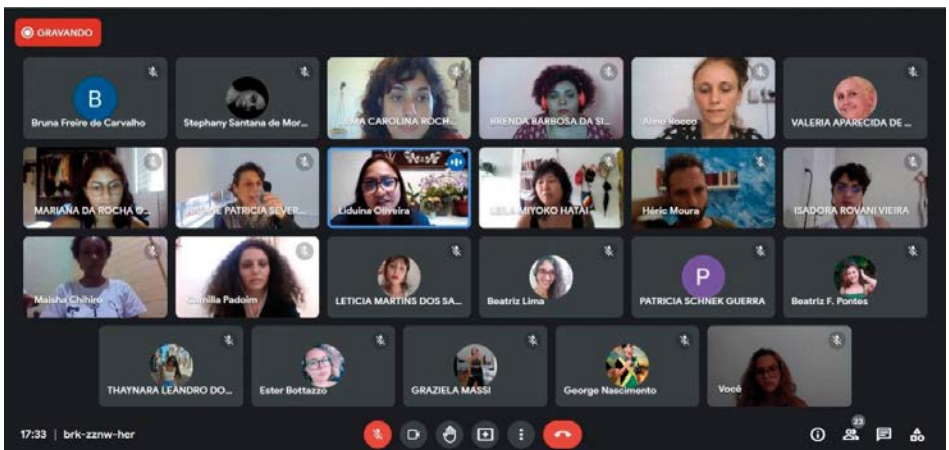
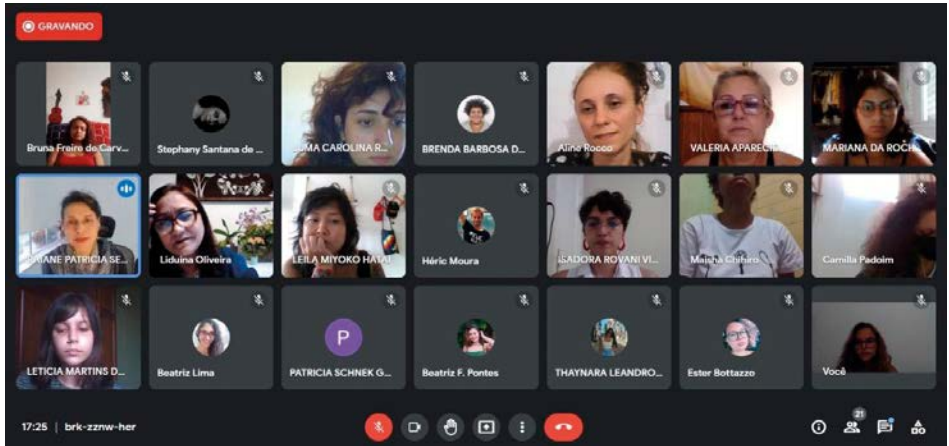
**PROGRAMAÇÃO:**

- 12:00 hs - Credenciamento
- 12:30 hs - Intervenção Frente Corpo e Cultura
- 13:00 hs - Roda de Conversa - Análise de Conjuntura
- \*Convidado: Prof. Michelangelo Torres (Educador Popular)
- 14:00 hs - Intervenção Cênica - Debate sobre o tema
- 15:30 hs - Oficinas Temáticas
- Educação Popular X Educação Tradicional
- Educação Popular e Povos Tradicionais
- Educação Popular e Saúde
- Educação Popular e População em Situação de Rua
- Educação Popular e Arte Formativa
- 17:30 hs - Fechamento das Oficinas - Debate
- 18:30 hs - Encerramento
- \*Coffee break

**REALIZAÇÃO:**

**INSCRIÇÕES ABERTAS!**

UNIFESP/BS  
DIA: 21/10/16  
DAS 12 às 18hs  
Saguão Lateral Silva Jardim



# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL

**FÓRUM DE EDUCAÇÃO POPULAR IX** 10/11 ÀS 17H

TEMA: O legado de Paulo Freire e suas contribuições para a atual conjuntura.

Via Meet  
meet.google.com/brk-zziw-her




PET EDUCAÇÃO POPULAR  
UNIFESP  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

**PROGRAMAÇÃO** 10/11 ÀS 17H

- Mística: Coral Mborai Mirim.
- Fala de Abertura.
- Apresentação cultural: poesia.
- Roda de conversa.
- Apresentação cultural: poema.
- Roda de conversa.

Apresentação das frentes do PET Educação Popular.

Encerramento cultural.



PET EDUCAÇÃO POPULAR  
CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL

**PROCESSO SELETIVO 2019**  
BOLSISTA (1) E VOLUNTÁRIOS

ONDE? NA SALA 208  
QUANDO? 11 DE JUNHO DE 2019, A PARTIR DAS 18H  
O PROCESSO? DINÂMICA E RODA DE CONVERSA




PARA PARTICIPAÇÃO, NOS ENVIE FICHA DE INSCRIÇÃO, CARTA DE INTERESSE E HISTÓRICO ACADÊMICO (COM ORÇ) ATÉ O DIA 10 DE JUNHO DE 2019.  
PETEDUCAOPOPULAR@GMAIL.COM



**INTRAPET**

**PET EDUCAÇÃO POPULAR**

PANDEMIA E A UNIVERSIDADE: DILEMAS E DESAFIOS POSTOS PARA E COM A EDUCAÇÃO POPULAR.

15 de Setembro de 2020  
9h às 11h

10 Anos PET EDUCAÇÃO POPULAR  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO




# V FÓRUM DE EDUCAÇÃO POPULAR

Educação, Ideologia e  
Direitos Humanos

07  
12  
17

Das 13h às 21h

UNIFESP  
Baixada Santista

Rua Silva Jardim, 136  
Vila Mathias, Santos  
Saguão Principal

## Programação

### Credenciamento

12:30h

### Abertura

Sarau com microfone aberto

13:30h

### Roda de Conversa

Fala de abertura com  
Profª Drª Raiane Assumpção

14h

### Oficinas I

- Racismo e Gênero, Brenda Barbosa (lab. de sensibilidades)
- As mulheres indígenas, Suzana Yva Rete (saguão principal)
- Vanessa Ara Mirim e Lilian Tupã Rendy

14:30h - 15:30h

### "Cine Pop com Pipoca"

Exibição do documentário (saguão lateral)  
"Vila Sapo: muitas vidas, uma história".

14:30h - 16:30h

### Oficinas II

- Educação nas Prisões, Gabriela Prado (lab. de sensibilidades)
- Direito à Alimentação, nutricionista Samanta (saguão principal)

15:30h - 16:30h

### Socialização e café da tarde

16:30h

### Roda de Conversa

"Educação, Ideologia e Direitos Humanos"  
Convidado(a) a confirmar

17:30h

### Encerramento

Apresentação musical de Obinrin Trio

19h



Realização

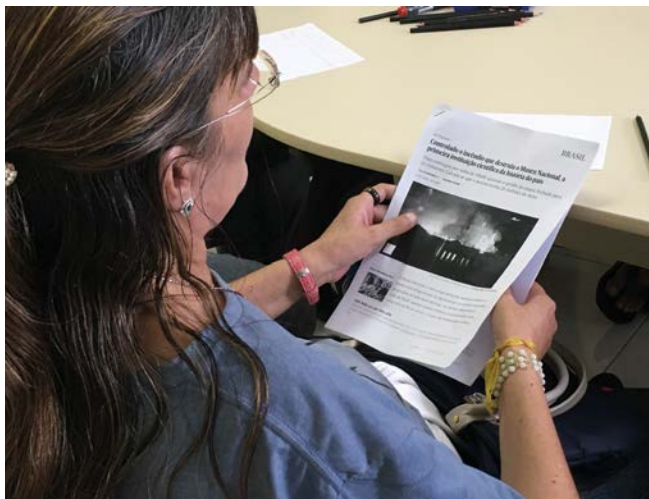


Apoio



# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL



Roda de conversa  
de apresentação do

# P E T

Educação Popular

27/03  
17:30

sala 208 - Unifesp - Silva Jardim



**PET**  
Educação popular convidada

**EDUCAÇÃO POPULAR: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS**

**DEBATE COM MAURO IASI**

**29/11**  
**17:00h**

**29 DE NOVEMBRO 17H00**  
SALA PRINCIPAL DA UNIFESP SILVA JARDIM

**DESAFIOS E AVANÇOS DA FRENTE CULTURA DA PALAVRA DO PET EDUCACAO POPULAR NOS CENTROS DE ATENCAO PSICOSSOCIAL DA CIDADE DE SANTOS**

**INTRODUÇÃO**

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

**OBJETIVOS**

**CONCLUSÃO**

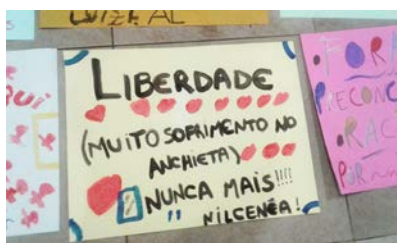
**METODOLOGIA**

**REFERÊNCIAS**



# GALERIA DE FOTOS DO PET EDUCAÇÃO

POPULAR CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL







## **ENSINAR EXIGE CORPOREIFICAÇÃO DA PALAVRA PELO EXEMPLO**

O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem discordando do seu oponente, não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida, bem maior, às vezes, do que a razão mesma da discordância. [...]

Faz parte do pensar certo o gosto da generosidade que, não negando a quem o tem o direito à raiva, a distingue da raivosidade irrefreada.

FREIRE. Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. Edição. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1996.p.35.

